Mulheres:

Fé, Direitos e Justiça

Apoio a lideranças femininas nas igrejas para a superação da desigualdade de gênero

CONIC

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC
SCS Quadra 1 – Bloco E – Edifício Ceará,
Sala 713 - CEP: 70309-900 – Brasília – DF
Fone/Fax: (61) 3321-4034
E-mail: conic@conic.org.br

Publicação não destinada à venda. Distribuição realizada pelo CONIC.

Todos os direitos reservados 2021

DIRETORIA DO CONIC

PRESIDENTE
Inácio Lemke - IECLB

1º VICE-PRESIDENTE
Anita Sue Wright - IPU

2º VICE-PRESIDENTE
José Bizon - ICAR

SECRETÁRIA
Magda Guedes - IEAB

TESOUREIRO
Mayrinkellison Wanderley - ABB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO E-BOOK 6

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 15

Contexto da desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres

CAPÍTULO 2 21

Por que as religiões devem assumir o enfrentamento das desigualdades de gênero

CAPÍTULO 3 24

Os verbos se fazem em vozes de mulheres

CAPÍTULO 4 29

Argumentações das religiões para a defesa dos direitos das mulheres. Como sua fé motiva para a luta por direitos e justiça para as mulheres?

CAPÍTULO 5 63

Avanços e desafios nas tradições de fé na defesa dos direitos das mulheres

CAPÍTULO 6 74

Análise crítica: diaconia: testemunho por fé e direitos ou trabalho assistencial das igrejas?

CAPÍTULO 7 81

Ciranda inter-religiosa de mulheres por direito e justiça

REFERÊNCIAS 83

MAPEAMENTO 86

APRESENTAÇÃO DO E-BOOK

Apresentação

Anita Whright Torres[1]

É com muita alegria que apresentamos este e-book, que é o resultado do projeto que o CONIC abraçou: Apoio a lideranças femininas nas igrejas para a superação da desigualdade de gênero, cujo objetivo era o de "fortalecer o papel das mulheres de fé para a promoção da justiça de gênero, ampliando suas capacidades para a busca da igualdade, bem como para o enfrentamento de normas sociais que propagam a violência de gênero".

As rodas de conversa com o tema "Mulheres: Fé, direitos e justiça" trouxeram reflexões e desafios, entre eles o de "identificar os limites bíblico-teológicos, pastorais e diaconais que persistem nas comunidades de fé para que as mulheres sejam plenamente reconhecidas em sua dignidade e protagonismo".

Este e-book quer tornar visível a invisibilidade da mulher. As mulheres são visíveis para os trabalhos de limpeza, organização dos espaços litúrgicos, visitação às pessoas doentes, mas são invisíveis nos espaços de liderança, ordenação e participação igualitária aos homens, o que impede o protagonismo que lhes é de direito.

Queremos dar visibilidade às mulheres de diferentes religiões, que compartilham aqui suas experiências de vida e de fé, sua visão de mundo e sua busca de dignidade, exercendo sua autonomia e protagonismo.

Em pleno século XXI, ainda nos deparamos, na maioria das comuni-

1 Presbítera da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil e primeira vice-presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil.

dades de fé, com um sistema patriarcal de poder, hierarquia e religiosidade, mas encontramos, nessas mesmas comunidades, mulheres que buscam e exercem o diálogo, o respeito mútuo, a sororidade, a solidariedade e a resiliência na busca do bem viver, procurando apropriar-se de seus espaços para serem protagonistas de sua história

A análise da diaconia nas comunidades de fé, com a dicotomia "trabalho assistencial x resgate de autonomia e direitos", encerra este e-book e convida, especialmente as lideranças religiosas, a fazerem uma autoavaliação de seu trabalho e missão. Diaconia é serviço à pessoa próxima, não com assistencialismo, mas com voz profética que se concretiza na promoção dos valores do Reino de Deus[2], que se concretiza na paz com justiça, na equidade de direitos, no bem viver.

Não podemos deixar de mencionar que a pandemia de COVID-19 tornou visíveis as desigualdades em nosso país, com o aumento da violência doméstica; houve um crescimento de 14,1% no número de denúncias feitas nos primeiros quatro meses de 2020 em relação a 2019. Segundo dados da ONU Mulheres Brasil, a cada duas horas uma mulher é assassinada, e o lar/ambiente doméstico é o espaço de maior risco para as mulheres.

No centenário de nascimento de dois brasileiros que dedicaram sua vida à defesa de direitos e da vida, convidamos você para mudarmos os dados e as histórias explicitados aqui, oportunizando a conjugação do verbo "Esperançar", segundo Paulo Freire, e seguindo "De esperança em esperança", como fazia D. Paulo Evaristo Arns.

2 Cf. Zc 7.8-10; Mt 5; Lc 16.39-31.

Meu rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos e ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques
do meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, em que as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.
As contas do meu rosário fizeram calos
em minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,
nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
eu diria, porém, que há vidas-blasfemas).
Nas contas de meu rosário eu teço intumescidos
sonhos de esperanças.
Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades

e embalo a dor da luta perdida nas contas
de meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas do meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuta em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma

e descubro que ainda me chamo Maria[3]

3 EVARISTO, Conceição. Meu Rosário. In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

INTRODUÇÃO

Introdução

Este e-book é resultado do projeto Apoio a lideranças femininas nas igrejas para a superação da desigualdade de gênero. O projeto iniciou-se em novembro de 2019, com o objetivo de fortalecer o papel das mulheres de fé para a promoção da justiça de gênero, ampliando suas capacidades para a busca da igualdade, bem como para o enfrentamento de normas sociais que propagam a violência de gênero, e recebeu o apoio da Campanha de Desenvolvimento Mundial, da Igreja Presbiteriana na Irlanda, por intermédio da Christian Aid/Brasil.

O lançamento do projeto foi realizado durante a apresentação pública da primeira tradução para a língua portuguesa da Bíblia para as mulheres, organizada, no século XIX, por Elizabeth Cady Stanton[4].

Ao analisar os principais textos bíblicos que justificam a submissão das mulheres com uma bem fundamentada crítica exegética, Elizabeth e suas companheiras esforçaram-se para encontrar as raízes religiosas da opressão das mulheres, em especial, no Primeiro Testamento e na Igreja Primitiva. A tradução para o português da Bíblia para as Mulheres é oportuna no contexto de fortalecimento de movimentos fundamentalistas que atuam de forma organizada para destituir as mulheres dos direitos conquistados.

A execução do projeto sofreu os percalços da pandemia da COVID-19, que exigiu adaptações que contemplassem, em primeiro lugar, o apoio emergencial para a Casa Noeli dos Santos, em Ariquemes/RO, que, no

4 STANTON, Elizabeth Cady. A Bíblia para as mulheres. Tradução de Ruth Barros. Org. Bianca Daébs Seixas Almeida. São Leopoldo, RS: CEBI; Livraria Anglicana, 2019.

início da pandemia, teve um aumento de 30%[5] de mulheres que buscaram abrigo por causa da violência sofrida. Todas as atividades que originalmente seriam presenciais foram alteradas para o formato virtual, o que exigiu o desenvolvimento de metodologias específicas.

Este e-book é muito mais que uma descrição da experiência. Ele tem como função compartilhar as reflexões das mulheres que participaram de duas rodas de conversa com o tema "Mulheres: fé, direitos e justiça". A partir da análise dos desafios apontados pelas participantes, este material pretende contribuir para, em primeiro lugar, identificar os limites bíblico-teológicos, pastorais e diaconais que persistem nas comunidades de fé e, assim, contribuir para que as mulheres sejam plenamente reconhecidas em sua dignidade e protagonismo.

O e-book faz memória às mulheres vitimadas pelo feminicídio durante a pandemia. Esta memória, no contexto da execução do projeto, foi realizada na celebração online "Em memória delas", que encerrou a segunda roda de conversa "Mulheres: fé, direitos e justiça". Outro objetivo deste e-book é visibilizar as ações e os projetos desenvolvidos pelas igrejas e por outras expressões de fé para a promoção da justiça de gênero e o enfrentamento de todas as formas de violência de gênero. Ao visibilizar essas inciativas, pretende-se contribuir para a interação entre elas, fortalecendo a perspectiva do compartilhar ecumênico de recursos.

5 Este número é subestimado, uma vez que mulheres buscam ajuda em delegacias não especializadas durante as madrugadas, quando as Delegacias de Atendimento às Mulheres estão fechadas. Os agentes de segurança de plantão das delegacias comuns nem sempre têm a sensibilidade e preparo para encaminhar corretamente as mulheres.

Introdução

Resgatando Eduardo Galeano[6], desejamos que este e-book contribua para o enfrentamento da solidão muitas vezes vivida pelas mulheres nas comunidades de fé. Não são raras as vezes em que mulheres, em seus relatos, se apresentam como pessoas que não são reconhecidas como sujeitos plenos. Elas são encontradas e desencontradas. Encontradas para os trabalhos de limpeza, organização dos altares, visitação a pessoas doentes e desencontradas para ocupar espaços de liderança, ordenação e participação em igualdade com os homens. O drama vivido pelas mulheres nas comunidades de fé pode ser caracterizado por uma relação de desvinculação da promessa de Deus por justiça e paz, concretizada no Batismo. Essa desvinculação ocorre a partir das diferentes hermenêuticas bíblicas e doutrinas religiosas que insistem em apresentar as mulheres como ameaça para a salvação dos homens, e não como partícipes da graça amorosa de Deus.

Agradecemos profundamente à Igreja Presbiteriana na Irlanda e à Christian Aid pelo apoio e pela confiança. Da mesma forma, nosso agradecimento a todas as mulheres que participaram das rodas de conversa e da celebração, compartilhando, em uma grande ciranda inter-religiosa, sua visão de fé, da vida e da experiência com Deus. Somos muito gratas à Yury Orozco e à Leila Gomes Apolinário pela condução e pela organização das atividades deste projeto.

6 A frase de Eduardo Galeano a qual fazemos referência diz: "Somos uma sociedade de solidões, que se encontram e desencontram sem reconhecer-se. Eis nosso drama: um mundo organizado para o desvinculo, onde o outro é sempre uma ameaça e nunca uma promessa". Ver: GALEANO, Eduardo. La naturaleza no es muda. Montevideo: Brecha, 2008.

Capítulo

1

CONTEXTO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Deparamo-nos com um contexto econômico, político e religioso neoliberal articulado com agendas conservadoras que rompem com os anseios de diálogos e de pautas com os setores populares progressistas da sociedade civil.

No que se refere às mulheres, projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional e políticas públicas contrariam todas as recomendações dos Consensos internacionais, regionais e nacionais em relação aos direitos. Trata-se de uma série de propostas proibitivas que tentam, de todas as maneiras, cercear ainda mais os direitos das mulheres já tão desrespeitados.

Os canais de diálogo entre as instâncias governamentais e as organizações de mulheres estão fragilizados e, dessa maneira, sua cidadania e a pauta dos direitos sofre restrições ou seguidas tentativas de anulação de suas conquistas. As políticas públicas para mulheres configuram-se em meros paliativos e são, quase sempre, usadas como moedas de trocas no contexto eleitoral.

A expressão “ideologia de gênero” tem motivado a organização de movimentos como Escola Sem Partido e pela Educação Domiciliar, ambos protagonizados por ativistas conservadores de matriz cristã, que incidem em políticas públicas, em especial, as relacionadas ao currículo escolar. Esses ativistas atuam fortemente nas redes sociais e na grande mídia com o objetivo de negar o caráter científico/acadêmico do campo de estudos sobre gênero. O movimento “ideologia de gênero” recoloca em cena bandeiras relacionadas à preservação da família tradicional, reprodutora de hierarquias e desigualdades; ao anseio de controlar a

sexualidade e de negar arranjos que fujam da heterossexualidade compulsória; e à ativação do antigo slogan que associa a defesa de direitos com a intervenção de grupos e agências internacionais.

As pesquisadoras Flávia Biroli e Débora Françolin Quintela[7] caracterizam esse movimento como moralismo compensatório, que tem uma "agenda ideológica que reivindica políticas concretas, a partir do poder executivo, a fim de restringir o acesso a direitos e produzir novos enquadramentos para políticas públicas e diretrizes de médio prazo". Segundo a pesquisadora, o moralismo compensatório reafirma a família como âmbito privilegiado para a proteção e o controle. O moralismo compensatório está intrinsecamente vinculado com a agenda neoliberal de "austeridade" econômica que reduz o papel do Estado em áreas centrais relacionadas à proteção e ao cuidado, como, por exemplo, creches, escolas públicas, casas de repouso para pessoas idosas, entre outras. Ao tornar tais áreas como serviços privados, as famílias passam a ser mais exigidas. No que diz respeito ao controle, a família é acionada para a regulação dos corpos, focando no processo de socialização das crianças, de acordo com os valores tradicionais. As famílias passam a controlar o conteúdo dos currículos escolares e, em algumas situações, reivindicam o direito à educação domiciliar.

Os impactos negativos deste cenário de redução dos serviços públicos ofertados pelo Estado para a garantia de direitos recaem de forma direta sobre as mulheres. Na divisão sexual do trabalho, cabe às mulhe-

7 BIROLI, Flavia; QUINTELA, Débora Françolin. Mulheres e direitos humanos sob a ideologia da "defesa da família". In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). Governo Bolsonaro. Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. posição 5175. E-book.

res tudo o que está relacionado ao cuidado no espaço familiar. Elas se veem, em muitas situações, obrigadas a optar entre o emprego remunerado e o cuidado doméstico não remunerado. O sentimento de culpa que surge quando precisam eleger entre um e outro as fragiliza, expondo-as ainda mais ao desemprego, à violência e a problemas de saúde. As mulheres negras e as mulheres em vulnerabilidade econômica são as mais expostas. Cenário contraditório, em tempos em que a defesa dos valores da "família" e a exaltação do papel da mulher são exaltados e promovidos.

A pandemia da COVID-19, entre seus muitos impactos, tornou ainda mais visíveis as desigualdades do nosso país, bem como a cultura da violência, que se manifesta, em grande medida, pelo racismo e pela misoginia. Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (CNDH) mostram que a violência contra a mulher teve um aumento médio de 14,1% no número de denúncias feitas nos primeiros quatro meses de 2020 em relação ao ano de 2019. O mês de maior destaque foi abril/2020, que, comparado ao mesmo mês, em 2019, teve 37,5% de aumento.

No mundo, mesmo antes da COVID-19, uma em cada três mulheres havia sofrido violência física ou sexual durante a sua vida.

Em relação aos feminicídios, de acordo com o relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ao comparar o período acumulado entre março e maio de 2019 e de 2020, alguns estados lideram o ranking de crescimento de casos: Acre, com um aumento de 400%, de 1 caso (2019) para 5 (2020) casos; e Mato Grosso, com acréscimo de 157,1%, de 7 casos

(2019) para 18 (2020) casos. Já no Maranhão, o índice foi de 81,8%, de 11 casos (2019) para 20 (2020) casos. No Pará, o crescimento foi de 75%, de 8 casos (2019) para 14 (2020) casos. Por outro lado, alguns estados apresentaram reduções, como Amapá (100%), Rio de Janeiro (44%) e Espírito Santo (42,9%).

Segundo dados da ONU Mulheres Brasil, a cada duas horas uma mulher é assassinada. No ano de 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas e 68% das vítimas eram negras. Entre 2008 e 2018, os assassinatos de mulheres negras aumentaram 12,4%, enquanto os assassinatos de mulheres não negras diminuíram 11,7%. Em 2019, a polícia registrou 66.123 casos de estupros: 85,7% eram mulheres e 57,9% das vítimas tinham menos de 13 anos de idade.

O relatório Visível e invisível: a vitimização da mulher no Brasil[8], aponta que o lar é o espaço de maior risco para as mulheres. No ano de 2020, segundo o estudo, 48% das mulheres relataram que a violência mais grave que elas sofreram foi no ambiente doméstico. A rua aparece em 19,9% dos relatos e o ambiente de trabalho, em 9,4% dos casos.

Esses dados denunciam a idealização da família e se contrapõem à fantasia de que o lar é um ambiente isento de abusos e violências. Muitas formas de ler os livros sagrados e algumas elaborações teológicas contribuem, direta ou indiretamente, para justificar esse cenário de subjugação e submissão das mulheres. Como já identificava, no

8 VISÍVEL e invisível: a vitimização das mulheres no Brasil. 3. ed. São Paulo: Fórum de Segurança Pública; Data Folha, 2021. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf. Acesso em: 5 jul. 2021.

século XIX, Elizabeth Cady Stanton[9], é necessário superar as teologias que dizem que a mulher trouxe pecado e morte para o mundo, que foi a mulher que precipitou o pecado e que, por isso, ela será julgada nos céus, condenada e sentenciada. Essa é a visão religiosa que perpetua a cultura patriarcal.

9 STANTON, 2019.

Capítulo

2

POR QUE AS RELIGIÕES DEVEM ASSUMIR O ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Capítulo 2

A cultura brasileira é fortemente influenciada pela visão religiosa, especialmente cristã, sobre o papel e o lugar das mulheres na sociedade e nas igrejas. Os valores religiosos carregam uma força simbólica que atua subjetivamente e se constitui em fundamento para as relações sociais de gênero.

Sobressai, na maioria das religiões, um marco conceitual, doutrinário, interpretativo, litúrgico e de tradições que legitima e reforça a exclusão e a subordinação das mulheres.

Quando falamos de mulheres, nós nos referimos às negras, às indígenas, às de diferentes orientações sexuais, às meninas, às idosas, às moradoras de rua, às imigrantes, às prostitutas, às jovens, às camponesas, às trans. São mulheres pertencentes a diferentes territórios, culturas, que têm práticas, espiritualidades e histórias as mais variadas. Essas mulheres estão inseridas em diferentes contextos e sofrem os impactos das múltiplas compreensões promovidas sobre o papel da mulher pelas tradições religiosas presentes nesses territórios.

A experiência religiosa da qual fazemos parte se caracteriza pela presença majoritária de homens nos espaços de decisão das comunidades de fé. Sendo assim, a experiência de fé que conhecemos e que nos orienta é a experiência religiosa dos homens, que assumem e reproduzem a cultura patriarcal.

A exaltação das representações masculinas de Deus como pai, senhor, salvador, juiz, guerreiro em interpretações teológicas e doutrinais, induz à crença de que os homens estão mais próximos de Deus do que as mulheres, o que reforça as relações de poder desiguais nas tradições de fé

O direito exclusivo de ser o mediador entre a divindade e a humanidade é atribuído a um sujeito masculino, formado em uma cultura patriarcal.

As experiências religiosas das mulheres não são incorporadas como experiências salvíficas em muitas religiões; por isso, as imagens de Deus que conhecemos são imagens masculinas. Fiorenza[10], com muita propriedade, chama essa estrutura de Kyriarcado, palavra derivada do grego Kyriake, que significa, literalmente, "estrutura de senhorio", de "domínio do senhor", "aquilo que pertence ao senhor, ao pai, ao patrão, ao marido".[11]

A partir do encontro com mulheres de diferentes tradições religiosas e espiritualidades, percebemos a importância e a urgência de que, religiões e suas instituições grupos sociais e movimentos que reconhecem na espiritualidade um pilar compartilhassem as dificuldades, avanços e desafios para a realização de trabalhos com mulheres. É possível, nestes trabalhos apresentar um olhar crítico sobre o papel das mulheres na sociedade e nas comunidades de fé. Uma pergunta que perpassou o diálogo foi se existe abertura para o questionamento de documentos e construções dogmáticas e doutrinárias que submetem as mulheres?

No capítulo seguinte deixaremos ecoar as vozes de inúmeras mulheres de diferentes tradições de fé e suas percepções sobre os desafios para uma experiência religiosa respeitadora da autonomia e das individualidades das mulheres.

---

10 FIORENZA, Elizabeth Schüssler. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. Revista Concilium, Rio de Janeiro, Vozes, n. 281, p. 3, 1999.

11 FIORENZA, 1999.

Capítulo

3

OS VERBOS SE FAZEM EM VOZES DE MULHERES

As vozes falam sobre por que fé: direitos e justiça?

"É importante o trabalho com mulheres, porque as mulheres na igreja nem sempre são apoiadas, apesar de fazerem na igreja tudo, são submissas (ao pároco, ao coordenador, ao pastor) a maioria das pessoas que integram a comunidades de fé são mulheres"

"Porque, como mulheres, escutamos outras mulheres, porque escutamos mulheres adolescentes, sobre o sofrimento com a violência"

"Pela necessidade das mulheres de serem acolhidas"

"Pela necessidade de trazer a discussão para igreja sobre a violência de gênero"

"Pela importância do cuidado com as outras pessoas, do cuidado de quem cuida"

"Porque líderes religiosos também podem se valer de seu poder, carisma e influência para assediar e agredir mulheres"

"Porque, como mulher, posso entender outras mulheres"

"Por que Cristo traz dignidade para as mulheres"

"Porque Cristo propõe igualdade para homens e mulheres"

"Porque ainda temos uma cultura machista"

"Porque precisamos capacitar as mulheres, conscientizar sobre temas

difíceis como o machismo”

“É necessário trabalhar masculinidade, para combater a violência contra as mulheres”

“Porque desejamos visibilizar as mulheres na Teologia e na História pela luta por direitos”

“Porque estar entre mulheres nos alimenta”

“Para que as mulheres possam ter vez e voz, viver a diversidade, viver sua religião, sua cultura”

“Pela economia do cuidado/economia feminista, para colocar a vida, e não o mercado, no centro”

“Porque as mulheres andam muito sobrecarregadas”

“Pelas próprias experiências nas discriminações sofridas”

“Porque as exigências são maiores para as mulheres”

“Para destruir o machismo estrutural na sociedade e nas igrejas”.

As religiões e os movimentos de espiritualidade, nas suas diversas conformações, ao fazerem parte da sociedade, promovendo princípios e valores com o horizonte de contribuir para um mundo melhor, têm o dever de olhar, em profundidade e criticamente, a situação das mulheres no mundo.

Esse olhar crítico implica:

1. Denunciar o injusto, antiético e amoral, que as mulheres, pelo fato de serem mulheres, precisam viver em situações de desigualdade;

2. Fazer uma análise crítica e perguntar-se em que medida tem contribuído para que no mundo as mulheres estejam em situação de desigualdade em relação aos homens;

3. Denunciar o sistema capitalista, nas suas formas diversas: racista, sexista e classista;

4. Reconhecer que as mulheres, maioria nas comunidades de fé, são as construtoras diárias da sobrevivência desses espaços. Mas, mesmo assim, seus direitos e sua dignidade não são respeitados e, por vezes, nem reconhecidos;

5. Desvendar ou revelar, em profundidade, quais são os fundamentos da sua experiência de fé que podem contribuir para superar as desigualdades das mulheres;

6. Ser porta-voz nas diferentes instâncias sociais e denunciar a negação dos direitos e as discriminações sofridas pelas mulheres;

7. Promover espiritualidades que resgatem uma reconciliação dos seres humanos, entre eles mesmos, e com o planeta;

8. Resgatar as práticas históricas de compromisso ao lado das mulheres, como uma herança que contribuiu e pode seguir contribuindo para o fortalecimento e a autonomia delas;

9. Acolher, sem preconceito e com seriedade, os estudos provenientes de intelectuais feministas de diferentes áreas do conhecimento que refletem sobre as raízes religiosas de legitimação da submissão das mulheres, acolhendo as saídas propostas já identificadas pelas mulheres em suas elaborações bíblicas e teológicas;

10. Denunciar a homofobia e promover a acolhida e o amor carinhoso para todas as pessoas, independentemente da sua orientação ou identidade sexual.

Enfim, esse olhar crítico implica que as religiões e os movimentos de espiritualidade assumam que é impossível resolver as desigualdades de gênero sem o compromisso de serem promotores dos direitos das mulheres. Não se pode falar de trabalho pela dignidade das mulheres se este não estiver imbricado com o reconhecimento de sua plena dignidade, integridade, de seu protagonismo e autonomia.

Capítulo

4

ARGUMENTAÇÕES DAS RELIGIÕES PARA A DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES

COMO SUA FÉ MOTIVA PARA A LUTA POR DIREITOS E JUSTIÇA PARA AS MULHERES?

Capítulo 4

A história religiosa da humanidade se caracteriza por ambiguidades. Em muitas situações podemos observar a presença da força religiosa contribuindo para o crescimento e a defesa de um mundo mais humano, a partir de valores como a solidariedade, a compaixão, a equidade e o bem comum. Mas encontramos, por outro lado, a justificativa da violência, a opressão e a morte em nome de Deus.

Essa mesma ambiguidade encontramos quando se trata de analisar o papel da religião na vida das mulheres. Por um lado, existe um pensamento religioso que tem contribuído para reforçar a situação de subordinação das mulheres na sociedade, na família e na cultura, por outro, os espaços das comunidades de fé são reconhecidos por elas com ambientes em que encontram amizade, acolhida, compreensão e palavras de conforto ante as situações cotidianas, o que se reflete em uma participação majoritária de mulheres nos mais diversos espaços religiosos.

Em contraposição aos argumentos religiosos que reforçam o papel social desigual ocupado pelas mulheres na sociedade, encontramos argumentos religiosos que permitem fortalecer uma cultura favorável aos direitos das mulheres, tanto na sociedade como nas próprias religiões.

Queremos revelar este lado das tradições de fé que pode fortalecer a vida das mulheres e ser respaldo para que elas não interpretem as situações de opressão e violência como vontade divina ou como sacrifico religioso. Ao contrário, a partir do olhar de mulheres praticantes e estudiosas de diferentes religiões, resgatamos e destacamos dimensões da fé que fortalecem e promovem a dignidade, a integridade, o protagonismo e a autonomia das mulheres.

Abaixo, compartilhamos estes olhares apresentados por mulheres ativas em comunidades de fé. Elas são lideranças em suas tradições e elaboram teologia a partir das bases da sua fé. Apresentam olhares sobre o sagrado a partir de suas experiências religiosas e do seu engajamento em espaços de reivindicação do direito e da justiça para todas as mulheres.

IYÁ CRISTINA D'OSUN [12]: tradição de matriz africana

Destaca que, nas religiões de matriz africana, a pauta primária é o cuidado do ori, que é o cuidado com o equilíbrio mental. A acolhida com todas as pessoas é fundametal, e são as mulheres que estão à frente desses cuidados, em que há uma interação: uma cuida da outra para que possa cuidar.

Sofremos as angústias de sermos mulheres num país descoberto totalmente dentro do patriarcado.

Quem somos nós, mulheres de tradições de matriz africana? Somos uma tradição religiosa na qual é a mulher quem está à frente dos cuidados, pois somos matriarcais. Falar de mulheres, fé, direitos e justiça é

12 IYÁ CRISTINA D'OSUN é Ìyálórìṣà da Associação Beneficente Educacional e Cultural Ilê Asé Iyalode Oyo. Coordenadora do Núcleo SP da RENAFRO – Rede Nacional de Religiões Afro Brasileira e Saúde, coordenadora no Coletivo Larayo Alta Estima e Ateliê e do Projeto Awon Obirin, conselheira do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo (gestão 2021-2024).

falar do dia a dia de cada uma de nós, mulheres, independentemente da tradição religiosa a que pertencemos. Porque é esse ventre gerador dentro da edificação humana que faz com que nós, mulheres, desempenhemos várias funções dentro do conceito do cuidar e do acolhimento. Em nossas tradições, fazemos isso a toda hora e todo dia; quando nós cuidamos de nossas crianças, das nossas meninas, das nossas iguais, das nossas mais velhas; porque nós falamos de ancestralidade, de acolhimento a partir daquilo que foi deixado oralmente para nós.

Estamos como o planeta, desajustados, mas o nosso planeta interior também se encontra em desajuste neste momento. Como vamos lidar com isso? Como vamos lidar com as diferenças como mulheres na sociedade se, atualmente, século XXI, ainda é a mulher que cuida das muitas dificuldades que a humanidade enfrenta?

A mente humana requer cuidados universais, temos que trazer de volta a consciência da responsabilidade da nossa espécie humana. Temos a responsabilidade dos cuidados com o corpo, os cuidados da mente e com a nossa espiritualidade.

Nesta pandemia, na forma de solidariedade, nós, mulheres das religiões de matriz africana, temos as portas dos nossos terreiros abertas. Por essas portas, não passa só quem é de tradição de religiões de matriz africanas. Por nossos terreiros, passam pessoas de todas as origens, e nós cuidamos de todas, em especial, das que têm a necessidade de serem acolhidas, por qualquer tipo de dificuldades.

Nós cuidamos muito mais, porque a nossa pauta primária é o cuidado do ORI, que é o cuidado com o equilíbrio mental. ORI significa cabeça;

então, nós cuidamos muito mais das nossas crianças, das nossas mulheres, da amiga...

Os povos tradicionais que têm o costume de abraçar, de trocar benção, segurando a mão uma da outra, estar juntas; nesta pandemia, precisamos nos reinventar, então a resistência, neste momento, é afirmar a continuidade, que nós, Mulheres, temos, diante do ventre gerador do universo, de acolher, cuidar e garantir que a vida plena aconteça.

Temos a necessidade de que cada crença e cada fé se unam para fazer um cordão de cuidados universais diante do desafio que a pandemia nos coloca e temos que compartilhar.

REVERENDA ANGLICANA BIANCA DAEBS[13]: tradição de matriz cristã

Destaca o percurso histórico e a fundamentação histórica da participação das mulheres no projeto de construção do cristianismo, na luta pela terra e na defesa dos direitos. Uma fé livre de preconceito, que não limita as relações e a luta pela vida. Os princípios da fé cristã indicam que qualquer pessoa, independentemente de gênero, classe ou raça, é igual perante deus.

13 BIANCA DAEBS é reverenda anglicana, doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia-FACED, mestra em História Social pela Universidade Federal da Bahia/FFCH; graduada em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia-FFCH, licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Dom Pedro II, bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Brasileira e bacharelado em Direito pela Faculdade Dom Pedro II.

Capítulo 4

O cristianismo é uma religião que nasce no contexto de uma sociedade patriarcal e androcêntrica e, desse modo, sob muitos aspectos, reflete as estruturas injustas dessa sociedade.

Existem três bases da fé cristã que nos ajudam a garantir, sustentar e inspiram a luta de mulheres por equidade de gênero, direito e justiça.

O primeiro princípio é sobre a igualdade de gênero, que está calcada na ideia de que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança; não há, na narrativa de Gênesis 1, 26 e 28, uma hierarquia para criação de ambos.

O segundo princípio é o da reciprocidade, a regra de ouro do cristianismo, que nos conduz a amar o próximo como a nós mesmos, sem condicionantes de gênero, raça, classe, crença ou qualquer outra; é simplesmente amar a pessoa próxima. Isso nos garante uma reciprocidade em todas as nossas ações.

O terceiro princípio é o da gratuidade do amor de Deus, porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito para que todas as pessoas que Nele creem não pereçam, mas tenham a vida eterna. Mais uma vez, não há condicionante nem de gênero nem de classe, de raça e sexualidade. O princípio da gratuidade é um princípio amplo baseado apenas no nosso desejo de querer nos aproximar do Sagrado que há na fé cristã.

Uma outra base é a base histórica da fé cristã. Mesmo sabendo que a teologia feminista é um acontecimento que se estrutura entre o século XIX e o século XX, existem muitos registros, na tradição judaico-cristã,

sobre o movimento de mulheres envolvidas na busca de direito e justiça para elas e para os seus e para as suas. Trazemos à memória, para dar voz e vez à trajetória de mulheres, as cinco filhas de Zelofeade: Hogla, Macla, Milca, Noa e Tirza, que, ao questionarem o seu direito à terra, provocaram uma mudança no código jurídico de Israel. É interessante que essas irmãs estavam brigando pelo direito à propriedade da terra. Buscavam o direito à propriedade de uma terra que já era cultivada por elas.

Resgatamos a trajetória de Tamar, que usou seu próprio corpo entre a fronteira moral e a busca pelo Direito de uma mulher viúva em Israel. Tamar não hesitou na luta e na busca pelo seu direito, mesmo quando o instrumento a ser utilizado para isso foi o seu próprio corpo.

Recuperamos também a memória de Maria, mãe de Jesus. Trazida à memória pelo Magnificat. Onde Maria diz: porque Ele olhou a minha pequenez, fez-me Bendita entre as nações, realizou em mim maravilhas; aos poderosos derrubou e aos humildes exaltou, e a sua misericórdia se estende de geração em geração. Maria se coloca cheia de um espírito transformador, de um espírito que se coloca ao lado das pessoas pobres e subjugadas.

Recuperamos a história da mulher do vaso de alabastro, que se constitui em uma sacerdotisa, preparando o corpo de Jesus para os dias difíceis de seu julgamento e posterior condenação.

Recuperamos Maria Madalena, que ultrapassa os limites da Cruz para ser apóstola dos Apóstolos, anunciando a ressurreição de Jesus.

Nós, mulheres, assumimos o protagonismo da história da salvação,

que não está restrita aos homens, nem do ponto de vista da sua interpretação, muito menos da sua concretização no nosso mundo.

MONJA KOKAI[14]: tradição budista

Critica as estruturas patriarcais que agudizam a situação, não só das mulheres, mas de todas as pessoas. Enfatiza que é no encontro e com sabedoria que as mulheres de fé podem encontrar fortalezas no trabalho cotidiano para poder continuar. Quando as mulheres têm oportunidades, aproveitam e atravessam todas juntas de mãos dadas. Ninguém solta a mão de ninguém.

As monjas da tradição religiosa Soto Shu do Japão, o zen do Japão, fazem o voto do Bodhisattva de servir a todos os seres. Não estão preocupadas pela própria iluminação, mas com poder desenvolver ao máximo a capacidade de sabedoria, de compaixão, para poder colocar a serviço de todos. Exige envolvimento, compromisso por todos os seres, especialmente, a sororidade com as outras mulheres. No meio desta crise, com a pandemia, é necessário unir esforços para poder realizar os votos, as boas intenções de ser um pouco Maria, Margarida, de poder ajudar-se, porque muitas pessoas dependem das mulheres.

14 MONJA KOKAI é monja Zen-Budista. Seu nome budista significa Oceano(kai) de vocação/votos(ko). Psicóloga, ordenada pela Monja Coen Roshi, abadessa do Templo Tenzuizenji de São Paulo. Atualmente, é a orientadora da prática Zen-Budista do Zen Vale dos Sinos.

Monja Kokai retoma a fala de Paulo Freire[15] sobre o que é compromisso:

> O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens, verdadeiramente comprometidos, ficam "molhados", ensopados. Somente assim, o compromisso é verdadeiro. Ao experenciá-lo num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente à história, frente aos valores, reflete apenas o medo que se têm de revelar o compromisso. Este medo, quase sempre, resulta de um "compromisso" contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão "comprometidos" consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível.

É um momento em que precisamos nos engajar e trazer o nosso encontro para esse compromisso. O futuro de tantos depende desse compromisso, principalmente, em um momento da realidade do Brasil, que é de tanto retrocesso. A pandemia não podia ter pior momento para vir. Revela os piores gestores na história o país.

Os grupos mais fragilizados, nos que se encontram as mulheres, sim,

15 FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 9.

porque, hoje, quase 60% das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres. Isso não é avanço, não é independência, a mulher tem que se lançar sozinha nessa luta. Isso está sendo uma exigência extrema para elas, isso não é sinal de avanço civilizatório; muito pelo contrário, vivemos em uma sociedade concentradora de renda. O patriarcalismo está no Oriente e no Ocidente. Eu pertenço a uma tradição religiosa fortemente marcada pela cultura patriarcal. O patriarcado está inserido como nunca no nosso Estado de direito, nas nossas instituições.

Esse Estado que legitima as narrativas de violência e não protege as mulheres, não protege grande parte da população. Não protege negros, pobres, crianças. É na intervenção e no trabalho do dia a dia, nos encontros, no trabalho vertical, também horizontal, confiando na sabedoria e na compaixão das mulheres, na determinação delas, na capacidade de encontro, que podemos seguir em frente, atravessando e desafiando o establishment, que não dá oportunidade para as mulheres e, quando dá, a gente aproveita, e atravessamos todas juntas de mãos dadas. NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM.

ETHEL SCLIAR CABRAL [16]: tradição judaica

Aborda uma perspectiva do judaísmo em relação à justiça, aos direitos, à liberdade e às mulheres .

O Judaísmo, na sua origem, sempre foi uma religião de contestação, uma religião bastante revolucionária.

Em relação às mulheres, naquele período da antiguidade remota, nos primórdios, as mulheres, as viúvas, os órfãos, eram ignorados e abandonados à própria sorte.

Nesse mesmo espírito contestatório e inovador, o Judaísmo vai criar uma série de medidas protetivas para resguardar os direitos daqueles que poderiam sofrer injustiças nas mãos dos mais poderosos. São criadas várias legislações. Por exemplo, o Judaísmo vai legislar sobre o aborto para garantir a vida da grávida e a dignidade da mulher. Também cria uma legislação para preservar a dignidade da mulher solteira e para resolver uma série de conflitos intrafamiliares e, principalmente, no âmbito social. Esse corpo legal, chamado *halachá*, é a legislação judaica, que vai detalhar várias medidas. A *halachá* vai evoluindo através do tempo, não é uma legislação estática, como muitos pensam, mas ela

16 ETHEL SCLIAR CABRAL é doutora pela UFSC, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, mestra pelo Centro de Ciências Socioeconômicas. É consultora na área de educação. Atualmente, é conselheira do COMPIR – Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, da FAHECE e da Associação Israelita Catarinense, onde ministra o curso Introdução ao Judaísmo.

vai se adequando às novas demandas, no olhar interpretativo em relação à Bíblia judaica e aos outros livros.

Nos primórdios, o machismo também fazia parte da sociedade. O Judaísmo vai se opor, paulatinamente, ao machismo. Essa oposição foi uma construção, um processo. O Judaísmo vai enfrentando e vai fazer enfrentamentos em relação à desigualdade entre mulheres e homens, inclusive, no período da modernidade. Para isso, surgem movimentos em oposição a esse espírito machista. São movimentos mais contestatórios e revolucionários do Judaísmo.

Nosso debate, nesta roda de conversa sobre "Mulheres: Fé, direitos e justiça", está ocorrendo justamente no momento que nós, judeus, estamos celebrando *pessach*, a festa da liberdade. O que é liberdade no contexto de *pessach*? A liberdade é um movimento que envolve todos nós, é um processo com vários passos, é uma celebração em que a gente combate as injustiças, em que o clamor que nós temos no versículo bíblico de Deuteronômio 16, 20, "Justiça, Justiça, perseguirás", se torna mais forte.

E é na *pessach* que a gente vê o papel relevante da mulher, entre outros, embora muitos falem do papel de Moisés, que, sem dúvida, é o personagem principal, nós temos uma rede que envolve os acontecimentos de liberdade em *pessach*. Nós temos Miriam, que é a irmã de Moisés, temos as duas parteiras, Puá e Sifrá, que se rebelam contra o poder constituído, que é o poder do Faraó, nós temos a mãe de Moisés, Joquebebe, temos a filha do Faraó Batya, nós temos Zípora, a esposa de Moisés.

Então, essas personagens, personalidades e figuras femininas vão

entrelaçando os passos que nos levam à liberdade. A liberdade que a gente celebra hoje, como canta Miriam depois da Travessia do Mar dos Juncos, é uma liberdade em conjunto, como foi falado aqui: "Ninguém solta a mão de Ninguém", uma liberdade que vai continuar até *Shavuot*, em que se celebra a liberdade ética, um pacto, com contrato social, que é dado no cenário do recebimento da Torá, dos dez mandamentos.

Na cena famosa em que o mar se abre, o mar só se abre quando todos colocam o pé na água, todos juntos, esse movimento no mar repleto de junco. O que é o junco? É o mar repleto de obstáculos, mas que a gente pode atravessar, e o junco é o suporte no que a gente vai fazer papiro. O que é o papiro? É onde se escreve, é o conhecimento, é o livro. Então a liberdade, a justiça, nosso papel, passa pelo conhecimento, passa pelo estudo, pelo saber, nós somos envolvidos por isso, nós atravessamos o conhecimento.

Miriam celebra essa travessia do conhecimento: quanto mais a gente conhece, quanto mais a gente caminha, mais livre a gente se torna.

Tem uma *midrash*, uma passagem talmúdica, que diz: "Foi pelo mérito das mulheres justas, que nossos antepassados foram redimidos em *Mizgian*". *Mizgian* é uma palavra que nós usamos para o Egito. Eu evito usar Egito e prefiro usar *Mizgian*. Egito é uma palavra contemporânea, moderna. *Mizgian* tem um significado de fronteiras que oprimem, que encarceram. Então, quando você rompe com *Mizgian*, você rompe com suas fronteiras.

Nós temos várias outras figuras importantes: as matriarcas Sara, Rebeca, Raquel e Léia, as três mulheres de *shavuot*, Noemi, Rute, Orfa,

e figuras proeminentes, como as filhas de Rashi. Eu gostaria de terminar com uma mensagem que nós encontramos no relato de Gênesis em que Deus diz que nos criou, que o ser humano foi criado macho e fêmea ao mesmo tempo, ou seja, igualitário. O Judaísmo não tem uma representação hierárquica de relação com Deus. Não existe isso, todos somos iguais e, em cada geração, um é chamado a dar a sua contribuição.

SHIRLEY KRENAK:[17] pertence ao povo krenak do estado de minas gerais

Onde estão fincadas as nossas raízes? Quem somos? Como nós podemos nos fortalecer na coletividade?

Quem sou eu enquanto base, quem sou eu enquanto guerreira, quem sou eu, Shirley Krenak, enquanto mãe, enquanto esposa, enquanto liderança e de que forma essa base foi feita, como e quando?

24 horas por dia, nós somos mulheres que lutamos muito dentro das nossas comunidades. 24 horas por dia, nós somos mulheres que fazemos de tudo para manter viva toda a nossa história, tudo o que somos,

17 SHIRLEY DJUKURNÃ KRENAK pertence ao povo indígena Krenak do leste do estado de Minas Gerais. É uma liderança, mulher e nativa da terra brasilis. Dedica-se à luta das mulheres indígenas, algo herdado desde seu nome tradicional, Djukurnã: mulher sempre disposta. Atualmente, desenvolve diversos projetos educacionais e de fomento à cultura indígena, sendo autora dos livros A onça protetora e Krenak ererré. Coordena o Instituto Shirley Djukurnã Krenak, uma associação sem fins lucrativos criada para contribuir e assessorar atividades sociais, culturais e socioambientais.

tudo o que temos.

24 horas por dia, a gente luta para ser escutada, para ser respeitada e para ter os nossos direitos respeitados todos os dias.

Está difícil, está complicado, é desesperador, mas o que te faz sentir pertencente a esse ambiente, a esse universo, enquanto ser chamado mulher? O que te faz sentir enraizada enquanto mulher diante de todos esses obstáculos, diante de todas essas dificuldades? Quem somos nós, mulheres? Eu sempre escutei do meu pai que, dependendo do que a gente vive, dependendo do que a gente passa, a gente nunca pode deixar de ser quem a gente é.

Quando a gente esquece essa essência de dentro da gente, a gente deixa de ser um ser humano enraizado, e uma das nossas preocupações, enquanto mulheres indígenas, e eu faço parte de um movimento muito grande, é que as pessoas esquecem muito onde elas estão pisando independentemente de ser homem ou mulher, e aí acabam esquecendo quem são. E aí fica difícil lutar, fica difícil ir para frente, porque as dificuldades vão avançando, os problemas vão surgindo, e as pessoas vão se abaixando. Como diz meu pai, se você vê tudo isso acontecer diante dos seus olhos e você se abaixa para o mal, seu corpo começa a se curvar para o mal. É sinal de que não está tudo bem, as coisas não estão indo bem.

O que você faz para fortalecer essa base? Eu entro em concentração com o universo, porque, às vezes, as pessoas se esquecem de respirar, de puxar o ar quando se levantam, esquecem-se de perguntar para elas mesmas se elas estão bem, as pessoas se esquecem de trabalhar o au-

toperdão, as pessoas se esquecem da força que tem o universo sagrado criado pelo Grande Mestre.

Nós nos esquecemos da essência que temos por dentro, as pessoas não têm entendimento da sequência de base. O que é a sequência de base dentro da Visão Krenak? É valorizar a história de quem você é e de onde você veio.

E não existe ser mais maravilhoso, com esse poder de visão ampla, do que o ser mulher; porque nós temos essa visão de águia, que é ampla, que é viva, e a gente precisa, diante de todas essas dificuldades, fortalecer essa visão águia, para poder valorizar o que a gente tem, continuar trabalhando, continuar vivendo e continuar buscando os nossos direitos enquanto ser humano.

Quando nós, mulheres indígenas, nos reunimos para falar dos nossos problemas, que são muitos, porque nós sofremos violência também, nós sofremos com feminicídio, nós sofremos com a perda dos nossos territórios, sofremos com as perdas dos nossos parentes, nós sofremos com a ditadura militar, que até hoje não acabou, que ainda vive, que ainda está ali no ar, nós sofremos com tantas coisas perversas, mas os povos indígenas são muito fortes, e o que nos deixa firmes é a nossa base, porque a gente não esquece o que nós somos, e a gente não esquece da nossa história. Quando o ser humano se esquece da sua própria história, é porque ele já não faz mais parte desse universo.

Quando a gente fala sobre espiritualidade, ou fé ou algo que envolve tudo que diz respeito ao poder magnífico do universo, a gente precisa, fortemente, pensar em quem a gente é. O que é nós estamos fazendo

para fortalecer essa base? De que forma ir para frente com tudo isso que nós estamos vivendo? De que forma podemos fazer valer essa espiritualidade? De que forma podemos fazer valer esse poder da fé? De que forma podemos fazer valer esse sentimento dentro da gente, de preservar e cuidar?

Há muitas coisas boas, há muitas ações a serem feitas no futuro, e isso é muito bom, porque ainda há esperança no corpo do ser humano. Ainda há esperança no coração do ser humano e nós, povos indígenas, acreditamos que a mudança pode ser feita. Só que nós somos tão poucos, a gente precisa de mais pessoas nos escutando, para ter o entendimento do que realmente é ter fé? O que é realmente ter espiritualidade, o que é realmente valorizar sua ancestralidade e fazer mover toda essa potência em trabalhos positivos que possam tirar de vez todos os problemas, principalmente, os que nós, mulheres, enquanto árvores enraizadas, podemos fazer no nosso mundo?

Sobre espiritualidade, o que essa força tem? E em que isso nos move enquanto seres humanos? Que espiritualidade é sua? De que forma a sua espiritualidade pode fortalecer a sua base? Quem é você, mulher, enquanto árvore enraizada? Onde está fincada sua raiz? A sua raiz bebe água? A sua raiz tem terra? A sua árvore está dando frutos? Porque é tudo isso que nós, povos indígenas, estamos fazendo no que diz respeito ao processo da coletividade. A gente está fazendo o possível para que todas as árvores, mulheres enraizadas, possam unir-se de mãos firmes, empoderadas, na luta. Precisamos buscar bases fortes de enraizamento pessoal, espiritual, de essência.

JOBANA MOYA ARAMAYO:[18] movimento humanista

Necessidade de aprofundar em nossa espiritualidade e, a partir desse lugar, podermos nos encontrar, conversar e fortalecer, como mulheres latino-americanas, que bebemos de várias fontes, a pacha mama, dentro da cultura quíchua, mas também bebemos de outras culturas, de matriz africana, de matriz indígena.

Desde o afeto, podem-se construir coisas muito lindas, e a fé é fundamental.

Dependendo da cultura onde você vai nascer, você vai ter um entendimento do que é espiritualidade, do que é fé. Vou ler um trechinho de um texto da mensagem de Silo[19] que fala assim:

> [...] a dor e o sofrimento que experimentamos, os seres humanos, vão retroceder se avançar o bom conhecimento, não o conhecimento a serviço do egoísmo e opressão. O bom conhecimento leva à justiça, o bom conhecimento leva à reconciliação, o bom conhecimento leva a decifrar o sagrado na profundidade da consciência.

18 JOBANA MOYA é imigrante boliviana, humanista siloísta, ativista pela não violência ativa e pela não discriminação, mediadora intercultural. Membra-fundadora da Equipe de Base Warmis-Convergência das Culturas.

19 O fundador do Movimento Humanista é o escritor argentino Mario Rodrigues Luis Cobos, mais conhecido por seu pseudónimo literário Silo.

Acho que é importante resgatar a valorização da diversidade, a valorização desses pontos de encontro, de convergência, porque, definitivamente, desde o lugar do qual estou falando, como ativista, na minha vida pessoal, por exemplo, vejo o sincretismo que existe, eu mesma faço parte desse sincretismo. Como é importante entender isso dentro de um processo de descolonização dos territórios, no sentido da reconciliação, e de entender e compreender de onde nasce essa fé.

A Pacha Mama, que está em diálogo com tudo o que está na natureza, com os lugares sagrados, as deidades, com tantos deuses, deusas que estão na nossa cosmovisão. Como humanista, eu entendo que a espiritualidade é esse lugar onde todos nós podemos nos encontrar.

Porque todas as religiões procuram encontrar esse lugar onde se expressa esse sagrado, que é algo profundo de todos nós. A partir desse lugar, nós vamos fortalecendo, fazendo crescer a fé em nós mesmos, fazendo crescer a fé nos demais, fazendo crescer nossa fé no mundo. Porque a fé é uma força transformadora que nos ajuda a avançar, e tomara que ajude a avançar na coerência de pensar, sentir e fazer, resgatando esse valor que está em todas as culturas. Nós falamos como humanistas: tratar os demais, como você gostaria de ser tratado.

É nesse sentido que todas as mulheres somos muito importantes, porque somos as mulheres que transmitimos, principalmente aos nossos filhos, nas comunidades onde estamos, essa espiritualidade.

A mensagem de Silo, que seria como uma meditação, onde as pessoas que acreditam ou não em alguma religião, ou de diferentes religiões, nos encontrarmos e vamos meditar sobre algumas coisas.

Porque acho que é lindo compartilhar com pessoas que são da nossa mesma religião, mas também é importante fortalecedor e compartilhar experiências da espiritualidade com outras pessoas que, independentemente das suas crenças, têm experiências para compartilhar algo sagrado, que essa espiritualidade vai apontar algo sagrado.

Como ativista, entendo que não posso ter minha ação no mundo sem o fortalecimento da minha espiritualidade e da minha fé. Isso porque, cada dia, realmente, vamos escutar problemas que vão acontecendo e parece que a esperança vai se fechando, que nossa fé vai diminuindo. Para mim, é muito importante como vamos fortalecendo essa fé e não só essa fé individual, mas coletiva, como comunidade. Muitas vezes, eu, como mulher imigrante, que estou em um território que não é meu, com pessoas de outros países, também brasileiras e brasileiros, que têm diferentes crenças, também posso, sim, fortalecer mutuamente essa fé. Compartindo experiências que trazem essa espiritualidade, esse sagrado que existe em todos nós.

Vejo como, na sociedade, as mulheres são tratadas como objetos, esquecendo-se o valor fundamental que elas têm na transmissão de saberes e conhecimentos e, sobretudo, nesse aspecto do sagrado. Então, acho que é de vital importância falar desses temas, não somente em espaços nos quais se fala da espiritualidade, mas em todos os âmbitos. Qual é o motor da nossa ação? O que é o que me faz fazer o que faço? De onde isso nasce? Nasce de algum lugar, nasce do profundo de todos nós. E esse profundo tem que ser alimentado, e como faço para alimentá-lo?

Há três perguntas que estão no Humanismo: De onde venho? Quem

sou? Para onde vou? Três perguntas que vão fazendo esse tempo circular, porque, para nós, o tempo não é somente linear. Ele também é circular. Os três tempos sempre estão, e isso permite que tenhamos outra forma de olhar o que vai passando na nossa vida e no mundo.

Acho que a fé, que é interessante, é aquela que nos dá sentindo, aquela que é útil à vida, aquela que nos abre o futuro, que abre a esperança. Isso é muito importante. Essa fé para a qual posso acudir quando não estou bem, quando não me sinto bem, essa fé a que posso acudir para ajudar as outras pessoas.

Todos nós estamos neste planeta agora, somos irmãos e irmãs. Não escolhemos onde nascer, não escolhemos as crenças que depois incorporaríamos em nosso crescimento. Mas podemos escolher superar todas as violências, as discriminações e a xenofobia. Podemos escolher amar de verdade nosso planeta e tudo o que está nele, conosco dentro. Podemos escolher, desde o melhor de nós. Propormos transformar nossa vida e, tomara, ajudar a transformar, de alguma forma, este mundo que compartilhamos todos.

Isso vai alimentando também nossa fé em nós mesmos, nossa fé na humanidade. Que esse processo ajude para ir avançando, procurando igualdade de condições e oportunidades para todos, especialmente para as mulheres, que, historicamente, estamos em desigualdade, por causa de um sistema patriarcal.

Que todos os seres humanos possamos ter essa condição de igualdade e oportunidade, que se valorize nossa diversidade, que se respeitem as coisas nas quais acreditamos, na perspectiva de tratar os demais

como gostaríamos de ser tratados.

É importante que nós, mulheres, não esqueçamos nossa missão. Historicamente, nosso papel tem sido, de alguma forma, transmitir esses conhecimentos, transmiti-los oralmente para os filhos e as filhas, nas comunidades onde estamos. Isso é muito importante, falar com as pessoas é importante, ouvir uma pessoa é importante. Tirar o melhor de nós, sobretudo cultivando e fazendo crescer nosso afeto. Temos que nos reconciliar com nós mesmos também, porque tem vezes que nos tratamos como se fôssemos inimigos. Entender que estamos em um caminho de aprendizagem, que temos intenções, que queremos coisas, que aspiramos, porém estamos em um caminho de aprendizagem e que vamos errar. E está tudo bem. Pelo afeto, podem-se construir coisas muito lindas, e a fé é fundamental. Temos que alimentá-la todos os dias. Alimentá-la fazendo não somente nossos rituais, mas, sobretudo, alimentá-la colocando-a no mundo, em ações que ajudem outros.

ANA ESTER PÁDUA FREIRE:[20] tradição cristã

Jesus, para desafiar o império, perguntou: se falei mal, dá testemunho do mal e, se falei bem, por que me feres? Às vezes, tudo o que precisamos é de uma pergunta honesta, para repensar nossa fé, repensar os nossos feminismos, nossas práticas de justiça e nossa luta pelos direitos humanos.

20 ANA ESTER PÁDUA FREIRE é reverenda, teóloga queer e doutora em Ciências da Religião. É palestrante de temas relacionados à espiritualidade e à sexualidade, à Teologia Queer e à Teologia Feminista Lésbica. Jornalista.

Falo a partir de um cristianismo experimentado à margem e de uma mulheridade vivida à margem das normas e das regulações.

Muitas vezes, eu não sou reconhecida como mulher, justamente por ser lésbica e não apenas, mas por ser sapatão, caminhoneira e bofinho[21]. O fato de eu não performar feminilidade me impediu e me impede acesso a muitos espaços. Agora, você imagina uma lésbica cristã ou, como eu costumo me chamar, "Reverenda sapatão". A minha experiência cristã, na maioria das vezes, é desacreditada. Afinal, uma lésbica cristã é uma incoerência muito grande, para não dizer pecado, crime e patologia, para aquelas pessoas que ainda usam da tradição e da fé contra a diversidade da vida e contra a diversidade dos afetos. Por isso, talvez muitos de vocês não saibam, mas, quando esse *card*[22], com meu nome, vinculado à tradição cristã circulou, alguma coisa muito poderosa estava acontecendo, uma fissura no próprio edifício da Tradição. Ao reconhecer que experiências não tradicionais e não hegemônicas do cristianismo também podem ser inspiradas pela santa *Ruah*, pelo Espírito Santo de Deus. Esse é o momento de muita esperança. Reunimo-nos aqui a partir de diferentes experiências de fé e de diferentes experiências de afeto, mostrando, a partir dos nossos corpos, das nossas falas e das nossas lutas, que nossa pluralidade mantém os nossos feminismos vivos. Afinal, minha experiência cristã é uma experiência que se faz em um edifício que se afirma estável, mas que, na verdade, é instável, está em ruína.

21 Expressões pejorativas utilizadas para se referir a mulheres homossexuais.

22 Card de divulgação do encontro.

Por isso, mais do que ter bases seguras, a experiência do cristianismo, a partir das dissidências sexuais e de gênero, sempre quer desmantelar as bases, outrora existentes. Que caia o patriarcado, que caia o machismo, que caia o sexismo. Derrubadas as bases da opressão, recriemos outras bases, agora sem pretensões de estabilidade, porque a vida nos mostra que a fluidez da existência se revela nesse caminho e se constrói ao caminhar.

Sendo assim, para responder à questão proposta, sobre quais são as bases de uma experiência religiosa para promoção e defesa da vida dos direitos de todas as mulheres, gostaria de apresentar uma base ética a partir de um texto bíblico. E aqui, eu peço licença para todas as pessoas de diferentes tradições religiosas para usar um texto cristão que está no Evangelho de São João 18, 19 - 24.

> O Sumo Sacerdote pôs-se a interrogar sobre os seus discípulos e sobre o seu ensinamento. Jesus lhe respondeu: “Eu falei abertamente ao mundo, eu sempre ensinei nas sinagogas e no Templo, onde os judeus se reúnem, e nada disse em segredo, por que me interrogas? O que eu disse, pergunta-o aos que me escutaram: eles bem sabem o que eu disse”. A essas palavras, um dos guardas que se achava ali esbofeteou Jesus, dizendo: É assim que respondes ao Sumo Sacerdote? Jesus lhe respondeu: “se eu falei mal, mostra em que; se falei bem, por que me bates? ” Logo depois, Anás enviou Jesus amarrado a Caifás, o Sumo Sacerdote.

Ouvindo recentemente o poeta irlandês Pádraig Ó Tuama sobre esse texto, uma palavra me chamou a atenção: abertamente, algumas outras traduções dizem publicamente, francamente: Jesus afirmou que falou abertamente ao mundo, que nada disse em oculto, no caminho para a morte, Jesus continuava falando.

Eu sou uma mulher abertamente lésbica e abertamente cristã. Essa é uma combinação explosiva. Quantas de vocês aqui talvez não estejam incomodadas com toda essa abertura. Bom, ela podia ter vindo como reverenda, ter falado, pronto, ou ainda, ela precisava ter usado termos como sapatão ou caminhoneira? E por aí vai. Eu sou abertamente lésbica e cristã e, ao final, no meu ministério não poderão dizer que a honestidade não foi a base ética da minha luta pelo direito à livre experiência do cristianismo e por todas as pessoas dissidentes sexuais e de gênero. O que, para algumas pessoas, pode parecer uma afronta, para mim são as boas novas do Evangelho. Jesus é para todas, todos e todes aqueles que creem.

Retomando o texto. O que o império fez diante da fala honesta de Jesus? Diz o texto: “Um dos servidores que ali estava deu uma bofetada em Jesus, dizendo assim: respondes ao sumo sacerdote? ”.

Uma bofetada! Essa é a violência sistêmica diante da verdade, da verdade que desafia o poder e que desafia as políticas de morte. É essa bofetada que nós, pessoas LGBTQIA+, levamos na cara muitas das vezes que nos colocamos honestamente diante da tradição cristã.

A violência também pode vir fantasiada de misericórdia: que gracinha essas pessoas, mas não precisava ficar beijando em público, ou ainda,

vocês são bem-vindas em nossa igreja, afinal, Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. As relações violentas que se estabelecem a partir da igreja ou daquilo que tem a pretensão de se autodenominar igreja, e as pessoas LGBTQIA+ são inúmeras.

A despeito das bofetadas do sistema, nós falamos abertamente, nós não ocultamos nada, como o reverendo fundador desta igreja (Igreja Metropolitana) certa vez afirmou: “O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”.

A resposta de Jesus ao servidor que lhe deu uma bofetada, foi: “se falei mal, dá testemunho do mal e se falei bem, por que me feres? ”. Jesus estava convocando a mesma abertura e honestidade ética com a qual ele estava implicado. Diga a verdade, há algum mal no que eu disse? Jesus convocava o servidor a uma conversão, a uma conversão contra o Império: entre os gritos de hosana, do Domingo de Ramos cristão, gritos de crucifica-o no julgamento de Jesus, há uma escalada de violência que revela que, diante das tensões que se dão, entre as relações humanas, a honestidade é uma base ética fundamental para a promoção e a defesa da vida e dos direitos de todas as mulheres.

Jesus, para desafiar o império, perguntou: “se falei mal, dá testemunho do mal e se falei bem por que me feres? ”. Às vezes, tudo o que precisamos é de uma pergunta honesta, para repensar nossa fé, repensar os nossos feminismos, nossas práticas de justiça e nossa luta pelos direitos humanos.

Por isso, pergunto-lhes neste dia: há lugar para mim e para todas as mulheres dissidentes sexuais e de gênero nas suas lutas pelos direitos

das mulheres?

Concluo essa breve reflexão retomando a esperança que anunciei no começo da minha fala: este espaço aqui, afetuosamente construído para debates tão importantes, não se encerra quando a conversa acabar, mas continua na vida, nas nossas lutas diárias, nas quais a honestidade ainda é um valor ético que nos dá esperança para a criação de outros mundos possíveis.

Afinal, como disse o rapper letrista Emicida: "o que a gente precisa é de clareza na ideia, pureza no coração, sentimento como guia e honestidade como religião".

MANAL OUNKHIR:[23] tradição islâmica

Nunca em nenhuma parte do alcorão tem alguma indicação que diga que o homem deva praticar algum tipo de violência contra a mulher.

A palavra Islã que dá nome à nossa religião deriva da palavra em árabe Salama, que significa paz. Já vemos uma contradição. Muitos acreditam que é uma das religiões que, digamos, toca o terror, infelizmente. Então, essa palavra significa paz, pureza, submissão e obediência. Essa obediência, na verdade, é voluntária à vontade de Deus, e é a obediência à lei de

23 MANAL OUNKHIR é formada em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membra da comunidade árabe/palestina.

Deus. Ou seja, o que isso significa? Que essa adoração a Deus é de livre arbítrio. Muitos acreditam que no islamismo não existe essa escolha, que todos estão submetidos a uma cultura opressora, machista.

Quando imaginamos uma mulher muçulmana, provavelmente, pensamos em uma pessoa dominada por uma cultura opressora e submissa às ordens de algum homem. Também imaginamos que essa mulher não tem direito e poder de fala. O senso comum acha que toda mulher muçulmana está submetida a uma cultura que a encobre da cabeça aos pés. Consolidou-se a imagem de que à mulher muçulmana só resta obediência e devoção à figura masculina.

No entanto, pela legislação islâmica, as mulheres possuem um papel na sociedade essencial que é igual ao do homem, e ela não é superior nem inferior a ele. Nós, como seguidoras da religião islâmica, como o homem muçulmano, nós somos alguém com livre arbítrio, somos voluntárias na adoração a Deus.

No Alcorão, nosso livro sagrado, que tem as palavras de Deus, há um capítulo inteiro dedicado às mulheres. Ele é chamado *An-Nisa*, que significa as mulheres. Também os dizeres e os ensinamentos que são do profeta Mohamed, que é o profeta mensageiro da religião muçulmana. Todos eles mencionam todos os direitos e a importância da proteção às mulheres e o respeito digno que nós merecemos e também da igualdade que deve existir. Às vezes, isso é ignorado pelos muçulmanos e também pelos não muçulmanos.

Tem uma lista de muitos direitos. Há 1400 anos, desde a vinda do Profeta Maomé, ele já estava estabelecendo todos esses direitos para po-

der proteger as mulheres. Proteger a sua igualdade, proteger a mulher como um ser humano.

Muitos usam esses comentários para justificar a sua violência, por exemplo. Muitos homens muçulmanos fazem interpretação de alguns versos do Alcorão de uma forma errada, só para poder se aproveitar e praticar sua violência e submeter as mulheres. Muitos usam esse discurso religioso para poder justificar a sua violência, mas, na verdade, a religião muçulmana nunca pregou, em nenhum momento, que os homens devam praticar algum tipo de violência. Nunca, em nenhuma parte do Alcorão, tem alguma indicação que diga que o homem deva praticar algum tipo de violência contra a mulher. Sempre, em todos os versos que são dedicados às mulheres, o homem deve respeitar, o homem deve sempre considerar a mulher, se for sua esposa ou se for uma amiga.

Alguns ensinamentos que o profeta Mohamed estabeleceu para nós, muçulmanas:

1. O seu relacionamento com a esposa era baseado sempre em amor e respeito mútuo. Ao longo da sua vida, ele tratou a sua esposa da maneira como sempre devem ser tratadas, com amor e respeito. O Alcorão, no capítulo 30 21, diz: “dentre seus sinais, está aqui, ele Deus, criou para vós mulheres de vós mesmos, para vos tranquilizardes junto delas, e fez entre vós, afeição e misericórdia. Por certo que nisto há sinais para um povo que reflete”.

2. O profeta permitiu que as mulheres se envolvessem em funções públicas. As mulheres muçulmanas desempe-

nharam papéis importantes na época do profeta. Mesmo a sua esposa, a Aixa, era uma estudiosa que costumava se expressar livremente na esfera pública. Mesmo depois da morte do profeta Mohamed, sua esposa Aixa continuou a transmitir conhecimentos aos companheiros que eram homens. Como ela era a pessoa mais próxima do profeta, ela tinha mais experiência e conhecimento para passar para as futuras gerações.

3. Ele elevou muito o status das mulheres. Elas não eram somente uma propriedade dos homens, elas tinham seus direitos. Elas são dignas. Elas são reconhecidas. Ele (o Profeta) deu atenção especial às mulheres em sua sociedade. Porque, anteriormente, às mulheres lhes eram negados seus direitos. O Profeta falou que o melhor de vocês é aquele que trata sua esposa com bondade.

ISABEL GUIMARAES:[24] tradição espírita

A resposta: de onde vem a inferioridade moral das mulheres? No livro dos espíritos, codificado por allan kardec, encontram-se as bases e a motivação para lutar por justiça e direitos para as mulheres.

24 ISABEL GUIMARAES é mestra em Medicina e Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com especialização em Psicologia Analítica, e terapeuta junguiana.

Sou espírita há mais de 25 anos. Digo para vocês que há dificuldade para as mulheres na religião, seja ela qual for, e, no espiritismo, não é diferente. As enormes barreiras são os muros criados para que as mulheres não possam ocupar espaços. Elas também são construídas entre os espíritas.

O espiritismo deveria ser a religião menos machista de todas; entretanto, o machismo reverbera no movimento espírita de uma maneira bastante marcante. Por que eu digo isso? Porque para nós, espíritas, o espírito não tem sexo, ou seja, não tem gênero. Os espíritos reencarnam em corpos masculinos ou femininos, de acordo com as suas necessidades evolutivas. Portanto, as diferenças de gênero e esses enfrentamentos no âmbito da nossa prática, na prática da nossa fé e da nossa religião, não deveria existir; entretanto, existe.

O Livro dos Espíritos é um livro codificado por Allan Kardec, que, eu diria, é o livro que tem toda a concepção espírita. A concepção que lança as bases e os fundamentos do espiritismo. O livro é composto de perguntas que ele fez aos espíritos e os espíritos responderam. Na pergunta 818, feita em Paris (França), no século XIX, Kardec interroga: “De onde vem a inferioridade moral das mulheres? ”. Pela pergunta, já dá para saber como era a concepção em relação à mulher naquela época. A resposta é muito interessante. Eu tiro, principalmente dessa resposta, a minha motivação. A minha fé me motiva a partir de suas observações. Para mim, na resposta dada à pergunta está o alicerce para empreender essa luta. Disseram os espíritos: “do predomínio injusto e cruel que sobre ela assume o homem é resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza entre homens moralmente pou-

co adiantados. A força faz o direito". Então, os espíritos são taxativos na resposta, a questão não é uma lei natural, mas a inferioridade da mulher está relacionada com as instituições sociais que acabam reverberando nas instituições religiosas.

Isso ocorre também no espiritismo. A ausência de mulheres, ocupando espaços e lugares de poder no movimento, é notória e contraditória, diametralmente oposta à quantidade de mulheres que fazem as coisas acontecerem.

Nós temos uma grande quantidade de mulheres nas Casas Espíritas, nos centros espíritas, fazendo com que as casas e os centros espíritas funcionem. Entretanto, quando você parte para os espaços de poder, espaços de decisão, nos espaços de comando, os espaços de sala, são ao contrário. Eu sou uma das poucas mulheres que falam. A gente pega um cartaz, um card, de algum evento espírita, em nível nacional e até em nível local, e vê que alguns (eventos) não têm nenhuma mulher. Outros têm uma ou duas mulheres no máximo. E começou a me chamar a atenção, ir a eventos e ser a única mulher para falar, a única mulher a estar na mesa para falar. Há toda uma luta no sentido do empoderamento das mulheres, dentro do movimento espírita e na sociedade, porque, eu acho, nós não podemos descolar, nós não podemos tentar fazer um movimento na bolha, no sentido de que nós vamos romper isso apenas no âmbito religioso, porque o religioso é um reflexo da sociedade.

Nós precisamos também estar presentes nas lutas, conforme os espíritos respondem: nas instituições sociais, inclusive na luta política, que eu empreendo também no sentido de ocupar os espaços, para que políti-

cas públicas possam reverter esta chaga da sociedade. Assim como o racismo estrutural, o machismo estrutural também acaba reverberando nas instituições, e as instituições religiosas não são diferentes.

Acho que existem problemas que nós precisamos enfrentar individualmente em relação a nossa fé, na nossa intimidade, na nossa relação com o sagrado, com o Divino, e das nossas dificuldades e limitações pessoais. Nós precisamos fazer todo um enfrentamento na busca daquilo que nós acreditamos. Temos no horizonte que nossa fé nos impulsiona. Existem situações que são de enfrentamento coletivo, a questão do machismo; nós, mulheres, precisamos enfrentar coletivamente. Porque, individualmente, nos enfraquecemos, nós (sozinhas) não conseguiremos fazer com que essa sociedade se transforme.

Em todas as narrativas realizadas pelas representantes das diferentes tradições, prevalece a noção de que a base da grande maioria das tradições de fé é uma base formada por mulheres. No entanto, ainda em pleno século XXI, existe uma dificuldade de reflexão, de fazer uma releitura ou revisão das diferentes teologias, para que as experiências das mulheres sejam compreendidas e incluídas. Como expressão do amor de Deus, nós, mulheres, somos filhas de Deus, assim como os nossos irmãos homens; por isso, temos o direito de sermos tratadas com dignidade e sem violência.

As novas gerações, especialmente de mulheres, precisam beber de fontes religiosas, de espiritualidades que revelam uma dimensão sagrada que as fortalece. Dignidade, direito, justiça, igualdade, raízes são as forças divinas que encontramos nas argumentações apresentadas.

Narrativas que confirmam que nossos deuses, nossas divindades, nossas espiritualidades, não são excludentes, não oprimem as mulheres. Há uma unidade primordial entre todos os seres que depois culturas, interesses, projetos se encarregaram de romper.

Conhecer esses argumentos religiosos sobre as mulheres é um imperativo, um dever ser, uma tarefa que devemos continuar fazendo. A história religiosa das mulheres foi silenciada e continua sendo silenciada. Um silêncio que se torna um pilar fundamental para a perpetuação da cultura patriarcal.

Nossa ciranda da justiça precisa ser construída e fortalecida pelas experiências ancestrais de espiritualidades que estavam ocultas e que agora são reveladas.

Capítulo

5

AVANÇOS E DESAFIOS NAS TRADIÇÕES DE FÉ NA DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES

Capítulo 5

Tratando-se de organizações humanas, sempre vamos ter que lidar com ambiguidades. As instituições religiosas, como quaisquer outras, estão integradas por seres humanos, portanto, atravessadas também por ambiguidades, por conflitos de poder e, consequentemente, violência. Nem sempre as tradições de fé são movidas pela busca do bem comum. Elas são construídas por interesses de poder tanto no seu interior como na sua luta por obter um lugar de privilégio na sociedade.

Quando falamos de religiões, de igrejas e sua relação com as mulheres, existem elaborações fortes que obstaculizam os avanços já alcançados por elas na sociedade.

Quando falamos de gênero e religião ou gênero e instituições religiosas, predomina uma visão de como se estivéssemos falando de dois mundos construídos separadamente, um em oposição ao outro.

Na realidade, gênero é uma categoria de análise, surgida das teorias feministas. Trata-se de uma concepção construída nos anos de 1990 do século XX. Ao longo de toda a década de 1990, muitas igrejas, em especial as inseridas no movimento ecumênico, valeram-se dessa categoria para refletir sobre as desigualdades religiosas entre homens e mulheres. No entanto, nos anos 2000, de repente, a palavra gênero é apresentada como ameaça aos valores cristãos, segundo certos grupos. Campanhas são impulsionadas com muitos recursos financeiros, redes de intelectuais conservadores incidem no Estado e nas igrejas para banir a perspectiva de gênero. Atualmente, a perspectiva de gênero, ou “ideologia de gênero”, para os conservadores, é um dos principais motivos de polarização nas igrejas.

Entre grupos fundamentalistas, encontram-se setores de organizações religiosas que se posicionam como se fossem as únicas defensoras de uma moral universal sólida, que estaria sob ameaça por causa dos valores emancipatórios ampliados também nas igrejas. Apesar das resistências, há igrejas que ordenam mulheres e há igrejas em que mulheres exercem funções centrais, como presidentes, bispas, sinodais.

Entre outros assuntos, as elaborações de gênero problematizam questões como a sexualidade, os direitos sexuais e direitos reprodutivos e o papel assinado as mulheres, dimensões construídas, também por ideais religiosas.

Os pilares de poder nas tradições religiosas se alicerçam fortemente em concepções patriarcais. Em um mundo em rápidas mudanças, em que os próprios pilares do patriarcado estão ameaçados, os movimentos fundamentalistas são reativos aos avanços conquistados pelas mulheres, participantes majoritárias e mantenedoras de quase todas as religiões. A atualização de formas de controle sobre a vida, o pensamento e as subjetividades das mulheres pode ser uma estratégia de sobrevivência de um patriarcalismo religioso fragilizado.

As instituições religiosas, ao fazerem parte da sociedade, são interpeladas e, em determinados momentos, assumem ideias provenientes dessa mesma sociedade. Como falamos anteriormente, as religiões também são atravessadas pelas ambiguidades. Em quase todas as religiões existe um corpus argumentativo que justifica a exclusão das mulheres dos espaços de poder e decisão. Isso porque, como vimos no capítulo anterior, as religiões são atravessadas por contextos androcên-

tricos e patriarcais de poder.

Por outro lado, em quase todas as denominações religiosas, as mulheres, historicamente, aparecem como protagonistas relevantes dos principais eventos religiosos que integram os ritos e os momentos celebrativos das tradições de fé. No interior das diferentes religiões, existiram movimentos de mulheres contestatários das leis e das normas de sua época que as excluíam. No entanto, conforme as vozes que ecoaram ao longo das rodas de conversa, essas experiências foram silenciadas e, nas raras vezes em que sua força não permitiu a exclusão total da história dessas mulheres nos textos sagrados, elas foram invisibilizadas ou estigmatizadas e ainda continuam sendo. Aqui no Brasil, podemos dizer que foi no interior das próprias igrejas, nas suas organizações, nos seus institutos de formação, nas suas faculdades de Teologia, nos seus movimentos diaconais e de pastorais que surgiram as críticas hermenêuticas que contribuíram para a libertação das mulheres. A teologia feminista e suas teólogas revelam as bases das desigualdades construídas e justificadas por elaborações teológicas patriarcais. A partir das suas experiências de fé, constroem outras reflexões que contribuem para o fortalecimento das mulheres. Reconhece-se o papel das comunidades eclesiais de base, integradas, majoritariamente, por mulheres, para os processos de ruptura com uma visão de subordinação nas igrejas. Os compromissos das comunidades de base, presentes em diferentes igrejas, reivindicam melhores condições de vida tanto para as mulheres quanto para a sociedade em geral. No Brasil inteiro, muitas dessas mulheres foram ativas na elaboração do que hoje é o SUS, Sistema Único de Saúde.

São as mulheres, majoritárias, no interior das religiões, que asseguram

o diálogo inter-religioso. A inserção comunitária das mulheres, a necessidade de apoiarem-se mutuamente, faz com que interajam com diferentes experiências religiosas. Isso as torna protagonistas do diálogo, da sororidade e da busca do bem comum. Desde os primórdios das histórias das religiões, as mulheres se organizaram e viveram sua experiência de fé às margens do patriarcado. Por mais que a violência patriarcal tenha tentado eliminar a expressão feminina do sagrado, não conseguiu. As raízes do sagrado feminino seguem existindo e se manifestando nas cirandas de inclusão protagonizadas por mulheres.

Mulheres de todas as religiões se engajam pelo bem comum. Elas reivindicam políticas públicas para todas as pessoas. As mulheres negras enfrentam a violência racista e denunciam a presença do racismo estrutural que se manifesta na forma de racismo religioso que tem agredido mães de santo e queimado terreiros.

A partir de seminários com mulheres de fé, podemos detectar que a maioria dos trabalhos realizados com mulheres no interior das denominações religiosas ainda é regida pelas atitudes de misericórdia e de assistência, estão longe os trabalhos que reconheçam, incentivem e lutem pela igualdade de direitos e justiça para com as mulheres.

As falas das participantes do seminário constatam esta realidade:

Voz 1: "Vivemos em uma sociedade que não está preparada para apoiar as mulheres. É uma sociedade tão desigual, uma sociedade onde a mulher, seja quem seja, ainda é relegada. Na minha experiência de

partilha com as mulheres indígenas e negras, vejo que há uma desigualdade e injustiça em todos os níveis, muitas não conhecem seus direitos. Mesmo a igreja não trabalha muitas vezes em favor da mulher, que não é tomada em conta dentro da sua realidade cultural e dentro da sociedade.

Voz 2: A presença da mulher na cultura é importante. Como religiosa, falo de uma igreja machista. Nós somos missionárias e trabalhamos em lugares de fronteira, mas eles sempre vão dizer que um sacerdote, que celebra a missa, tem muito mais validade, e, muitas vezes, são as mesmas comunidades que dizem que a presença do padre é mais importante, mesmo que sejam as irmãs que trabalhem desde as bases [...] E na hierarquia, porque as mulheres, até agora, não temos acesso a muitos outros trabalhos, ficamos como servidoras, porém não podemos aceder a outro grau mais. Essa é uma pergunta para nós, religiosas católicas, que buscamos ser reconhecidas ou fazer reconhecer nosso trabalho e também fazer reconhecer o trabalho das mulheres leigas, que são muito importantes dentro da Igreja. Até onde vai continuar este problema de uma igreja que não lhe dá atenção ao serviço, ao trabalho das mulheres?

A pastoral da mulher tem 30 anos, temos uma luta grande, cada vez que pedimos um espaço na Igreja, nunca chega, só abracinhos, orações dos fiéis. A gente vive pedindo para poder falar em alguns espaços e nunca nos permitem. Por exemplo, para falar nos cursinhos de noivo sobre violência doméstica, para poder conversar com aquelas mulheres que estão lá. Elas não estão lá só para limpar o altar, engomar as roupas. A única coisa que ainda chega é uma participação nas orações dos fiéis

e na Semana Santa, a missa da mulher no dia das mulheres.

Voz 3: Nós vivemos numa igreja católica conservadora patriarcal e machista e, neste espaço, a Pastoral Carcerária, para questão da mulher, busca dar suporte e auxiliar as questões relacionadas com essa população de mulheres (em privação de liberdade). Todas as pessoas que se sentem mulheres, sem discriminação, sem preconceito de raça, cor, religião. Nós sabemos que a grande maioria das mulheres em privação de liberdade é negra, é pobre, não tem estudo. Então, nós temos hoje, segundo os dados do DEPEM, 37.200 mulheres em situação de prisão. Quase a metade dessas mulheres não foi condenada, quer dizer que são inocentes, estão ali não sabemos por quê? Por que é que o Estado gosta tanto de nos matar, de nós aprisionar, de nos invisibilizar? Então, por conta desse desrespeito à vida das mulheres, a Pastoral Carcerária Nacional já fez denúncia na Comissão Interamericana de Direitos Humanos sobre essa questão dos maus-tratos, das torturas contra as mulheres encarceradas. Também, nosso maior projeto, hoje, é o desencarceramento de corpos femininos, ou seja, de todas as pessoas que se sentem mulheres. Nosso maior embate continua sendo as condições vulneráveis e torturantes em que vivem essas mulheres. Costumamos dizer que nós temos um sonho, a Pastoral Carcerária sonha com o sonho de Deus, que é um mundo sem prisões, conforme, está em João 10, 10.

Nas igrejas evangélicas, no protestantismo e como mulher preta, eu percebo que não tem lugar para nós na igreja evangélica. Nós, mulheres pretas, somos invisibilizadas de uma forma geral, ou seja, na socie-

dade. Dentro do segmento religioso evangélico, a situação fica mais perversa, primeiro porque eu entendo que há dentro deste, racismo estrutural. É perceptível dentro do segmento evangélico. E eu só falo desse lugar porque é o meu lugar de atuação. Então nós temos aí uma teologia branca, que o homem branco ele tomou Deus, se apossou do nome de Deus e tem feito essa miséria toda ... o segmento evangélico, ele vem com uma ideologia de que somos todos iguais, todas iguais, quando na verdade, esse homem, sobretudo o homem branco, ele continua ali, no topo da pirâmide socioeconômica e desfrutando do privilégio do cristianismo que é de matriz (origem) africana. Você lendo, sobretudo o A.T está lendo África, [...] os seminários teológicos no seu racismo epistêmico, eles invisibilizam também a África na Bíblia e aí nós temos essa questão de uma teologia branca eurocêntrica, e isso é proposital para que não se trabalhe também a identidade étnico-racial negra dentro do segmento evangélico. Nós mulheres negras da igreja evangélica, qual é nosso lugar? É o lugar da subserviência, estamos limpando os templos, a tia da cozinha, nos muitas vezes, somos impedidas de assumir cargos de liderança, aja visto quando nós observamos as convenções, as assembleias e aí vamos ver que nós não temos mulheres pretas ocupando cargos. Tem, às vezes, um homem preto.

"Vou falar um pouco sobre a importância desse compromisso ecumênico, com o diálogo inter-religioso, também para fortalecer as mulheres, estejam elas organizadas dentro de comunidades de fé ou em movimentos populares ou movimentos sociais.

Queria compartilhar é aquele discurso de uma cristã negra Ojourner Truth[25] que tinha sido escravizada nos Estados Unidos, no século 19, ela dizia “eu não sou uma mulher? ”:

> “Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.
>
> Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com

25 Sojouner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Van Wagenen, em 1797, foi tornada livre em 1787, em função da Northwest Ordinance, que aboliu a escravidão nos Territórios do Norte dos Estados Unidos (ao norte do rio Ohio). A escravidão nos Estados Unidos, entretanto, só foi abolida nacionalmente em 1865, apos a sangrenta guerra entre os estados do Norte e do Sul, conhecida como Guerra da Secessão. Sojourner viveu alguns anos com uma família Quaker, onde recebeu alguma educação formal. Tornou-se uma pregadora pentecostal, ativa abolicionista e defensora dos direitos das mulheres. Em 1843 mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da Verdade). Na ocasião do discurso já era uma pessoa notória e tinha 54 anos. A versão mais conhecida foi recolhida pela abolicionista e feminista branca Frances Gage e publicada em 1863. Essa é a versão traduzida aqui a partir de diversas fontes online. (Informações retiradas do site da Organização Geledés - https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher--sojourner-truth/)

a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer”[26].

26 Esse discurso foi proferido na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher. Sojourner levantou-se para falar, após ouvir de pastores presentes, que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora. ((Informações retiradas do site da Organização Geledés - https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/)

Ouvindo vocês e lembrando né que as mulheres encarceradas têm muitos motivos para indagarem à nossa sociedade, às nossas igrejas: e eu não sou uma mulher? As mulheres feministas tem que fazer essa pergunta tantas vezes e eu, não sou uma mulher? E tantas outras mulheres negras empobrecidas, marginalizadas e excluídas que precisam afirmar que são seres humanos, que são mulheres e que certos ideais de feminilidade que foram construídos para nos aprisionar, precisam ser revistos. Precisam ser derrubados, para que todas nós mulheres possamos ser mulheres em toda nossa Plenitude.

As mulheres não são tímidas, [...], as mulheres foram intimidadas, e as igrejas, às vezes, são lugares de intimidação das mulheres. Quero saudar a cada uma de vocês por não se intimidarem. E também inspirarem outras mulheres a se levantarem para afirmar que são mulheres, portanto são sujeitos de direitos.

É assim que encontramos inúmeras propostas e projetos liderados pelas mulheres no interior das próprias igrejas e espaços de espiritualidades. Estes projetos têm como objetivo trabalhar por melhores condições de vida para as mulheres nos territórios nos quais atuam.

Mas é preciso observar que, mesmo que existam esses trabalhos, isso não significa que exista uma participação plena das mulheres nesses âmbitos. Elas participam nas tarefas das igrejas, mas ainda não nos espaços de decisão.

Capítulo

6

ANÁLISE CRÍTICA: DIACONIA: TESTEMUNHO POR FÉ E DIREITOS OU TRABALHO ASSISTENCIAL DAS IGREJAS?

Capítulo 6

Quando falamos de relações inter-religiosas, de diversidades de espiritualidades e de cosmovisões, uma dimensão intrínseca a todas ela é a vocação de serviço para todas as pessoas, é a partilha, é a ajuda mútua.

Mas, ao longo da história, temos convivido com diferentes interpretações e práticas sobre essa dimensão, que em diferentes tradições se denomina diaconia.

Em se tratando das mulheres, gostaríamos de abordar essa dimensão desde a experiência delas nesses diferentes espaços.

Quais seriam as implicações de uma dimensão diaconal que tenha como foco as mulheres? Como se concretizaria no atuar a partilha? O que não seria um trabalho com dimensão diaconal?

É um fato que, em todos os espaços religiosos, movimentos ou tradições que priorizam o resgate de espiritualidades, as mulheres são presença maioritária, mas, nem sempre, isso significa poder de decisão dentro dessas estruturas.

As mulheres são as maiores consumidoras dos ideários religiosos os quais frequentam, também são as mulheres que sustentam, com sua dedicação e responsabilidades, as atividades nesses espaços. Elas lideram a realização de tarefas, especialmente nas igrejas, participam ativamente em atividades, que implicam o cuidado com os doentes, idosos, festas patronais, crianças, arrecadação de dinheiro, limpeza dos espaços, cozinha, etc. Podemos dizer que, sem o trabalho das mulheres, dificilmente esses espaços se sustentariam.

Encontramos uma diversidade de práticas relacionadas com as

mulheres nas organizações participantes dos nossos seminários. Percebemos que, na maioria desses espaços, ainda prevalece uma visão religiosa que remete as mulheres a seu papel tradicional. O discurso e as práticas religiosas continuam sendo de fortalecê-las na fé para que continuem exercendo seu papel: abnegação, sacrifício, cuidado de filhos, pai, mãe, pessoas com alguma deficiência, idosos/as. São as cuidadoras naturais, as que se devem sacrificar pela família, as responsáveis e as primeiras culpadas se algo sai mal neste universo.

Existem outras experiências de trabalho com mulheres, mas que ainda não conseguem superar o vínculo das mulheres com os papéis tradicionais. Projetos voltados para o empreendedorismo, com produtos especialmente artesanais, para que contribuam financeiramente nos gastos da casa, mas sem nenhum tipo de abordagem crítica sobre a situação de desigualdade das mulheres.

Essa perspectiva, além de não contribuir para a autonomia delas, ainda as leva à tripla jornada de trabalho, pois, além da dupla jornada, muitas trabalham fora, agora elas têm que dedicar outro tempo de trabalho nos espaços de fé ou de espiritualidades. Essa abordagem agrega mais responsabilidades econômicas e afetivas.

Cabe uma pergunta: está sendo realizado um trabalho decente[27] com as mulheres? Está-se contribuindo para a promoção de oportunidades e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humana?

27 A OIT incorpora, em 1999, o conceito de trabalho decente como condição fundamental, entre outros assuntos, para a superação da pobreza e a redução das desigualdades sociais. Significa a promoção de oportunidades para que homens e mulheres obtenham um trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas.

Também constatamos que há algumas, talvez poucas iniciativas, que promovem a capacitação das mulheres, desde uma perspectiva de sustentabilidade, que abarca não somente a questão econômica, mas também o fortalecimento e a autonomia como mulheres desde uma abordagem de gênero. Esta perspectiva as prepara para trabalhar sua autoestima, dignidade, direitos e independência afetiva.

Essa realidade de diversidades de práticas que encontramos no trabalho com mulheres nos leva à discussão sobre a responsabilidade desses espaços com as mulheres. Uma opção é continuarem sendo os espaços reprodutores de um ideário teológico religioso, que educa as mulheres para sofrerem violência passivamente, como se isto fosse uma condição natural das suas funções, serem as sacrificadas, as que se esquecem da sua vida, as que se negam a viver plenamente em função da dedicação aos outros, as subordinadas em todos os espaços da sociedade, as que não têm reconhecidos nem respeitados seus direitos. Ou, ao contrário, abrir as portas, as janelas para a realidade gritante das mulheres, deixar-se interpelar pelos estudos, por novas práticas, deixar entrar ventos novos, que afirmam que a situação de pobreza, de subordinação das mulheres na sociedade e nas igrejas é resultado da desigualdade de gênero, socialmente construída, e que isso pode mudar.

Visualizamos dois enfoques que sustentam as práticas no trabalho com as mulheres e suas consequências:

Uma primeira abordagem são as práticas assistencialistas, que primam pelo imediatismo e pela falta de uma proposta organizada para descobrir as raízes do problema e eliminar suas causas. São práticas

nas quais prevalece a sobrevivência do indivíduo, não produzem sujeitos críticos capazes de questionar o sistema gerador da desigualdade; ao contrário, mantêm as massas acríticas que dependem de migalhas para sobreviver. O assistencialismo não oferece meios para as pessoas saírem da condição de miserabilidade, porque gera alívio momentâneo e garante que o sistema siga produzindo novas pessoas miseráveis.

Geralmente, por causas destas práticas assistencialistas, muitas organizações ou instituições garantem sua permanência na sociedade, e isso se dá em dois sentidos: elas se tornam as reprodutoras de mentalidades que sustentam estes sistemas de opressão que produzem os necessitados que, ao mesmo tempo, são esse público fiel que precisa permanentemente dos seus cuidados e da sua assistência. Em termos gerais, são ações de ajuda e doação sem um caráter de compromisso com a transformação dessa realidade. Práticas que negam todas as possibilidades de análise crítica da realidade social.

Ao contrário, um trabalho que tenha como horizonte a dimensão diaconal se situa desde uma perspectiva diferente.

Parece-nos interessante a seguinte abordagem sobre o sentido da diaconia: “No contexto cristão o sentido da palavra diaconia mudou quando Jesus se auto identificou como aquele que veio para servir e dar a sua vida para a salvação de muitas pessoas[28] [...] Diaconia deixa de ser compreendida como um ato de submissão (servir à mesa cumprindo uma tarefa definida por alguém) e passa a ser compreendida como um ato de libertação (serviço que empodera e transforma os lugares de

28 Cf. Marcos 10.45.

exclusão em espaços de comunhão)”[29].

Fica evidente o horizonte de uma prática que assuma o sentido diaconal como um ato de libertação. Isso implica um dever ser, uma ação comprometida com a libertação e transformação da realidade.

Nesse sentido, ainda é um imperativo uma reflexão profunda sobre nossa ação humana, em todos os sentidos, especialmente no que tem a ver com as mulheres. Por isso, precisamos descontruir as bases que sustentam a permanência das injustiças e da desigualdade. Hoje não pode existir um trabalho que tenha no centro as mulheres, sem não tem como prioridade, o compromisso profundo de fortalecimento de seus direitos e da sua autonomia.

Diaconia sem o compromisso pela justiça e pelos direitos das mulheres não existe, simplesmente porque não pode se sentar à mesa quem ainda defende e constrói bases de sustentação com estruturas que impedem uma vida digna para as mulheres.

O sentido diaconal tem um caráter profético, de denunciar e anunciar um novo céu e uma nova terra, e é na pluralidade das relações sociais justas que podemos realizar o sentido do servir, que cria condições para uma melhor humanidade. Desde essa perspectiva, trabalhar pelos direitos e pela justiça com as mulheres é condição indispensável para o fortalecimento da sua dignidade.

Compromisso com a libertação e a transformação da realidade social

29 CADERNO Justiça de gênero e diaconia transformadora: superando violências e preconceitos. São Leopoldo, RS: Fundação Luterana de Diaconia; Programa de Gênero e Religião das faculdades EST, 2016. p. 9.

para um mundo melhor, conforme o ideário de Paulo Freire[30], implica assumir que somos seres plurais e que estamos em uma realidade plural. Ninguém pode ser excluído ou excluída da mesa sem romper o sentido diaconal.

Importante fazer a relação entre o sentido da diaconia e a proposta da cultura e do bem viver. Surgida a partir da cosmovisão indígena Kichwa, propõe-nos uma ruptura civilizatória para construir sociedades verdadeiramente solidárias, sustentáveis e democráticas, "com sua proposta de harmonia com a natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade, e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o bem viver, uma ideia em construção livre de preconceitos abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida"[31].

30 FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

31 ACOSTA, Alberto. Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Ed. Autonomia Literária; Ed. Elefante, 2016.

Capítulo

7

CIRANDA INTER-RELIGIOSA DE MULHERES POR DIREITO E JUSTIÇA

Celebramos nossa vida e nosso trabalho, resgatando símbolos e tradições das nossas ancestrais que contribuem para o fortalecimento da vida das mulheres.

Resgatamos o sentido da ciranda, como uma forma mística que alimenta nossa vida. Buscar na memória, nas histórias de vida ao redor da ciranda os sentidos para nossa vida; ciranda com as mulheres, que passa pela sororidade, pelo sagrado feminino, pelo estar juntas, para não soltar a mão de ninguém.

O ritmo da ciranda, o símbolo da ciranda, a unidade na diversidade, com uma harmonia permeada de encantos e beleza. Mas que muitas vezes é quebrada quando ruídos destruidores entram e desarmonizam essa roda da vida.

É preciso continuar resgatando os sentidos da ciranda na nossa vida, o cirandar que envolve conquistas por direitos e justiça.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Ed. Autonomia Literária; Ed. Elefante, 2016.

BIROLI, Flavia; QUINTELA, Débora Françolin. Mulheres e direitos humanos sob a ideologia da “defesa da família”. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). Governo Bolsonaro. Retrocesso Democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. posição 5175. E-book.

EVARISTO, Conceição. Meu rosário. In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FIORENZA, Elizabeth Schüssler. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. Revista Concilium, Rio de Janeiro, Vozes, n. 281, p. 3, 1999.

GALEANO, Eduardo. La naturaleza no es muda. Montevideo: Brecha, 2008.

STANTON, Elizabeth Cady. A Bíblia para as mulheres. Tradução de Ruth Barros. Org. Bianca Daébs Seixas Almeida. São Leopoldo, RS: CEBI; Livraria Anglicana, 2019.

VISÍVEL e invisível: a vitimização das mulheres no Brasil. 3. ed. São Paulo: Fórum de Segurança Pública; Data Folha, 2021. Disponível em:

https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf,. Acesso em: 5 jul. 2021.

MAPEAMENTO

Projetos

Denominação	Igrejas/Instituição	Nome do Projeto	Cidade	UF	Ações do Projeto
Afro brasileira	Associação beneficente educacional e cultural ilê asé iyalode oyo – casa da força da mãe do poder do reino de oyo	Awon obirin – o feminino	São Paulo	SP	O projeto awon obirin é um projeto para cuidar das mulheres negras,não negras e lgbtqia+ vivendo e convivendo com hiv/aids. Pensando que as mulheres socorrem os seus entes queridos, amigos, tudo o que esta em sua volta e ainda continua na vida ativa, e com a experiência no voluntariado no crt de são paulo, vimos o quanto era necessário um trabalho para as mulheres soropositivas e as que convivem com estas pessoas e adoecem mentalmente e corporalmente, num desgaste emocional e mental. Somos um grupo que atua diretamente nas politicas publicas em educação popular em saúde e nas praticas integrativas e complementares e montamos este projeto para cuidar em terapias alternativas e ativas nos cuidados da auto estima e saúde mental. Fomos contempladas no edital da secretária municipal de saúde em saúde especializada em ist/hiv/ aids. E atuamos em cuidados a estas mulheres e transexuais com psicólogas, arte terapia, naturopatia, reiki, estética, design de unha e sobrancelhas, massoterapia e auriculoterapia. Para participar neste projeto cuidamos das cuidadoras destas pessoas também, pois muitas vezes elas adoecem por cuidar. Neste momento de covid19 as consultas estão sendo on line, ficando de fora então a parte estética, unha e sobrancelhas, e o restante sendo efetuado na plataforma do projeto.
Anglo católica			Caruaru	PE	Diácono benedito leite de souza júnior. Professor de língua vernácula (materna) e estrangeira e suas literaturas
Anglicana	Diocese meridional – igreja episcopal anglicana do brasil	Pastoral abraço negro	Porto Alegre	RS	Ações educativas antirracistas a partir de hermenêuticas feministas negras, por entender que o exercício da fé com igualdade de gênero a partir de abordagens interseccionais, já que a realidade de violências de gênero que tem como culminância o feminicídio, atinge muito mais as mulheres negras, base da pirâmide social. As ações se configuram em oficinas, rodas de diálogos, estudos bíblicos, vídeos, publicação de cards conceituais de afirmação de epistemologias negras e indígenas; e, mais recentemente, a campanha:de laço branco a pastoral abraço negro desafia:homens, vamos dar um basta na violência contra meninas e mulheres?!A ideia é mobilizar homens de dentro e fora de nossas comunidades anglicanas a assumirem essa pauta como prioritária, testemunhando a adesão com atividades alusivas ao dia 06 de dezembro. Nossas redes sociais: youtube: www.Youtube.Com/pastoralabraconegro Facebook: @pastoralabraconegro.Instagram: @pastoralabraconegro observação: para participação no seminário, indicaremos um das representantes da pastoral
Anglicana	Igreja anglicana	Cartilha digital de enfrentamento à violência doméstica praticada contra mulheres	Ambiente virtual		No contexto da pandemia do covid19, as mulheres da igreja episcopal anglicana do brasil, clérigas e leigas, se uniram para transformar os capítulos da cartilha de prevenção e enfrentamento à violência de gênero contra mulheres" do serviço anglicano de diaconia e desenvolvimento – sadd – ieab em pequenos vídeos, produzidos em linguagem acessível, de curta duração e baixa resolução a fim de que pudesse ser facilmente compartilhado por mulheres empobrecidas através de aplicativos de mensagens como whatssap. (10 Capitulos)
Anglicana	Igreja anglicana	Ninguém nasce machista, torna-se	Ambiente virtual		Este projeto está dentro das ações dos (5 + 16) 21 dias de ativismo pelo fim da violência praticada contra mulheres e meninas. Consiste em homens e meninos da ieab fazerem pequenos vídeos com falas que visam desconstruir ideias machistas que violentam as mulheres moral, social, psíquica e fisicamente. (Em curso a partir do dia 21 de novembro de 2020).
Anglicana	Igreja anglicana	Casa de acolhimento de mulheres em situação de violência	Ariquemes	RO	O projeto de acolhimento às mulheres em situação de violência doméstica já existe há dez anos na cidade de ariquemes - rondônia, todavia, no contexto da covid19 suas atividades de prevenção e acolhimento foram intensificadas fazendo com que aumentassem em, aproximadamente 30% tanto o número de acolhidas quanto o período de acolhimento. Exigindo da equipe uma rápida adequação para novos protocolos de acolhimento.
Anglicana	Missão anglicana ressurreição do senhor	Cuidando de cuidadoras	Feira de Santana	BA	Oficinas de artesanato e culinárias; aulas acerca do ofício de cuidadora; trabalhos terapêuticos em grupo e individuais
Anglicana	Igreja anglicana são joão	Mulheres que sofrem violência	São Paulo	SP	Acompanhar as possíveis estratégias para cooperar com outras mulheres que atuam com o tema abordado no seminário
Igreja episcopal anglicana no méier		É pela vida das mulheres	Rio de Janeiro	RJ	

Batista	Casa esperança	Casa esperança	São Paulo	SP	Acolher de forma integral, mulheres (com ou sem filhos) migrantes ou em situação de refúgio, oferecendo a elas, moradia temporária e integração social;- auxiliar e acompanhar todo o processo de legalização a cidadania no brasil;oferecer estudo da língua portuguesa, oficinas e cursos de capacitação profissional;- auxiliar na integração e acompanhar, de forma que acessem programas públicos e privados que atendam suas necessidades nas áreas mentais, físicas, acadêmicas, profissionais e recreativas, a fim de que se tornem autônomas.
Batista	Iebca (igreja evangélica batista de casa amarela)	Mulheres buscando compreender a bíblia	Recife	PE	Leitura da bíblia como literatura. 2) Reuniões de discussão quinzenais. 3) Leituras de textos e livros com temas relacionados aos assuntos bíblicos polêmicos. 4) Planejamento e implementação de estratégias com a finalidade de estender à toda a igreja os estudos e projetos.
Betesda	Igreja betesda de são paulo	Espelho meu	São Paulo	SP	Parceria com cdcm - campo limpo, apoio em formação, estruturação de uma nova casa, psicológico, alimentação, jurídico às mulheres que rompem o ciclo da violência, grupos reflexivos de gênero na comunidade da fé e com educadores da rede pública de ensino. Apoio específico às mulheres mães de crianças com deficiência vítimas de violência.
Igreja betesda em natal	Igreja betesda de natal	Igreja betesda de natal	Natal	RN	Igreja betesda de natal
Católica		Movimento de mulheres camponesas - mmc	Quilombo	SC	Movimento de mulheres camponesas - mmc
Católica	Irmãs de santo andré	Lar santo andré	Jaboticabal	SP	Projeto de contra-turno escolar para meninas carentes de 7 a 16 anos, que visa contribuir para a aprendizagem significativa da educação básica, para o desenvolvimento de diversas habilidades, inclusive sócio-interativas.
Católica	Congregação missionária servas do espírito santo	Rede espere brasil	São Paulo	SP	Cursos virtuais:perdão, caminho de libertação. Curso de auto-perdão
Católica	Pastoral da mulher marginalizada	Pastoral da mulher marginalizada	São Paulo	SP	www.pmm.org.Br
Católica	Missioneras da madre laura	Formação integral da mulher kura bakairi	Paranatinga	MT	Formar as mulheres bakairi respetando sua cultura. Para ser responsáveis no desenvolvimento da sua aldeã

Católica	Pastoral carcerária nacional para a questão da mulher presa				A pastoral carcerária nacional para a questão da mulher presa, dá suporte e auxilia em questões relacionadas a essa população. Além da organização a nível nacional, a nível estadual, com representantes/coordenadoras/assessoras em aproximadamente 15 estados, que semanalmente ou quinzenalmente visitam as mulheres (isto antes da pandemia).O trabalho com as mulheres encarceradas iniciou em 1997, em são paulo, quando havia pouca gente dando atenção às questões das mulheres encarceradas, tanto dentro dos presídios como na sociedade civil. E não existia uma coordenação específica para a mulher presa, um trabalho/olhar específico voltado para essa população, ou seja, os agentes da pastoral que realizavam as visitas de evangelização com os homens, também visitavam as mulheres. Com o decorrer do tempo fomos agregando outros parceiros, outras instituições e alguns que já estavam inteirados ao tema e outros que nunca tinham cogitado o fato de existirem mulheres nos cárceres, mas que foram sensibilizados e se juntaram à causa, levando a questão das mulheres presas às reuniões e assembleias da pastoral carcerária e despertando estudos, reflexões e organizações de trabalhos.O grupo de estudo e trabalho mulheres encarceradas, que a pastoral carcerária ajudou a criar em são paulo, no ano de 1997, ia ganhando força e chegou a um reconhecimento nacional. Foi convidado a falar em todos os níveis do governo, em eventos estaduais e regionais, universidades e comunidades. Era a pastoral carcerária que apresentava a mulher presa, a partir da experiência dos e das agentes que realizam visitas, que entram todas as semanas nos presídios, que encontram e ouvem as histórias das mulheres presas.Começamos a pautar o direito constitucional de amamentação – tanto da mãe como da criança – e hoje, em quase todos os estados, esse direito é garantido. Participamos na elaboração das regras de bangkok, um trabalho inédito da onu para elaborar as regras [mínimas] para o tratamento de mulheres presas que hoje em dia viraram pauta no brasil. Fomos denunciar como o brasil vinha tratando as mulheres encarceradas na comissão interamericana de direitos humanos, em washington. Depois disso, o governo federal instituiu um grupo de trabalho interministerial sobre mulheres encarceradas, com a participação da pastoral carcerária e várias parcerias da sociedade civil e do estado. Através de todo esse trabalho e mobilização, tivemos consideráveis conquistas relacionadas a mulher privada de liberdade, seja de resgate da dignidade dessas mulheres e no combate a este sistema (prisional) de morte. Nosso projeto maior é o desencarceramento de corpos femininos. Todas as pessoas que se sentem mulheres. Por isso, nossa maior atuação se volta para a agenda nacional do desencarceramento e estamos lançando a agenda da mulher desencarcerada que pontua necessidades exclusivas de mulheres na condição de privação de liberdade. Também nosso maior embate é sobre as condições vulneráveis e torturantes em que vivem e não podemos aceitar, ou nos acomodar com está situação. Essa é a importância de termos pastorais carcerárias em todos os estados para ampliar a nossa atuação e conseguirmos caminhar para um mundo sem cárceres.
Católica	Comunidade eclesial de base são jose/paróquia cura d'ars campinas sp	Grupo de mulheres cebs são jose	Campinas	SP	Reuniões semanais com oração; partilha da vida e aprofundamento de temas sobre a situação das mulheres. Trabalhos artesanais (realização de duas feiras anuais para exposição, divulgação e venda dos produtos). Participação em atos publicos e comemorações com o grupo de mulheres na periferia de campinas.
Católica	Arquidiocese de campinas	Mulheres na periferia	Campinas	SP	Desde 1980, a partir de nossa participação nas comunidades eclesiais de base – cebs – iniciamos um trabalho com as mulheres com objetivos de discutirmos nossos direitos como cristãs e como mulheres na sociedade. Denominamos grupo de mulheres na periferia. Em 2012, lise roy, uma das coordenadoras do grupo desde seu inicio, escreveu "mulheres fazendo história: história do grupo de mulheres na periferia de campinas sp (1980-2010). Editora setembro, holambra sp. 2012. Articulação dos grupos de bairros: coordenação que se reúne mensalmente, com representantes. Realizamos debates sobre direitos reprodutivos; combate a violencia contra a mulher; lei maria da penha; participação da mulher na política.Realizamos cursos de atualização sobre equidade de gênero. Representação no conselho municipal dos direitos da mulher e na marcha mundial da mulher.Organização e participação em atos públicos com outros grupos e movimentos de campinas (8 de março, 18 de maio, 25 novembro...)

Católica	Paroquia cristo libertador/paróquia santo afonso maria de ligório e paróquia são pio x - campinas	Grupo de mulheres sem medo do amanhã (é ligado ao grupo de mulheres na periferia de campinas	Campinas	SP	O grupo de mulheres sem medo do amanhã, se reúne a mais de 30 anos, envolvendo mulheres que frequentam as comunidades das três paróquias citadas. Atualmente a participação é predominante de mulheres da terceira idade, reunindo mulher em torno que de 25 a 45 mulheres em cada reunião. Além da vivencia da espiritualidade, temos como objetivo refletir sobre temas da contemporaneidade como:· auto estima e empoderamento feminino · O papel social da mulher e a questão de gênero · O combate ao racismo e a violência contra a mulher · A saúde da mulher · Diálogos intergeração · A mulher e a política · A participação da mulher na sociedade Entre outros temas que surgem da necessidade das mulheres. O grupo visa ainda, estimular a participação das mulheres e propor momentos de lazer e partilha através de cafés, viagens, confraternização e celebração da vida. Para algumas mulheres que frequentam o grupo esse é o único espaço de vivência social, fora do âmbito doméstico. As reflexões sempre acontecem a partir de dinâmicas de interação, para ajudar na compreensão de cada tema, respeitando a diversidade do grupo. Outra característica é que embora nos reunimos nos espaços das diversas comunidades da igreja católica, o grupo é ecumênico.
Católica	Igreja católica	Pastoral da dignidade da mulher	Caxias do Sul	RS	Acompanhamento de mulheres em situação de prostituição, escuta, momentos formativos e espirituais, encaminhamentos: documentação, estudo e trabalho.· Resgatar a dignidade do ser mulher, do auto-cuidado e reinserção na sociedade.
Católica	Associação palotina	Centro de acolhida para mulheres imigrantes e refugiadas - caemi	São Paulo	SP	Moradia pelo período de 12 meses; encaminhamentos diversos (saúde, educação, cursos profissionalizantes, entre outros); rodas de conversa; palestras: direitos humanos, trabalhistas, imigrantes/refugiados; direitos e deveres; legislação brasileira e políticas públicas; oficinas; entre outros. Cursos profissionalizantes na área da estética
Católica	Pastoral da saúde da arquidiocese de santarém-pa.Igreja católica	Projeto katumawa íwi	Santarem	PA	Cultivo e vendas de mudas de plantas medicinais, uso de homeopatia para cuidar da terra e das plantas de forma orgânica e saudável
Católica	Congregação missionárias filhas do calvário. Igreja católica	Grupo arte e luz, grupo solidariedade	Salvador	BA	Cursos de artesanato e oficinas para mulheres, bazar, projeto sócio educativo com crianças, atendimento às famílias em área de ocupação.Distribuição de cestas básicas nesse momento de pandemia (quando recebemos alguma doação)
Católica	Pastoral da mulher em situação de risco da arquidiocese de feira de santana	Espaço viva mulher	Feira de Santana	BA	Acolhimento diário; cursos profissionalizantes na área de beleza e culinária; acompanhamento psicológico; orientações jurídicas; visita e convivência com a mulheres de batalha em seu local de trabalho; celebração da vida.
Católica	Católicas pelo direito de decidir				Católicas pelo direito de decidir é um movimento político de cunho internacional que se articula em organizações não-governamentais (ongs) hoje em 12 países pelo mundo. Formada por mulheres que são católicas, a ong propõe um questionamento sobre determinadas leis eclesiásticas da instituição, em especial aquelas relacionadas ao aborto, direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres sobre o próprio corpo.
Católica	Pastoral da mulher – região episcopal brasilândia.	Rede ajuda	São Paulo	SP	No início da pandemia arrecadamos cestas básicas e absorventes femininos no qual etiquetamos com mensagens contra a violência doméstica e os telefones de denuncia.

Católica	Arquidiocese de natal/rn	Pastoral carcerária – grupo mulher encarcerada	Natal	RN	Representantes/coordenadoras/assessoras em aproximadamente 15 estados, que semanalmente ou quinzenalmente visitam as mulheres (isto antes da pandemia). O trabalho com as mulheres encarceradas iniciou em 1997, em são paulo, quando havia pouca gente dando atenção às questões das mulheres encarceradas, tanto dentro dos presídios como na sociedade civil. E não existia uma coordenação específica para a mulher presa, um trabalho/olhar específico voltado para essa população, ou seja, os agentes da pastoral que realizavam as visitas de evangelização com os homens, também visitavam as mulheres. Com o decorrer do tempo fomos agregando outros parceiros, outras instituições e alguns que já estavam inteirados ao tema e outros que nunca tinham cogitado o fato de existirem mulheres nos cárceres, mas que foram sensibilizados e se juntaram à causa, levando a questão das mulheres presas às reuniões e assembleias da pastoral carcerária e despertando estudos, reflexões e organizações de trabalhos.Outra caraterística é que embora nos reunimos nós espaços das diversas comunidades da igreja católica o grupo é ecumênicoo grupo de estudo e trabalho mulheres encarceradas, que a pastoral carcerária ajudou a criar em são paulo, no ano de 1997, ia ganhando força e chegou a um reconhecimento nacional. Foi convidado a falar em todos os níveis do governo, em eventos estaduais e regionais, universidades e comunidades.
Católica	Arquidiocese de salvador	Igreja católica – ação social arquidiocesana	Salvador	BA	Igreja católica – ação social arquidiocesana
Católica	Pastoral carcerária para questão da mulher encarcerada/cnbb	Pastoral carcerária para questão da mulher encarcerada/cnbb	Corumbá	MS	Participo da marcha mundial de mulheres
Católica	Pastoral carcerária para questão da mulher encarcerada cnbb	Pastoral carcerária	São José	SC	Atuamos para fortalecer as ações da pcr relacionadas as mulheres em privação de liberdade, tendo como horizonte o desencarceramento e o debate de gênero, articulando o trabalho em rede com outros atores.
Católica	Pastoral carcerária para questão da mulher encarcerada cnbb	Pastoral carcerária	Corumbá	MT	Atuamos para fortalecer as ações da pcr relacionadas as mulheres em privação de liberdade, tendo como horizonte o desencarceramento e o debate de gênero, articulando o trabalho em rede com outros atores.
Católica	Pastoral carcerária para questão da mulher presa	Pastoral carcerária	Belo Horizonte	MG	Atuamos para fortalecer as ações da pcr relacionadas as mulheres em privação de liberdade, tendo como horizonte o desencarceramento e o debate de gênero, articulando o trabalho em rede com outros atores.
Católica	Paróquia nossa senhora aparecida	Bordadeiras de são camilo	Vitória da Conquista	BA	Bordados, tricô, crochê, enfeites natalinos e juninos, etc. Expomos os produtos feitos por mulheres na maioria idosas, em bazares e metade da renda e doada ao grupo da pastoral da saúde que é revistido em médicamentos, fraldas e demais nescecidades dos enfermos.
Católica	Pastoral da juventude	Pastoral da juventude	Passo Fundo	RS	Catequesis e pastoral da juventude
Católica	Pastoral carcerária para questão da mulher presa	Pastoral carcerária	São José	SC	Visitar e acompanhar as mulheres privadas de liberdade
Católica	Secretariado para o 15° intereclesial	Cebs do brasil	Cuiabá	MT	Cebs do brasil
Ecumenico: anglicana e católica	Igreja católica / casa da reconciliação	Ação ecumênica de mulheres	São Paulo	SP	Ação ecumênica de mulheres

Ecumênico	Centro ecumênico de formação e educação comunitário-profec	Defesa dos direitos das mulheres (negras) da baixada fluminense, rj	Duque de Caxias	RJ	O profec já trabalha com as mulheres na baixada fluminense – rj, precisamente nos 06 maiores municípios (queimados, nova iguaçu, belford roxo, duque de caxias, são joão de meriti, e magé). O que fazemos é reunir pequenos grupos de mulheres para disseminar os conceitos de direitos, empoderamento, auto estima e criar iniciativas de combate a violência causadas a elas no dia a dia, temos também como princípio enfatizar sempre os valores ecumênicos e o diálogo inter religioso. O público alvo são: mulheres pertencentes as igrejas católicas, metodista, ortodoxa e algumas pentecostais. Acreditamos que a valorização das mulheres passa pela defesa de gênero e inclusão das que mais sofrem violações que são as negras. Em 2020, devido a pandemia do covid-19, passamos a realizar atividades on line, por aplicativos de mensagens e lives através do facebook. Ainda respeitando as orientações da oms, retornaremos a partir de dezembro, alguns encontros presenciais com o número reduzido de pessoas e em locais abertos.
Ecumênico : cese	Coordenadoria ecumênica de serviço	Programa de pequenos projetos/ formação	Salvador	BA	O programa de pequenos projetos da cese, busca fortalecer organizações populares e movimentos sociais, através de apoio técnico e financeiro a suas ações de defesa e promoção de direitos humanos, em várias áreas temáticas, assim como para seu fortalecimento institucional. A cada ano, são apoiados 300 pequenos projetos em todo o brasil. O programa define as mulheres como público prioritário, apoiando iniciativas de mulheres urbanas e rurais, negras, indígenas, quilombolas, camponesas, moradoras das periferias das grandes cidades,trabalhadoras domésticas, jovens, entre outros segmentos de mulheres.
Ecumênico	Coletivo de organizações	Campanha “tire os fundamentalismos do caminho! Pela vida das mulheres!”	Nacional		A iniciativa tem como objetivo alertar a sociedade sobre os avanços dos fundamentalismos no brasil e o risco que representam à vida das mulheres. A ação tem como finalidade também afirmar a importância da pluralidade de crenças e apontar para caminhos e práticas de uma cultura de paz, de respeito e de valorização da diversidade. A campanha envolve produção de materiais para divulgação nas redes sociais, notas públicas de posicionamento e realização de debates virtuais (lives). Link: https://www.Facebook.Com/tireosfundamentalismosdocaminho;
Evangélica	Exército de salvação	Projeto floreser	São Paulo	SP	Desenvolver palestras preventivas em escolas, cca, igrejas e etc.Encontros temáticos são realizados nas comunidades onde vivem as atendidas.Atendidas Fornecer cesta básica mensalmente para as atendidas no programa Ações preventivas referentes á sexualidade saudável são realizadas para 200 adolescentes participantes de projetos sociais e/ou escolas. Os participantes participam de rodas de conversas referente a temas como, planejamento familiar, lei maria da penha, educação de filhos, doenças sexualmente transmissíveis, igualdade de gênero, etc atendimento de 40 adolescentes grávidas ou jovens mães/pais, assim como suas famílias, em situação de vulnerabilidade recebem apoio social pelo período de até 01 ano, contribuindo para efetivação dos direitos, aquisições sociais e a melhoria na qualidade de vida
Evangélica	Exército de salvação	Liga do lar	Recife	PE	Trabalhamos com mulheres de terceira idade.Fazendo trabalhos manuais crochê pintura a em vidro e outros como bonecas de panos e almofadas
Evangélica	Eig	Eig	São Paulo	SP	Evangelicas pela igualdade de gênero
Evangélica	Cuxi coletivo negro evangélico	A presença de mulheres africanas na bíblia	Salvador	BA	Roda de conversa com o objetivo de dar visibilidade à presença da mulher africana na bíblia e, assim, trabalhar a autoestima das mulheres negras evangélicas, fazendo com que as mesmas também possam sair da situação de vulnerabilidade social, ao conhecer sua história ancestral.
Espírita	Centro espirita casa de redenção joanna de angelis	Trabalho de promoção social badu	Salvador	BA	180 Famílias são beneficiadas atualmente pelo trabalho. Os encontros com as famílias beneficiadas são realizados mensalmente a cada terceiro domingo de cada mês. São realizadas palestras psicoeducativas sobre temas variados, com a participação de educadores, psicólogos, nutricionistas e outros profissionais, conforme a programação do mês. Ao final da palestra, é distribuído um lanche aos presentes. Após o lanche, são realizadas atividades diversificadas, a depender do perfil e das necessidades individuais dos beneficiários: oficinas práticas, visando à ampliação da renda familiar (culinária, artesanato, etc.)Grupos de acolhimento com a realização de dinâmicas que buscam alcançar resultados terapêuticos (conduzido por psicólogos e terapeutas). Grupo de trabalho com idosos, envolvendo questões referentes à valorização do processo de envelhecimento. Grupo de assistência às gestantes, com orientações sobre a gestação e o desenvolvimento da primeira idade. Distribuição de enxovais. Palestra sobre empreendedorismo, orientações sobre mercado de trabalho, e questões financeiras. Ao final das atividades, as famílias recebem cestas básicas, com gêneros alimentícios de primeira necessidade e de higiene pessoal, além de kits de roupas usadas.

Luterana	Fundação luterana de diaconia (FLD)	Nem tão doce lar	Porto Alegre	RS	Nem tão doce lar (https://fld.Com.Br/nem-tao-doce-lar/) é uma exposição itinerante e interativa que nasceu a partir de uma mostra internacional chamada rua das rosas, idealizada pela antropóloga alemã una hombrecher, com apoio da agência pão para o mundo (ppm). A exposição é itinerante porque pode ser montada em diferentes cidades e estados e ser adaptada a diferentes contextos geográficos e culturais. É interativa porque permite que as pessoas que visitam a casa possam interagir com as acolhedoras e com o ambiente através de perguntas, sugestões, leitura dos materiais visuais e materiais disponíveis para distribuição. A exposição foi montada pela primeira vez no brasil em fevereiro de 2006, durante a realização da 9ª assembleia do conselho mundial de igrejas, que aconteceu na pontifícia universidade católica do rio grande do sul – pucrs. Após esta primeira exposição organizada pela fld, em parceria com a igreja evangélica de confissão luterana no brasil – ieclb, e com a participação de organizações da sociedade civil que atuam na defesa de direitos das mulheres e na superação da violência doméstica, deu-se início ao processo de construção de uma identidade brasileira. Assim surge a "nem tão doce lar" – uma vida sem violência, direito de mulheres e homens. A metodologia diaconal de superação da violência doméstica e familiar - nem tão doce lar –, propõe a denúncia de todas as formas de violência contra mulheres, crianças, adolescentes, jovens, pessoas idosas e pessoas com deficiência em âmbito doméstico e familiar, ao chamar a atenção para um tema que precisa ser refletido e amplamente debatido em nossa sociedade. Desta forma, rompe o imaginário de que a violência doméstica é um assunto privado, denunciando a violência como um problema social, de segurança pública, de educação e de saúde. Além disso, visa ser um espaço de sensibilização da população frente à temática, propondo a criação e o fortalecimento das redes de apoio entre instituições da sociedade civil, coletivos, movimentos sociais, igrejas e organizações governamentais, no intuito de promover incidência pública e resposta efetiva às políticas públicas existentes. A aplicabilidade de legislações como a lei maria da penha - 11.340/2006, Exige uma rede local atuante e fortalecida. A metodologia prevê a montagem de uma exposição, em local público, que remete ao espaço de uma casa, com pistas que auxiliam as pessoas visitantes a identificarem os sinais sutis da violência vivenciada em âmbito doméstico. No interior da exposição são disponibilizados 2 materiais que auxiliam na divulgação de serviços de apoio como a escuta lilás 180, disque 100, telefones de centros de referência, delegacias especializadas e outros meios de denúncia e ajuda. A fld realiza a capacitação, disponibiliza o empréstimo de cartazes e banners, auxilia na montagem da exposição e acompanha o processo. Dentro da casa (cenários), pessoas atuam como acolhedoras e auxiliam durante as visitas. Essas pessoas passam por uma oficina preparatória. A oficina de formação é ministrada pela fld e tem duração aproximada de 8 horas. São trabalhados os seguintes temas: > a violência em suas diversas manifestações. >Violência doméstica como violação dos direitos humanos. > Violência e vulnerabilidades. > Violência e relações de gênero (abordagem de conceitos como patriarcalismo, sexismo, androcentrismo e machismo). > Defesa das políticas públicas necessárias para a superação da violência doméstica e familiar. > Discussão sobre a importância das redes de apoio para a aplicabilidade da lei federal 11.340/2006, Conhecida como lei maria da penha. > Aspectos da violência religiosa e sua relação com as demais tipificações previstas em lei. A fld fornece um manual de montagem da casa com lista de móveis e utensílios para constituição dos cenários. A exposição tem alcançado um número crescente de profissionais de diversas áreas, levando em conta que a superação da violência doméstica exige uma atuação interdisciplinar e inter-religiosa. Trata-se de uma metodologia em permanente movimento e transformação, tendo como base a justiça de gênero e o enfrentamento ao machismo. No ano de 2019, foram 2.857 Pessoas visitantes, 11 oficinas de formação de acolhedoras e acolhedores, com um total de 562 pessoas capacitadas, realização de uma roda de diálogo sobre masculinidades, com a participação de 14 homens de diferentes faixas etárias. Realização de uma roda de diálogo com educadoras e trabalhadoras do suas na cidade de são leopoldo/rs, que contou com a participação de 70 profissionais da área da assistência e da educação. Diálogo com a juventude luterana sobre violência de gênero, que contou com a participação de 19 lideranças jovens. Realização de três palestras para mulheres integrantes da ordem auxiliadora das senhoras evangélicas (oase), com um público total de 222 pessoas. Formação sobre diaconia transformadora e superação da violência doméstica para lideranças da ieclb – na cidade palmas/to – 60 pessoas. Roda de diálogo diaconia transformadora e economia solidária na superação da violência: 25 pessoas na cidade de teófilo otoni/mg. Vídeo debate sobre as etapas do ciclo da violência e as tipificações previstas em lei para um grupo de 25 pessoas, no círculo operário leopoldense-col. A nem tão doce lar já esteve em mais de 90 municípios de 13 estados brasileiros, contribuindo para o fortalecimento das redes locais e das ações de defesa de direitos das mulheres e o trabalho de prevenção às violências. No ano de 2020, por conta da pandemia de coronavírus (covid-19), as atividades presenciais da nem tão doce lar foram interrompidas. E algumas ações, como grupos virtuais de reflexões sobre masculinidades, intensificadas, especialmente no segundo semestre, envolvendo participação em grupos de pesquisa, semana acadêmica, semana dos direitos humanos, lives de organizações da sociedade civil e da igreja, entre outros espaços onde a reflexão se fez necessária.

Luterana	Fundação luterana de diaconia	Curso de promotoras legais populares – capa	Pelotas	RS	Apresentação: o curso de formação de promotoras legais populares nasce da parceria entre.Capa-centro de apoio e promoção da agroecologia, ceca-centro ecumênico de evangelização,capacitação e assessoria e fld e integra uma atividade do projeto "promotoras legais populares:diaconia e justiça de gênero nas comunidades rurais", com o apoio da igreja evangélica deconfissão luterana no brasil – ieclb, através do fundo de trabalho com vítimas de violênciadoméstica, igreja evangélica luterana da américa – elca e pão para o mundo. O projeto "foielaborado a partir de demandas apresentadas pelas comunidades que serão beneficiadas, as quaistêm enfrentado situações de violência e buscado apoio no capa", conforme citação do mencionado projeto. É necessário destacar que no meio rural estima-se que 55% das mulheres já sofreram violência doméstica. O curso aconteceu em 2019 e foi desenvolvido em três módulos, com carga horária de 100h e participação de 40 mulheres.2 - Descrição das ações e resultados: o curso foi concluído por 28 mulheres, que cumpriram 75% de presença, requisito para receber o título de promotora legal popular.O projeto é composto por duas grandes ações, com suas respectivas atividades:a) ação: capacitação de grupo focal de mulheres como agentes populares pela justiça de gêneroe direitos humanos.Atividade - curso de formação de promotoras legais populares, carga horária de 100 horas, emparceria com o ceca.B) ação: replicabilidade da formação de promotoras legais populares e capacitação de gruposorganizados de mulheres para enfrentamento à violência e participação em espaços de tomadade decisão e liderança.Atividade - oficinas e rodas de conversa mensais sobre justiça de gênero e direitos com gruposde mulheres das comunidades rurais.
Luterana	Igreja evangelica de confissão luterana	Metas missionárias da ieclb – 2019 a 2024	Porto Alegre	RS	Trata-se de um documento, aprovado em concílio, que visa indicar áreas de prioridade e objetivos, consideradas estratégicas para a sustentabilidade de toda a igreja, que podem ser implementadas em nível nacional, sinodal e local. Especialmente as metas 3 e 4 valorizam a diversidade e a justiça de gênero como áreas de prioridade para a missão da igreja. Propõem formação, capacitação e apoio às lideranças de todas as instâncias da igreja para que compreendam, se expressem e atuem contra a discriminação por raça, gênero, deficiência, orientação sexual e condição social; elaboração de uma política de justiça de gênero para a ieclb; sensibilizar e visibilizar as situações que envolvem violência doméstica e institucional em todas as instâncias da vida da igreja.
Luterana	Igreja evangelica de confissão luterana	Ampliação da representatividade das mulheres	Porto Alegre	RS	De 40% para mulheres e homens nos cargos de liderança, espaços de decisão e representação (xxix concílio geral da ieclb, 2014). Identificar, incentivar e promover maior participação de mulheres nos espaços de decisões, representação e cargos de liderança. Incentivar , promover e apoiar formação e capacitação de mulheres
Luterana	Coordenação de gênero, gerações e etnias da ieclb em parceria com o programa de gênero e religião da faculdades est	Campanha em comunhão com as vidas das mulheres	Porto Alegre	RS	Sensibilizar a comunidade para romper com o silencio e dar visibilidade às situações de violência que acontecem dentro das casas e contribuir na construção de estratégias para fortalecer as mulheres na busca por socorro, denúncia e proteção por meio de: produção e publicação de e-cards nas redes sociais; produção e disponibilização de spots para programas de rádio; promoção de formação para ministros e ministras com vistas ao aconselhamento e acolhimento de mulheres em situação de sofrimento; fortalecimento e organização de redes de apoio, a partir das comunidades eclesiais.
Luterana	Fundação luterana de diaconia	Política de justiça de gênero	Porto Alegre	RS	Encontros de mulheres trabalhadoras fld-comin-capa; grupos de masculinidade; apoio a encontros de mulheres indígenas; grupos de mulheres da economia solidária; grupos de mulheres quilombolas (capa-pelotas) grupos de mulheres catadoras de material reciclável; coletivo e grupos de mulheres camponesas (capa-verê e capa-rondon); formação com mulheres via instituições diaconais da rede de diaconia; processo formativo em agroecologia feminista e antirracista;

Luterana	FLD-comin-capa	Programa de pequenos projetos	Porto Alegre	RS	O programa de pequenos projetos (ppp) da fld visa fortalecer grupos organizados da sociedade civil e movimentos sociais, instituições diaconais e ecumênicas, redes, empreendimentos de economia solidária, cooperativas e associações, na defesa de direitos, por meio do apoio e acompanhamento a projetos. A atuação se dá a partir de cinco áreas temáticas – justiça econômica, justiça socioambiental, diaconia, direitos e ajuda humanitária – sendo justiça de gênero e justiça socioambiental critérios transversais a serem considerados no apoio, assim como de todas as dimensões das atividades desenvolvidas pela fld. Os apoios são realizados através da abertura anual de editais, em cada uma das áreas temáticas, e também por meio de projetos pontuais, recebidos em fluxo contínuo ao longo do ano, voltados à formação, mobilização, eventos e projetos de ajuda humanitária, abrangendo ações em todo o território brasileiro. O ppp objetiva, por meio do apoio, acompanhamento e também através de atividades formativas, contribuir para a construção e o fortalecimento de processos de gestão democrática com justiça de gênero junto aos grupos apoiados, entendendo que esta se dá por meio da consolidação de processos coletivos em que mulheres e homens participem de forma efetiva na tomada de decisões cotidianas e estratégicas, na definição de compromissos e direitos e na construção de conhecimentos, promovendo relações de gênero justas e igualitárias e gerando acesso de modo equilibrado a espaços de poder e governança. A política de justiça de gênero da fld também tem sido um subsídio para os projetos, a fim de avançar na promoção da justiça de gênero. Dentre os anos de 2017 a 2020, foram desenvolvidas mais de 60 iniciativas voltadas ao fortalecimento e protagonismo de mulheres, em ações nas diferentes áreas temáticas do programa. Grupos de mulheres, coletivos e organizações feministas, instituições diaconais, articulações de mulheres e juventudes realizaram ações que pautaram a luta pela garantia e acesso a direitos, o fim da violência de gênero, a defesa de seus campanha da fraternidade ecumênica “cristo é a nossa paz: do que era dividido dez uma unidade” (ef. 2.14). Territórios e da agroecologia, a organização e mobilização das mulheres frente ao machismo, ao racismo, ao sexismo e aos fundamentalismos. Nos projetos da área de diaconia, destaca-se a ação junto a mulheres na partilha de conhecimentos sobre seus direitos, leis de proteção e canais de denúncia a partir da realização de ações de afirmação dos direitos e de superação de todas as formas de violência, além do protagonismo de instituições diaconais na mobilização de organizações da sociedade civil e governamentais para ações de incidência no enfrentamento à violência doméstica e de gênero. Na área de justiça socioambiental, projetos desenvolvidos principalmente por juventudes e mulheres na promoção da agroecologia, destacaram a fundamental relação existente entre o trabalho das mulheres e o fortalecimento das práticas agroecológicas. Mulheres camponesas e de povos e comunidades tradicionais foram protagonistas em ações de mobilização, formação sobre justiça de gênero, articulação e incidência na defesa do direito pela terra, ao território e dos bens naturais, pautando a necessidade de serem construídas outras formas de relações com o ambiente, em contraposição ao modelo de exploração, degradação e destruição. Projetos da área de justiça econômica trouxeram enfoque em ações de fortalecimento das mulheres de empreendimentos econômicos solidários por meio de atividades de formação e incidência, tendo em vista a justiça de gênero, o acesso às políticas públicas e a participação plena e efetiva na gestão dos empreendimentos e nos espaços de controle social. Projetos contribuíram com a promoção da justiça de gênero, tendo como resultados a participação ativa das mulheres na gestão do projeto e do empreendimento, além da ampliação da atuação das mulheres em processos de incidência e promoção da autonomia econômica também como uma das estratégias de enfrentamento à violência doméstica. Em relação às ações apoiados na área de direitos, os projetos envolveram ações com foco na justiça de gênero, democratização da comunicação e fortalecimento de coletivos de comunicação protagonizados por mulheres, ações pelo enfrentamento à violência doméstica, formação e incidência pelos direitos das mulheres, e o fortalecimento e articulação de movimentos de mulheres rurais e urbanas. As ações realizadas buscaram promover o fortalecimento da autonomia - dos grupos de base e de movimentos nacionais de mulheres -, a organização de coletivos, de redes e também de jornadas, marchas e atos públicos, ampliando a articulação e a visibilidade das pautas e lutas feministas, especialmente diante de um contexto de desmontes e retrocessos que afetam diretamente a vida das mulheres. Em 2020, além dos temas elencados, lançou-se também edital específico na temática de justiça de gênero. Os projetos apoiados envolvem o fortalecimento da atuação e do protagonismo de coletivos de mulheres de povos e comunidades tradicionais, mulheres camponesas e urbanas, jovens, mulheres do movimento de pessoas sem teto, catadoras de materiais recicláveis, bem como ações na defesa de direitos sexuais e reprodutivos. A pandemia de covid-19 afetou diretamente a dinâmica de atuação dos grupos e coletivos, o que também levou à readaptação de ações, considerando os formatos e ferramentas virtuais, ou então à reorganização de cronogramas, para que as ações presenciais previstas se iniciem em momento mais seguro. O contexto de crise sanitária afeta diretamente a vida das mulheres, ampliando situações de vulnerabilidade e aprofundando violências. Nesse sentido, também ações de ajuda humanitária têm sido apoiadas, com foco na segurança alimentar, sanitária e também no apoio psicossocial a mulheres vítimas de violência. Em 2020 foi lançada a publicação “travessias transformadoras no programa de pequenos projetos”, que sistematiza as ações do programa e traz os principais resultados dos projetos apoiados entre os anos de 2017-2019. As ações aqui relatadas podem ser aprofundadas, acessando-se a publicação, a qual está disponível para download no site da fld, no link https://fld.Com.Br/publicacoes/.
Metodista	Igreja metodista	Mulheres imigrantes e refugiadas	São Paulo	SP	Acolhida a mulheres imigrantes e refuigiadas e seus filhxs

Católica	Católica	Ação ecumênica de mulheres	São Paulo	SP	Ação ecumênica de mulheres
Ecumênica	Pastoral carcerária	Pcr para a questão da mulher presa	Guarulhos	SP	Atuamos para fortalecer as ações da pcr relacionadas as mulheres em privação de liberdade, tendo como horizonte o desencarceramento e o debate de gênero, articulando o trabalho em rede com outros atores.

ENGLISH VERSION

SUMMARY

FOREWORD 4

INTRODUCTION 9

CHAPTER 1 13

Background on gender inequality and violence against women

CHAPTER 2 18

Why religions must take on the confrontation of gender inequalities

CHAPTER 3 21

Verbs are made in women's voices

CHAPTER 4 26

Religions' arguments for the defense of women's rights. How does your faith motivate you to fight for women's rights and justice?

CHAPTER 5 58

Advances and challenges in faith traditions for women's rights

CHAPTER 6 69

Critical analysis: diaconia: testimonial for faith and rights or welfare work of churches?

CHAPTER 7 76

Inter-religious circle of women for law and justice

REFERENCES 78

SCANNING 83

FOREWORD

Foreword

Anita Whright Torres[1]

It is with great joy that we have crafted this e-book, a result of the project CONIC has embraced: Supporting Women Leaders in Churches to Overcome Gender Inequality, which was aimed at "strengthening the role of women of faith in promoting gender justice by empowering them to seek equality as well as to address social norms that propagate gender violence."

The conversation rounds under the theme "Women: Faith, Rights and Justice" brought up reflections and challenges. Among them is that of "identifying the biblical-theological, pastoral and diaconal limits" that continue to exist in faith communities so that women may be fully acknowledged both in their dignity and as protagonists.

This e-book is intended to reveal the invisibility of women. Women are visible for cleaning work, organizing liturgical spaces, visiting the ill, but they are invisible in the spaces of leadership, ordination, and equal participation of men, which prevents their rightful protagonism.

We want to offer visibility to women from different religions, who share here their life and faith experiences, their world outlook, and their search for dignity while exerting their autonomy and protagonism.

In the 21st century, we still find, in most religious communities, a patriarchal system of power, hierarchy, and religiosity, but we find, in these same communities, women who seek and exercise dialogue, mutual res-

1 Presbyteress of the United Presbyterian Church of Brazil and first vice-president of the National Council of Christian Churches of Brazil

pect, sorority, solidarity, and resilience in the pursuit of good living, and so that they can be protagonists of their own lives.

The analysis of diakonia in the religious communities with the dichotomy "assistential work Vs. rescue of autonomy and rights", finalizes this e-book and invites, especially the religious leaderships, to self-assess their work and mission. Diakonia means service to those around you, not with assistentialism, but with a prophetic voice that is fulfilled through promoting the values of the Kingdom of God[2], which is fulfilled in peace with justice, equity of rights, and good living.

We cannot fail to mention that the COVID-19 pandemic has brought to light the inequalities in our country, with an increase in domestic violence. There has been a 14.1% increase in the number of charges filed in the first four months of 2020 over those filed in 2019. According to data from the UN Women Brazil, every two hours a woman is murdered, and the home/domestic environment is where women are most likely to be at risk.

In the centennial of two Brazilians' birth who dedicated their lives to the defense of rights and life, we invite you to change the data and the stories explained here, allowing conjugating the verb "hope", in the words of Paulo Freire, and to follow "from hope to hope", as D. Paulo Evaristo Arns once said.

2 Cf. Zc 7.8-10; Mt 5; Lc 16.39-31.

My Rosary

My rosary is made of black and magic beads On my rosary beads, I sing Mother Oxum and pray Our Fathers and Hail Marys.

From my rosary, I hear the distant drumbeats From my people And I find in my barely sleeping memory The prayers from the months of May during my childhood.

The Lady's coronations, in which the black girls Despite their desire to crown the Queen, They had to be content to stand at the foot of the altar Laying flowers.

My rosary beads have made calluses On my hands For they are beads of work on the land, in the factories In the houses, in the schools, in the streets, in the world.

My rosary beads are living beads.

(Someone once said that life is a prayer However, I would say that there are blasphemous lives).

On my rosary beads, I weave intumescent Dreams of hope.

On my rosary beads, I see hidden faces

Through visible and inevidentAnd I pack the pain of the lost fight onto my rosary beads.

On my rosary beads I sing, I shout, I hush.

From my rosary, I feel the bubbling of hunger In the stomach, in the heart, and in the empty minds.

When I thresh the beads of my rosary I speak of myself in another name.

And I dream of my rosary beads about places, people,

Lives that little by little I realize are real.

I go back and forth through my rosary beads, Which are pebbles marking my body's path.

And on this path of beads-stones, My rosary is transmuted into ink, Fingers guide me, It insinuates poetry to me.

And after macerating bead by bead of my rosary, I find myself here And I realize that my name is still Maria[3]

3 EVARISTO, Conceição. My Rosary. In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

INTRODUCTION

Introduction

This e-book is a result of the project Supporting Women Leaders in Churches to Overcome Gender Inequality. The project began in November 2019, aiming to strengthen the role of women of faith in promoting gender justice by expanding their capacities to pursue equality, as well as to address social norms that propagate gender violence, and was supported by the World Development Campaign, Presbyterian Church in Ireland, through Christian Aid/Brazil.

The project was launched during the public presentation of the first Portuguese translation of The Women's Bible, organized in the 19th century by Elizabeth Cady Stanton[4].

Upon analyzing the major biblical texts that justify women's submission with a well-founded exegetical critique, Elizabeth and her fellows strove to find the religious roots of women's oppression, particularly in the First Testament and in the Early Church. The translation into Portuguese of The Women's Bible is timely in the context of strengthening fundamentalist movements that act in an organized manner to deprive women of hard-won rights.

The project's implementation was hindered by the COVID-19 pandemic, which required adaptations that included, firstly, emergency support for the Casa Noeli dos Santos, in Ariquemes/RO, which, at the beginning of the pandemic, had a 30%[5] increase in the number of women who sou-

4 STANTON, Elizabeth Cady. The Woman's Bible Translation by Ruth Barros. Org. Bianca Daébs Seixas Almeida. São Leopoldo, RS: CEBI; Livraria Anglicana, 2019.

5 This number is thought to be underestimated, since women seek help at non-specialized police stations at night when specialized Police Stations for Assistance to Women are closed. The security agents on duty at the non-specialized police stations usually lack the skills and training to correctly guide these women through the correct procedures.

ght shelter because of some sort of violence they had been subjected to. All activities that were originally going to be face-to-face were shifted to a virtual format, which required the use of specific methodologies.

This e-book is much more than a narrative description of situations. It is meant to share the reflections of those women who participated in two conversation rounds addressing the theme "Women: faith, rights, and justice". Based on the challenges pointed out by the participants, this material intends to contribute, in the first place, to identify the biblical-theological, pastoral, and diaconal limits that persist in the religious communities and, thus, to contribute so that women may be fully acknowledged in their dignity and protagonism.

The e-book pays tribute to the women who were victims of femicide during the pandemic. This remembrance, as the project was being carried out, took place in the online celebration "In Their Memory", which closed the second conversation round "Women: Faith, Rights, and Justice". Another purpose of this e-book is to raise awareness on the actions and projects developed by churches and other expressions of faith for the promotion of gender justice and the combat against all forms of gender violence. By making these initiatives known, we intend to contribute to the interaction among them and strengthen the perspective of the ecumenical exchange of resources.

Remembering Eduardo Galeano[6], we hope this e-book will contribute to overcoming the loneliness often experienced by women in religious

6 The statement by Eduardo Galeano that we refer to says: "We are a society of lonelinesses, who meet and miss without recognizing each other. This is our drama: an organized world of disconnection, where the other one is always a threat and never a promise". See: GALEANO, Eduardo. La naturaleza no es muda. Montevideo: Brecha, .

communities. Not rarely, women, in their statements, present themselves as people who are not acknowledged as persons in their own right. They are found and mismatched. They are found to do the cleaning work, organize the altars, visit sick people, and mismatched to occupy positions of leadership, ordination, and participation on equal footing with men. The drama experienced by women in religious communities can be described as a detached relationship with God's promise for justice and peace, which is made concrete in Baptism. This detachment occurs based on the different biblical hermeneutics and religious doctrines that insist on presenting women as a threat to men's salvation, and not as participants in God's loving grace.

We are very grateful to the Presbyterian Church in Ireland and the Christian Aid for their support and trust. Likewise, we would like to thank all the women who participated in the conversation rounds and the celebration, sharing their vision of faith, life, and their experiences with God in a large interreligious circle. We are very grateful to Yuri Orozco and Leila Gomes Apolinário for leading and organizing this project's activities.

Chapter

1

BACKGROUND ON GENDER INEQUALITY AND VIOLENCE AGAINST WOMEN

We are faced with a neoliberal economic, political, and religious background associated with conservative agendas that undermine the desire for dialogue and agendas with the Brazilian progressive popular sectors of civil society.

As far as women are concerned, draft laws and public policies about women's rights being discussed in the National Congress go against all the recommendations of international, regional, and national consensus. We are talking about a series of prohibitive proposals that by all means try to further curtail women's rights, which are currently so disrespected.

The dialogue channels between governmental bodies and women's organizations are weakened and, therefore, their citizenship and rights agenda suffer restrictions or repeated attempts to overrule their achievements. Public policies for women are mere palliatives and are almost always used as bargaining chips in the electoral context.

The term "gender ideology" has been leading to the organization of movements such as the School Without a Party and For Home Education, both led by conservative activists with a Christian background, which have an impact on public policies, especially those that are related to the school curriculum. These activists are very active in social media and the mainstream media to ignore the scientific/academic character of gender studies. The "gender ideology" movement resurrects themes related to the preservation of the traditional family, which is a generator of hierarchies and inequalities; as well as to the desire of controlling sexuality and denying arrangements that deviate from com-

pulsory heterosexuality; and also to the enactment of the old slogan that associates the defense of rights with the intervention of international groups and agencies.

Researchers Flávia Biroli and Débora Françolin Quintela[7] classify this movement as a compensatory moralism, which has an "ideological agenda that demands concrete policies from the government to restrict access to rights and produce new frameworks for mid-term public policies and guidelines. According to the researcher, compensatory moralism endorses the family as the privileged sphere for protection and control. Compensatory moralism is intrinsically tied to the neoliberal economic "austerity" agenda that reduces the State's role in key areas related to protection and care, such as daycare centers, public schools, nursing homes for the elderly, among others. By privatizing these areas, families are now subjected to further demands. Regarding control, families are in charge of sexually orienting their children, whilst focusing on their socialization process according to traditional values. Families begin to control the content of the school curriculum and in some situations, claim their right to homeschooling.

The negative impacts of this scenario involving the State's cutback on public services for the guarantee of rights fall directly on women. In the gender division of labor, women are in charge of everything related to care in the family space. In many cases, they find themselves forced to choose between care and work. They are often forced to choose betwe-

7 BIROLI, Flavia; QUINTELA, Débora Françolin. Mulheres e direitos humanos sob a ideologia da "defesa da família". In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). Governo Bolsonaro. Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. posição 5175. E-book.

en paid employment and unpaid domestic care. The feeling of guilt that arises when they have to choose between one or the other weakens them and they become even more exposed to unemployment, violence, and health problems. Black women and those economically vulnerable are the most exposed. A conflicting scenario, in times when the defense of "family" values and the promotion of women's roles are emphasized and encouraged.

Among its many impacts, the COVID-19 pandemic has made the inequalities even more evident in our country, as well as the culture of violence, which is largely evidenced by racism and misogyny. Data from the National Human Rights Ombudsman (CNDH) show that violence against women had an average increase of 14.1% in the number of charges made in the first four months of 2020 in comparison to 2019. The most striking month was April/2020, which, compared to the same month in 2019, had a 37.5% increase.

Worldwide, even before the COVID-19, one in every three women had experienced physical or sexual violence in their lifetime.

Regarding femicides, according to the Brazilian Public Safety Forum report, when comparing the accumulated period between March and May 2019 and 2020, some states lead the growth ranking: Acre: an increase of 400%, from 1 case (2019) to 5 (2020) cases; and Mato Grosso: an increase of 157.1%, from 7 cases (2019) to 18 (2020) cases. In Maranhão, 81.8%, increase from 11 cases (2019) to 20 (2020) cases. In Pará, an increase of 75%, from 8 cases (2019) to 14 (2020) cases. On the other hand, some states reported some decrease, such as Amapá (100%), Rio de

Janeiro (44%), and Espírito Santo (42.9%).

According to data from UN Women Brazil, a woman is murdered every two hours. In 2018, 4,519 women were murdered and 68% of the victims were black. Between 2008 and 2018, murders of black women increased by 12.4%, while murders of non-black women decreased by 11.7%. In 2019, police logged 66,123 cases of rape: 85.7% were women and 57.9% of the victims were under 13 years old.

A report called Visible and Invisible: the victimization of women in Brazil[8] points out that the home is where women are most at risk. According to the report, 48% of women reported that the most serious violence they experienced was in the domestic environment. Streets are mentioned in 19.9% of the reports, and the work environment in 9.4% of cases.

These data expose the family's idealization and oppose the fantasy that the home is an environment free of abuse and violence. Many ways of reading the sacred books and some theological elaborations directly or indirectly contribute to justifying this scenario of subjugation and submission of women. As Elizabeth Cady Stanton[9] already indicated in the 19th century, it is necessary to overcome the theologies that say that woman brought sin and death into the world, that it was a woman who precipitated sin and for this reason she will be judged in heaven, convicted and sentenced. This is the religious vision that perpetuates the patriarchal culture.

---

8 VISÍVEL e invisível: a vitimização das mulheres no Brasil. 3. ed. São Paulo: Fórum de Segurança Pública; Data Folha, 2021. Available at: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf. Accessed on: July, 5 2021.

9 STANTON, 2019.

Chapter

2

WHY RELIGIONS MUST TAKE ON THE CONFRONTATION OF GENDER INEQUALITIES

Brazilian culture is strongly influenced by religious perspectives, especially the Christian one, in regards to the role and place of women in society and churches. Religious values carry a symbolic force that works subjectively and constitutes a foundation for social gender relations.

In most religions, a conceptual, doctrinal, interpretative, liturgical, and traditional framework that legitimizes and reinforces the exclusion and subordination of women stands out.

When we talk about women, we refer to black women, indigenous women, women with different sexual orientations, girls, elderly women, street dwellers, immigrants, prostitutes, young women, peasants, and transgender women. These are women who belong to different territories and cultures, who have the most varied practices, spiritualities, and backgrounds. These women live in different environments and suffer the impacts of the multiple understandings promoted about women's role according to the religious traditions found in those territories.

The religious experience to which we belong is characterized by the dominant presence of men in the decision-making spaces of religious communities. Thus, the faith experience that we know and that guides us is the religious experience of men, who take on and reproduce the patriarchal culture.

The exaltation of male representations of God as father, lord, savior, judge, a warrior in theological and doctrinal interpretations induces the belief that men are closer to God than women, which reinforces unequal power relations in faith traditions.

The exclusive right to be the mediator between divinity and humanity is attributed to a male subject, formed in a patriarchal culture.

Women's religious experiences are not incorporated as saving experiences in many religions; therefore, the God images we know are male ones. Fiorenza[10] very appropriately calls this structure "Kyriarcado", a word derived from the Greek Kyriake, which means "lordship structure", "the lord's domain", "that which belongs to the lord, the father, the master, the husband". [11]

By meeting with women from different religious traditions and spiritualities, we realized the importance and urgency for religions and their institutions, social groups, and movements that recognize spirituality as a cornerstone, to share the struggles, advances, and challenges they face while working in religious spaces. When we look at the type of work women perform in such spaces, it is possible to present a critical outlook on women's role in society and religious communities. One question that came through the dialogue was whether there is openness to questioning dogmatic and doctrinal documents and constructions that subject women?

In the next chapter, we will let echo the voices of numerous women from different faith traditions and their perceptions about the challenges for a respectful religious experience of women's autonomy and individualities.

10 FIORENZA, Elizabeth Schüssler. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. Revista Concilium, Rio de Janeiro, Vozes, n. 281, p. 3, 1999.

11 FIORENZA, 1999.

Chapter

3

VERBS ARE MADE IN WOMEN'S VOICES

The voices speak about "why faith: rights and justice?

"It is important to work with women because women in the church are not always supported, even though they do everything in the church, they are submissive (to the priest, the coordinator, the pastor) and most of the people who are members of the religious communities are women"

"Because as women we listen to other women. We listen to teenage women about their suffering with violence"

"Because women need to be welcomed"

"Because gender violence needs to be discussed in the church"

"Because of the importance of caring for other people, of caring for those who care"

"Because religious leaders can also use their power, charisma, and influence to harass and beat women"

"Because as a woman I can understand other women"

"Because Christ brings dignity to women"

"Because Christ professes equality for men and women"

"Because we still live in a macho culture"

"Because we need to empower women, raise awareness about diffi-

cult topics like sexism”

“It is necessary to work on masculinity to tackle violence against women”

“Because we wish to make women visible in theology and in history because of their fight for rights”

“Because being among women nourishes us”

“So that women can have a turn and voice, live diversity, live their religion, their culture”

“For the care economy/feminist economy, to put life, not the market, at the core”

“Because women today are overwhelmed”

“Because of their own experiences with forms of discrimination”

“Because for women the demands are heavier”

“To destroy the structural sexism in society and churches.”

In their various forms, religions and spiritual movements, which are part of society as they promote principles and values aimed at contributing to a better world, must analyze the situation of women in the world in an in-depth and judgmental way.

This judgmental analysis implies:

1. Report the unjust, unethical, and amoral way that women, just because they are women, must live in unequal situations;

2. To carry out a critical analysis and question to what extent it has contributed to the fact that there is inequality between women and men in the world;

3. Report the capitalist system in its various forms: racist, sexist, and classist;

4. To recognize that women, the majority in religious communities, are the daily builders of survival in these spaces. But even so, their rights and dignity are not respected and sometimes not even acknowledged;

5. Uncover or reveal, in-depth, what are the foundations of their faith experience that can contribute to overcoming the inequalities of women;

6. Be a spokesperson in the different social arenas and denounce the denial of rights and the discrimination suffered by women;

7. Promote spiritualities that encourage reconciliation of human beings, among themselves, and towards the planet;

8. To rescue the historical practices of commitment beside

women, as an inheritance that has contributed and can continue to contribute to their empowerment and autonomy;

9. With no prejudice and seriously welcome the studies coming from feminist intellectuals from different areas of knowledge that reflect on the religious roots of legitimization of women's submission, welcoming the proposed solutions already identified by women in their biblical and theological elaborations;

10. Denounce homophobia and promote welcoming and caregiving for all people, regardless of their sexual orientation or identity.

Finally, this judgmental analysis implies that religions and spirituality movements recognize that it is impossible to solve gender inequalities without the commitment to be promoters of women's rights. One cannot speak of working for the dignity of women if it is not intertwined with the recognition of their full dignity, integrity, protagonism, and autonomy.

Chapter

4

RELIGIONS' ARGUMENTS FOR THE DEFENSE OF WOMEN'S RIGHTS

HOW DOES YOUR FAITH MOTIVATE YOU TO FIGHT FOR WOMEN'S RIGHTS AND JUSTICE?

Chapter 4

The religious history of mankind is marked by ambiguities. In many situations, we can observe the presence of religious power contributing to the growth and defense of a more human world, based on values such as solidarity, compassion, equity, and the common good. But on the other hand, we find the justification of violence, oppression, and death in the name of God.

We find this same ambiguity when it comes to analyzing the role of religion in women's lives. On one hand, there is a religious thought that has contributed to reinforcing the situation of women's subordination in society, in the family and the culture. On the other hand, the spaces of religious communities are recognized by them as environments where they find friendship, welcoming, understanding, and words of comfort in daily situations, which is reflected in the major participation of women in the most diverse religious spaces.

In contrast to religious arguments that reinforce the unequal social role occupied by women in society, we find religious arguments that allow us to empower a supportive culture for women's rights, both in society and in religions.

We want to reveal this side of faith traditions that can empower women's lives and support them so that they do not interpret oppressive and violent situations as a divine will or religious sacrifice. On the contrary, through the eyes of practicing and studious women from different religions, we have rescued and highlighted dimensions of faith that strengthen and promote women's dignity, integrity, protagonism, and autonomy.

Below, we share these thoughts presented by active women in religious communities. They are leaders in their traditions and elaborate theology from the foundations of their faith. They provide perspectives on the sacred based on their religious experiences and their engagement in spaces that advocate for rights and justice for all women.

IYÁ CRISTINA D'OSUN [12]: african-origin tradition

She emphasizes that, in the african origin religions, the primary orientation is to take care of the ori, which is the mental balance care. The warm welcoming of all individuals is paramount, and women are the ones in charge of this, where there is an interaction in which one takes care of the other so that one can take care of oneself.

We suffer the distresses of being women in a country discovered within patriarchy.

Who are we, women from African origin traditions? We are a religious tradition in which women are in charge of care because we are matriarchal. Speaking about women, faith, rights, and justice is to speak about the daily life of each one of us (women), regardless of the religious tra-

12 IYÁ CRISTINA D'OSUN is Ìyálórìṣà at the Associação Beneficente Educacional e Cultural Ilê Asé Iyalode Oyo (Cultural and Educational Ilê Asé Iyalode Oyo Association). Coordinator at the São Paulo Center of RENAFRO - Rede Nacional de Religiões Afro Brasileira e Saúde (National Network of Afro-Brazilian Religions and Health), coordinator of the Larayo Alta Estima and Ateliê Collective and of the Awon Obirin Project, counselor of the State Council of Participation and Development of the Black Community of São Paulo (2021-2024 management).

dition to which we belong. Because it is this generating womb within human nature that makes us women perform several roles within the concept of caring and welcoming. In our traditions we do this all the time and every day; when we take care of our children, our girls, our peers, our elders; because we talk about ancestry, about welcoming from what has been passed down to us orally.

We are just like the planet, misaligned, but our inner planet is also in misalignment right now. How are we going to deal with this? How are we going to deal with the differences as women in society if today, in the 21st century, women are still the ones who take care of the so many difficulties that mankind faces?

The human mind requires universal care. We have to bring back the responsibility awareness of our human species. We have the responsibility to take care of our body, mind, and spirituality.

In this pandemic, in a solidary move, we, women from the African origin religions, have the doors of our terreiros open. Through these doors, not only those who belong to the African origin religions may pass. People of all origins pass through our terreiros, and we take care of all of them, especially those who need to be sheltered, for any kind of difficulties.

We take much more care because our primary orientation is to take care of the ORI, which is the mental balance care. ORI means head; so we take much more care of our children, our women, the female friends...

Traditional peoples had to readapt as it is part of their tradition to hug,

to exchange blessings, to hold each other's hands, to be together. During this moment we put a lot of resistance into keep saying that before the womb that generates the universe, we Women have to welcome, care, and guarantee that the fullness of life happens.

We need every belief and every faith to unite to make a string of universal care, given the challenges that the pandemic poses, and we have to share.

ANGLICAN REVEREND BIANCA DAEBS[13]: christian-origin tradition

She highlights the historical journey and the historical foundation of women's participation in the project of christianity's creation, struggle for land, and defense of rights. An unbiased faith that does not limit relationships and the struggle for life. The principles of the christian faith state that all people, regardless of gender, class, or race, are equal before god.

"Christianity is a religion that arose in the context of a patriarchal and androcentric society and thus in many ways reflects the unfair structures of such society."

13 BIANCA DAEBS is an Anglican Reverend, PhD in Education from the Federal University of Bahia-FACED, MA in Social History from the Federal University of Bahia/FFCH; licensed in Philosophy from the Federal University of Bahia-FFCH, licensed in Pedagogy from Dom Pedro II College, BA in Theology from the Brazilian Baptist College, and BA in Law from Dom Pedro II College.

"Three pillars of the Christian faith help us secure, sustain, and inspire women's struggle for gender equity, law, and justice."

"The first principle is about gender equality, which is based on the idea that God created man and woman in the same image and similarity; there is no hierarchy in Genesis 1, 26, and 28 for the creation of both."

"The second principle is reciprocity, the golden rule of Christianity, which leads us to love our neighbor as ourselves, without constraints of gender, race, class, belief, or any other; it is simply about loving those around us. This grants us reciprocity in all of our actions."

"The third principle is that of the gratuity for God's love because God loved the world so much that he gave his only son so that all people who believe in him shall not perish but instead live forever. Again, there is no constraint of either gender or class, race or sexuality. The principle of gratuity is a principle broadly based only on our desire to approach the Sacred that is present in the Christian faith."

"Another basis is the historical basis of the Christian faith. Even though we know that feminist theology is an event that is structured between the 19th and the 20th century, there are many records, in the Judeo-Christian tradition, about the movement of women involved in the search for rights and justice for themselves and their loved ones. In order to voice and give place to women's trajectory, we bring to memory the five daughters of Zelophehad: Hogla, Macla, Milca, Noa, and Tirza, who, by questioning their right of land, triggered a change in Israel's legal code. Interestingly, these sisters were fighting for the right to land ownership. They sought the right to ownership of land that they

had already been farming."

"We rescue the trajectory of Tamar, who used her own body between the moral frontier and the search for the Right of a widowed woman in Israel. Tamar did not hesitate in the fight and search for her right, even when the instrument to be employed for doing so was her own body."

"We also recover the memory of Mary, mother of Jesus. Brought to memory by the Magnificat. Where Mary says: because he has looked upon my littleness, he has made me blessed among the nations, he has done great things in me; he has brought down the mighty and exalted the lowly, and his mercy is spread from generation to generation. Mary stands full of a life-changing spirit, a spirit that stands with poor and oppressed people."

"We recover the story of the woman with the alabaster vase, who becomes a priestess, preparing Jesus' body for the difficult days of his trial and subsequent condemnation."

"We remember Mary Magdalene, who goes beyond the limits of the Cross to become the apostle of the Apostles, announcing Jesus' resurrection."

"We, women, take on the protagonism of salvation throughout history, which is not restricted to men, either from the point of view of its interpretation, much less of its concretization in our world."

MONJA KOKAI[14]: buddhist tradition

She criticizes the patriarchal structures that aggravate the situation not only for women but for everyone. She emphasizes that it is when they meet each other and with wisdom that women of faith can find strength in their daily lives to carry on. When women have opportunities, they take them and go through together holding hands. No one lets go of anyone's hand.

"The female monks of Japan's Soto Shu religious tradition, Japan's Zen, take the Bodhisattva vow to serve all beings. They are not concerned with their enlightenment, but rather with being able to develop their capacity for wisdom, for compassion to the maximum, so that they can put themselves to serve everyone. It requires engagement, commitment by all beings, especially, sorority with other women. Amidst this pandemic crisis, it is necessary to join efforts to be able to keep the vows, the good intentions of being a little Mary, Margaret, of being able to help each other, because many people depend on women."

Monk Kokai quotes Paulo Freire[15] about what commitment is:

14 MONK KOKAI is a female Zen-Buddhist monk. Her Buddhist name means Ocean(kai) of vocation/vows(ko). Psychologist, ordained by the Monk Coen Roshi, abbess of Tenzuizenji Temple in São Paulo. She is currently the Zen-Buddhist practice advisor at Zen Vale dos Sinos

15 FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 9.

> Commitment, which is part of human existence, is only possible when it is engaged with reality, the "waters" of which truly committed men get "wet", soaked. Only then is commitment true. By experiencing it in an act that is necessarily courageous, decisive, and aware, men no longer claim to be neutral. Neutrality before the world, before history, before values, only reflects the fear of revealing commitment. Most of the time, this fear is the result of a "commitment" against men, against their humanization by those who claim to be neutral. They are "committed" to themselves, to their interests, or to the interests of the groups to which they belong. And since this is not a true commitment, they take on the impossible neutrality.

"This is a time in which we need to engage and bring ourselves to this commitment. The future of so many people depends on this commitment, especially in a moment in which Brazil is going backward. The pandemic could not have come at a worse time. It displays the worst managers in the history of the country."

"The most fragile groups, in which women are found because today almost 60% of single-parent families are headed by women. This is not an advance, this is not independence, women have to embark on this struggle by themselves. This is being very demanding for them. This is not a sign of civilization's progress. It is quite the contrary. We live in a society that concentrates income. Patriarchy is present in the East and

the West. I belong to a religious tradition strongly shaped by the patriarchal culture. Patriarchy is embedded as never before in our rule of law. To put it simpler, in our institutions."

"This State legitimates the narratives of violence and does not protect women nor a large part of the population. It does not protect black or poor people nor children. It is in the intervention and the everyday work, in the meetings, in the vertical work, but also horizontally, trusting in women's wisdom and compassion, in their determination, in their ability to meet that we can move forward, crossing and challenging the establishment, which does not provide opportunities for women and, when it does, we take advantage of it and cross it together holding hands. NO ONE LETS GO OF ANYONE'S HAND."

ETHEL SCLIAR CABRAL:[16] jewish tradition

SHE ADDRESSES A JEWISH PERSPECTIVE ON JUSTICE, RIGHTS, FREEDOM AND WOMEN

"At its roots, Judaism has always been a religion of contestation, a rather revolutionary religion."

16 ETHEL SCLIAR CABRAL has a doctorate from UFSC, Interdisciplinary Graduate Program in Human Sciences, and a master's degree from the Socioeconomic Sciences Center. She is a consultant in Education. Currently, she is a counselor at COMPIR - Municipal Council for the Promotion of Racial Equality, at FAHECE and at the Associação Israelita Catarinense, where she teaches the Introduction to Judaism course.

"Regarding women, in that period of remote antiquity, in the early days, women, and the orphans were ignored and abandoned to their fate."

"In this same controversial and innovative spirit, Judaism will create a series of protective measures to protect the rights of those who could otherwise be subject to injustice by the most powerful. Various legislations were created. For example, Judaism would legislate abortion to guarantee the life of pregnant women and their dignity. It also creates a new law to preserve the dignity of single women and to solve a series of intra-family and mainly, social conflicts. This body of law, called Halakhah, is the Jewish legislation, which lays out various measures. It is not static legislation, as many people think, but instead, it adapts itself to the new demands, to the interpretative look concerning the Jewish Bible and the other books."

"In the early days, sexism was also part of society. Judaism would gradually oppose sexism. This opposition was a constructed process. Judaism confronts inequality between women and men, even in the modern period. To this end, movements arise in opposition to this macho spirit. They are more contestatory and revolutionary movements in Judaism."

"Our discussion in this conversation round on 'Women: Faith, Rights, and Justice' is taking place just as we Jews are celebrating Pesach, the feast of freedom. What does freedom mean in the Pesach context? Freedom is a movement that involves all of us, it is a process with several steps, it is a celebration in which we fight against injustices, in which

the cry that we have in the biblical verse Deuteronomy 16, 20, 'Justice, Justice, you shall pursue,' becomes stronger."

"And it is on Pesach that we see the relevant role of women, among others, although many speak about Moses' role, who is the main character, there is a network surrounding the events of freedom on Pesach. Miriam, Moses' sister, the two midwives, Puah and Shifra rebel against the constituted power, which is the power of Pharaoh. There is Moses' mother, Yochibbe, the daughter of Pharaoh Batya, and Zipporah, Moses' wife."

"These characters, personalities, and feminine figures interweave the steps that lead us to freedom. The freedom that we celebrate today, as Miriam sings after the Crossing of the Sea of Juncos, is a collaborative freedom, as it has been said here: 'No one lets go of anyone's hand,' freedom that will continue until Shavuot, in which ethical freedom is celebrated, a covenant, with a social contract, that is given in the setting of receiving the Torah, from the Ten Commandments."

"In the famous scene where the sea opens up, the sea only opens up when everyone puts their foot in the water, all together, this movement in the sea is filled with reeds. What is the reed? It is the sea full of obstacles, but that we can cross, and the reed is the support on which we will make papyrus. What is papyrus? It is where one writes, it is the knowledge, it is the book. Freedom, justice, and our role go through knowledge and study. We are entangled by it. We go through knowledge."

"Miriam celebrates this course of knowledge: the more we know, the more we walk, the freer we become."

"There is a midrash, a Talmudic passage, which says 'It was by the merit of righteous women, that our ancestors were redeemed in Mizgian.' Mizgian is a word that we use for Egypt. I avoid saying Egypt and prefer to say Mizgian. Egypt is a contemporary, modern word. Mizgian has a meaning of borders that oppress, that imprison. So when you break with Mizgian, you break with your borders."

"We have several other important figures: the matriarchs Sarah, Rebekah, Rachel, and Leah, the three women of Shavuot, Naomi, Ruth, Orpah, and prominent figures, such as the daughters of Rashi. I would like to end with a message that we find in the Genesis narrative where God says that he created us, that the human being was created male and female at the same time, that is, equal. Judaism does not have a hierarchical representation of a relationship with God. There is no such thing, we are all equal, and in each generation, one is called to give his/her contribution."

SHIRLEY KRENAK:[17] Belongs to the krenak people of minas gerais state

Where are our roots grounded? Who are we? How can we strengthen ourselves as a group?

17 SHIRLEY DJUKURNÃ KRENAK is originally from the indigenous people who live in the eastern part of the state of Minas Gerais. She is a leader, a woman, and a native from Terra Brasilis. She is committed to the struggle of indigenous women, something inherited from her traditional name, Djukurnã: woman always willing. She currently runs several educational and indigenous culture promotion projects, and is the author of the books A onça protetora and Krenak ererré. She coordinates the Shirley Djukurnã Krenak Institute, a non-profit association created to contribute and assist social, cultural and socio-environmental activities.

"Who am I as a basis, who am I as a warrior, who am I, Shirley Krenak, as a mother, as a wife, as a leader, and in what way was this basis made, how and when?"

"24 hours a day, we are women who fight hard within our communities. 24 hours a day, we are women who do everything to keep all our history alive, all that we are, all that we have."

"24 hours a day, we fight to be heard, to be respected, and to have our rights respected every day."

"It is difficult, it is complicated, it is desperate, but what makes you feel you belong to this environment, to this universe, as a being called a woman? What makes you feel rooted as a woman in the face of all these obstacles, in the face of all these difficulties? Who are we, women? I have always heard from my father that, depending on what we live through, depending on what we go through, we can never stop being who we are."

"When we forget this essence within us, we stop being a rooted human being, and one of our concerns, as indigenous women, and I am part of a very large movement, is that people forget where they are stepping, regardless of whether they are a man or a woman, and so they end up forgetting who they are. And then it becomes difficult to fight, it becomes difficult to move forward, because the difficulties keep coming, the problems keep arising, and people keep lowering themselves. As my father says, if you see all this happening before your eyes and you bow down to evil, your body starts to bow down to evil. It is a sign that not everything is right. Things are not going well."

"What do you do to strengthen this basis? I connect to the universe because sometimes people forget to breathe, or to breathe when they get up, they forget to ask themselves if they are well, people forget to work on self-forgiveness, people forget the power of the sacred universe created by the Grand Master."

"We forget the essence that we have inside; people have no understanding of the basic sequence. What is the basic sequence within the Krenak vision? It means to value the history of who you are and where you come from."

"And there is no more wonderful being, with this power of broad vision, than being a woman. And that is because we have the eagle eyes, which are broad, which are alive, and in the face of all these difficulties, we need to strengthen these eagle eyes so we will be able to value what we have, to keep working, to keep living, and to keep seeking our rights as human beings."

"When we, indigenous women, get together to talk about our problems - which are many because we also suffer violence - we have to deal with femicide. Our territories are lost, we struggle with the loss of our relatives, we struggle with the military dictatorship. We have struggled with so many perverse things but the indigenous peoples are very strong, and what keeps us firm is our basis, because we do not forget who we are, and we do not forget our history. When human beings forget their history, it is because they are no longer part of this universe."

"When we talk about spirituality, or faith, or whatever it is about the magnificent power of the universe, we need to strongly think about

who we are. What are we doing to strengthen this basis? How can we move forward with all that we are living? How can we bring this spirituality to life? How can we bring out the power of faith? How can we affirm this feeling within us, to preserve and to care?"

"There are many good things, there are many actions to be done in the future, and this is very good because there is still hope in the human being's body. There is still hope in the human being's heart, and we, the indigenous peoples, believe that changes can be made. But as we are so few, do we need more people listening to us, to have an understanding of what does it mean to have faith? What does it really mean to have spirituality, what does it really mean to value your ancestry and to move all this power into positive work that can take away all the problems, especially the ones that we women, as rooted trees, can do in our world?"

"About spirituality, what does this power have? In addition, in what does it move us as human beings? What is your spirituality? In what ways can your spirituality strengthen your basis? Who are you, woman, as a rooted tree? Where is your root anchored? Does your root drink water? Does your root have soil? Is your tree fruiting? Because this is all that we, indigenous peoples, are doing as far as the process of collectivity is concerned. We are doing everything we can so that all trees, rooted women, can join hands firmly, empowered in the struggle. We need to seek a strong basis of personal, spiritual, essence rootedness."

Chapter 4

JOBANA MOYA ARAMAYO:[18] humanist movement

We Need To Deepen Our Spirituality So That We Can Meet, Talk, And Strengthen Ourselves, As Latin American Women, Who Drink From Various Sources, The Pacha Mama, Within The Quechua Culture, But Also Drink From Other Cultures, African Origin, And Indigenous Origin.

With Love, Very Beautiful Things Can Be Built, And Faith Is Key.

"Depending on the culture where you are born, you will have an understanding of what spirituality and faith truly mean. I am going to read a short excerpt from Silo's message[19]:"

> [...] the pain and suffering that we, human beings, the experience will recede if good knowledge advances, but not knowledge at service of selfishness and oppression. Good knowledge leads to justice, reconciliation, and to deciphering the sacred in the depth of consciousness.

"I think it is important to rescue the appreciation of diversity, the appreciation of these meeting points, of convergence, because, definitely, from where I stand, as an activist, in my personal life, for example,

18 Founding member of the Warmis-Convergence of Cultures Core Team. JOBANA MOYA is a Bolivian immigrant, siloist humanist, activist for active non-violence and non-discrimination, and an intercultural mediator.

19 Mario Rodrigues Luis Cobos, an Argentinean writer, aslo known by his literary mononym Silo, was the founder of the Humanist Movement.

I see the syncretism that exists, I am part of this syncretism. It is important to understand this within a process of decolonization of the territories, meaning reconciliation, and also to understand and comprehend where this faith comes from."

"Mother Earth, which is connected with everything in nature, with the sacred places, the deities, with so many gods, goddesses that are in our worldview. As a humanist, I understand that spirituality is where we all can meet."

"Because all religions try to find this place where the sacred is experienced, which is something profound in all of us. From this place, we go on strengthening, becoming more faithful, enabling faith to grow in others, and building up our faith in the world. Because faith is a transforming force that helps us progress, and hopefully it will help us progress in the coherence of thinking, feeling, and doing what we do, thereby rescuing this value that is present in all cultures. We speak as humanists: treat others as you would like to be treated."

"It is in this sense that all women are very important because it is in the communities where we are that we convey this spirituality, mainly to our children."

"Silo's message, which would be like a meditation, where people who believe or not in some religion, or from different religions, get together and get to meditate about certain things."

"Because I think it is lovely to share with people who practice the same religion as we do, but it is also important to empower and share

experiences of spirituality with other people who regardless of their beliefs have sacred experiences to share and let spirituality point to something sacred."

"As an activist, I understand that I cannot solely live a life without strengthening my spirituality and faith. Every day we hear of problems that are happening and it seems that hope is closing in and our faith is weakening. For me, it is very important how we strengthen this faith, and not only the individual faith but the collective faith as a community. Many times, as an immigrant woman, who is in someone else's territory, with people from other countries, including Brazilians, who have different beliefs, I can also mutually strengthen this faith. By sharing experiences that bring this spirituality, this sacredness that exists in all of us."

"I see how women are treated as objects in society. We forget the fundamental value that they have in sharing knowledge and wisdom and, especially, regarding sacredness. So I think it is extremely important to address these issues, not only in spaces where we talk about spirituality but in all areas. What drives our action? What makes me tick? Where does it come from? It comes from somewhere, it comes from the deep inside of us. And this depth has to be fed. How can I feed it?"

"There are three questions in Humanism: Where do I come from? Who am I? Where am I going? These three questions make time go round because for us time is not only linear. It is also circular. The three questions are always together, and this allows us to have another outlook on what is going on in our lives and the world."

"I think the interesting thing is the one that gives us meaning, the

one that is useful to life, the one that opens up the future, that opens up hope. This is very important. Such a faith that I can turn to when I am not well, when I am not feeling well, such a faith that I can turn to to help other people."

"We are all on this planet now, we are brothers and sisters. We didn't choose where to be born, we didn't choose the beliefs that we would later adopt as we grow up. But we can choose to overcome all violence, discrimination, and xenophobia. We can choose to truly love our planet and all that is on it, with us inside. We can choose, from the best of us. We intend to transform our lives and, hopefully, help transform in some way this world we all share."

"This will also nourish our faith in ourselves, our faith in humanity. May this process help us move forward, seeking equal conditions and opportunities for all, especially for women, who historically are subject to inequality because of a patriarchal system."

"May all human beings be given this condition of equality and opportunity. May our diversity be valued. May the things we believe in be respected, from the perspective of treating others as we would like to be treated."

"It is important that we, women, do not forget about our mission. Historically our role has been, in some way, to share knowledge, to share them orally with our sons and daughters in the communities where we are. It is very important to talk to as well as to listen to people. To get the best out of ourselves, especially by nourishing and expanding our affection. We have to reconcile with ourselves as well because there are

times that we treat each other as if we were enemies. We have to understand that we are on a learning path where we have intentions. We want things. We aspire. However, we are on a learning path and we are going to make mistakes. And that's okay. Through affection, very beautiful things can be built, and faith is key. We have to feed it every day. Feed it not only by doing our rituals but above all, feed it by putting it into the world, into actions that help others."

ANA ESTER PÁDUA FREIRE:[20] christian tradition

To challenge the empire, jesus asked: "if i have spoken evil, bear witness to the evil, and if i have spoken well why do you hurt me?" Sometimes all we need is an honest question, to rethink our faith to rethink our feminisms, our practices of justice, and our struggle for human rights.

"I speak from a Christianity experienced on the margins as well as womanhood lived on the margins of norms and regulations."

"Many times, I am not recognized as a woman, due to being a lesbian, and not only that, but also because I am a faggot, a truck driver, and a "bofinho"[21]. The fact that I do not perform femininity has prevented and

20 ANA ESTER PÁDUA FREIRE is a reverend, a queer theologian, and holds a PhD in Religious Sciences. She lectures on topics related to spirituality and sexuality, queer theology, and lesbian feminist theology. Journalist.

21 Pejorative expressions used to refer to homosexual women.

still prevents me from accessing various spaces. Now, you imagine a Christian lesbian or, as I often call myself, "Reverend Dyke". My Christian experience most often is discredited. After all, a Christian lesbian is a very big incoherence, not to say sin, crime, and pathology, for those people who still use tradition and faith against the diversity of life and the diversity of affections. So, maybe many of you do not know, but when this card[22], with my name on it, linked to the Christian tradition circulated, something very powerful was happening, a fissure in the very edifice of Tradition. By recognizing that non-traditional and non-hegemonic experiences of Christianity can also be inspired by the holy Ruah, by the Holy Spirit of God. This is a time of great hope. We gather here from different experiences of faith and different experiences of affection, showing, from our bodies, our speeches, and our struggles, that our plurality keeps our feminisms alive. After all, my Christian experience is an experience that takes place in an edifice that claims to be stable, but which in fact is unstable, it is crumbling."

"Therefore, rather than having secure bases, the experience of Christianity, based on sexual and gender dissidence always wants to dismantle the bases that once existed. Let patriarchy, sexism, and sexism fall. Once the bases of oppression have fallen, let us recreate other bases, now with no pretensions of stability, because life shows us that the fluidity of existence is revealed in this path and it is built while we walk."

"Therefore, to answer the posed question, about what are the bases of a religious experience for promoting and defending the lives and rights of

22 Event's publicity card.

all women, I would like to present an ethical basis from a biblical text. And here, I will solicit the permission of everyone from different religious traditions to use a Christian text that is in the Gospel of St. John 18, 19 - 24."

> The High Priest questioned himself about his disciples and their teaching. Jesus answered him: "I have spoken openly to the world, I have always taught in the synagogues and in the Temple, where the Jews gather, and I have said nothing in secret, why do you question me? What I have said, you may ask those who heard me: they know what I have said. At these words, one of the guards standing there slapped Jesus, saying: Is this how you answer the High Priest? Jesus answered him: "If I have spoken evil, bear witness to the evil, and if I have spoken well why do you hurt me?" Immediately afterward, Annas sent Jesus strapped to Caiaphas, the High Priest.

"Recently I was listening to the Irish poet Pádraig Ó Tuama about this text, and one word caught my attention: openly. Some other translations say publicly, frankly: Jesus claimed that he spoke openly to the world, that he said nothing in secret, on the road to death, Jesus kept speaking."

"I am an openly lesbian and an openly Christian woman. That is an explosive combination. How many of you here are perhaps not bothered by all this openness? 'Well, she could have come as a reverend, spoken, that's it, or else. Did she need to use terms like 'dyke' or 'trucker'?' And so on. I am openly lesbian and Christian, and at the end of the day, in my ministry, they will not be able to say that honesty was not the ethical

basis of my fight for the right to free experience of Christianity and for all sexual and gender dissident people. What may seem to be an outrage for some people, for me it is the good news of the Gospel. Jesus is for every man and every woman and everyone who believes."

"Back to the text: what has the empire done in light of Jesus' honest speech? The text states: 'One of the servants who stood there slapped Jesus, saying: so this is how you answer the High Priest?'."

"A slap! This is the systemic violence in the face of truth, the truth that challenges power and that challenges the policies of death. That is the slap in the face that we LGBTQIA+ people get many times when we stand honestly before the Christian tradition."

"Violence can also come disguised as mercy: how cute are these people, but you don't have to kiss in public, or you are welcome in our church, after all, God hates sin but loves the sinner. The violent relationships that are established between the church, or what pretends to call itself a church, and the LGBTQIA+ people are countless."

"Regardless of the slaps of the system, we speak openly; we do not hide anything, as the reverend founder of this church (Metropolitan Church) once said: 'The Lord is my shepherd and he knows that I am gay'."

"Jesus' response to the servant who slapped him was: 'If I have spoken evil, bear witness to the evil, and if I have spoken well why do you hurt me?'. Jesus was summoning the same openness and ethical honesty with which he was implicated. Tell the truth, is there any harm in what I

have said? Jesus was summoning the servant to a conversion, a conversion against the empire: between the cries of hosanna, from the Christian Palm Sunday, cries of crucifixion at Jesus' trial, there is an escalation of violence that reveals that in the face of the tensions that take place, among human relationships, honesty is a fundamental ethical basis for the promotion and defense of life and the rights of all women."

"Jesus, to challenge the empire, asked: 'If I have spoken evil, bear witness to the evil, and if I have spoken well why do you hurt me?'. Sometimes all we need is an honest question, to rethink our faith, to rethink our feminisms, our justice practices, and our struggle for human rights."

"So I ask you on this day: is there a place for me and all sex and gender dissident women in their struggles for women's rights?"

"I end this brief reflection by returning to the hope that I announced at the beginning of my speech: this space here, lovingly built for such important debates, does not end when the conversation ends, but continues in life, in our daily struggles, in which honesty is still an ethical value that gives us hope for the creation of other possible worlds."

"After all, as the lyricist rapper Emicida said: "what we need are clear ideas, a pure heart, feeling as a guide, and honesty as a religion."

MANAL OUNKHIR:[23] islamic tradition

23 MANAL OUNKHIR has a degree in Languages - Portuguese and English from the Federal University of Mato Grosso do Sul. Member of the Arab/Palestinian community..

Nowhere in the koran is there any indication stating that men should engage in any kind of violence against women.

"The word Islam that names our religion is derived from the Arabic word Salama, which means peace. We already see a contradiction. Many believe that it is one of the religions that let us say, strikes terror. This word means peace, purity, submission, and obedience. In fact, this obedience is voluntary to God's will, and it is obedience to God's law. So what does this mean? That this worship of God is free will. Many believe there is no such choice in Islam, that everyone is subjected to an oppressive, macho culture."

"When we imagine a Muslim woman, we probably think of a person dominated by an oppressive culture and submissive to the orders of a man. We also think that women have no right nor freedom of speech. Common sense thinks that every Muslim woman is subjected to a culture that covers her from head to toe. The idea that the Muslim woman has only obedience and devotion to the male figure has been consolidated."

"However, under Islam law, women play an essential role in society that is equal to that of men, and women are neither superior nor inferior to men. We, as followers of the Islamic religion, just like the Muslim men, women have free will; we are voluntary in the worship of God."

"In the Quran, our holy book, which has the words of God, there is a whole chapter dedicated to women. It is called An-Nisa, which means women. There are also the sayings and the teachings that come from

Prophet Mohamed, who is the messenger prophet of the Muslim religion. They all mention all the rights and the importance to protect women and the dignified respect that we deserve as well as the equality that must exist. Sometimes this is ignored by Muslims and also by non-Muslims."

"There is a list with many rights. 1,400 years ago, since Prophet Mohammed came, he was already establishing all these rights to be able to protect women, their equality, as well as protecting women as human beings."

"Many individuals use these comments to justify their violence, for example. Many Muslim men interpret some verses of the Koran in the wrong way, just so that they can take advantage of this misinterpretation and practice their violence and subjugate women. Many others use this religious rhetoric to justify their violence, but the Muslim religion has never preached, at any time, that men should practice some kind of violence. Nowhere in the Koran is there any indication that men should engage in any kind of violence against women. Always, in all lines that are dedicated to women, men must respect and always appreciate a woman, whether she is his wife or a friend."

"Some lessons that Prophet Mohamed set out for us Muslim women:"

1. "His relationship with his wife was always based on love and mutual respect. Throughout his life, he treated his wife the way a woman should always be treated, with love and respect. The Quran, in chapter 30 21, states: 'And it is among His signs that He has created for you wives from among yourselves, so that you may find tranquility in them, and He has created love and kindness between you. Surely in this there are

signs for a people who reflect.'."

2. "The prophet allowed women to play roles in society. Muslim women played important roles in the prophet's time. Even his wife, Aixa, was a scholar who used to express herself freely in public. Even after the Prophet Mohamed's death, his wife Aixa continued to pass on knowledge to her fellows who were men. Since she was the closest person to the prophet, she had the most experience and knowledge to pass on to future generations."

3. "He very much lifted the status of women. They were not only considered to be the property of men, they had their rights. They are worthy. They are recognized. He (the Prophet) gave special attention to women in his society. Because, previously, women were denied their rights. The Prophet said 'Best among you is one who is best to his wife.'."

ISABEL GUIMARAES:[24] spiritist tradition

The answer: where does the moral inferiority of women come from? In the spirits' book, codified by allan kardec, we find the bases and motivation to fight for justice and rights for women

24 ISABEL GUIMARAES has a master's degree in Medicine and Health from the Federal University of Bahia (UFBA), with a specialization in Analytical Psychology, and is a Jungian therapist.

Chapter 4

"I have been a Spiritist for more than 25 years. I tell you that there are difficulties for women in religion, whatever it may be, and in spiritism, it is no different. The enormous barriers are the walls created so that women cannot occupy spaces. They are also built among spiritists."

"Spiritism should be the least sexist religion of all; however, sexism reverberates in the spiritist movement in a very striking way. Why do I say this? Because for us spiritists, the spirit has no sex, that is, no gender Spirits reincarnate in male or female bodies, according to their evolutionary needs. Therefore, gender differences and these confrontations within our practice, in the practice of our faith and religion, should not exist; however, it does."

"The Spirits' Book is a book codified by Allan Kardec, which, I would say, is the book that has the whole spiritist conception. The conception that lays the bases and the foundations of spiritism. The book comrpises questions that he asked the spirits and the spirits answered. In question 818, asked in Paris (France) in the 19th century, Kardec asks: 'Where does the moral inferiority of women come from?'. From the question, you can already tell what the conception regarding women was like at that time. The answer is very interesting. Mainly from that answer, I get my motivation. His observations motivate me. For me, the answer given to the question is the foundation to undertake this struggle. The spirits said: 'From the cruel and unjust authority that men has seized over them. This is a result of social institutions and the abusive exercise of strength over weakness. Among morally inferior men, might makes right'[25]. So,

25 The Spirit's Book » Book Three – Moral Laws » Chapter IX - 8. Law of Equality » Equal rights for men and women » 818

the spirits are clear in their answer, the question is not a natural law, instead the inferiority of women is related to social institutions that end up reverberating in religious institutions."

"This also happens in spiritism. The absence of women occupying spaces and power seats in the movement is notorious and contradictory, opposed to the number of women who make things happen."

"We have a great number of women in the Spiritist Houses, in the spiritist centers, making these spaces actually work. However, when you go to the power spaces, decision-making spaces, councils, and boards, it is the other way around. I am one of the few women who speak out. We get a poster, a card, of some spiritist event, at a national level and even at a local level, and we see that some (events) do not have any women. Others have one or two women at most. This started getting my attention; and I would go to events and be the only woman to speak, the only woman to be at the table to speak. There is a fight for the empowerment of women, within the spiritist movement and in society, because, I think, we cannot take off, we cannot try to move the bubble, in the sense that we will break this only in the religious sphere because the religious being is a reflection of society."

"We also need to be present in the fights, as the spirits answer: in the social institutions, including the political fight, which I also engage in the sense of occupying the spaces, so that public policies can turn around this scourge from society. Just like structural racism, structural sexism also ends up echoing in institutions, and religious institutions are no different."

"I think there are issues that we need to face individually regarding our faith, in our intimacy, in our relationship with the sacred, with the Divine, as well as our struggles and limitations. We need to tackle everything in the pursuit of what we believe in. We have our faith on the horizon that pushes us forward. Some situations need to be faced as a group, the issue of sexism, for instance; we, women, need to face it together. Because individually we are weak; by ourselves we will not be able to change this society."

"In all testimonies given by representatives from different traditions, the notion that the basis of most faith traditions is made up of women prevails. However, still, in the 21st century, there is a failure to reflect, revisit or reassess the different theologies, so that women's experiences can be understood and included. As an expression of God's love, we women are daughters of God, just like our male brothers; therefore, we have the right to be treated with dignity and with no violence."

"New generations, especially the females, need to drink from religious sources, from spiritualities that reveal a sacred dimension that strengthens them. Dignity, law, justice, equality, roots are the divine forces that we find in all the arguments presented."

"Narratives that confirm that our gods, our divinities, our spiritualities, are not exclusionary, they do not suppress women. There is a primary unity between all beings which later cultures, interests, projects have sought to break."

"Getting to know these religious arguments about women is an imperative, a must-do task we must continue with. The religious history of

women has been silenced and continues to be silenced. A silence that becomes a cornerstone pillar for the patriarchal culture to perpetuate."

"Our justice circle needs to be built and strengthened by the ancestral experiences of spiritualities that were hidden and are now being revealed."

Chapter

5

ADVANCES AND CHALLENGES IN FAITH TRADITIONS FOR WOMEN'S RIGHTS

Since we are dealing with human organizations, we will always have to deal with ambiguities. Religious institutions, like any other, are made up of human beings, therefore, also filled with ambiguities, power conflicts, and, consequently, violence. Faith traditions are not always driven by the search for the common good. They are constituted by power interests both within themselves and in their struggle to obtain a privileged position in society.

When we talk about religions, churches, and their relationship with women, there are strong elaborations that hinder the advances already achieved by women in society.

When we talk about gender and religion or gender and religious institutions, there is a predominant understanding as if we are talking about two separately conceived worlds, one in opposition to the other.

Actually, gender is an analysis category, which emerged from feminist theories. It refers to an idea that was conceived in the 1990s. Throughout the 1990s, many churches, mainly those in the ecumenical movement, used this category to reflect on religious inequalities between men and women. However, in the 2000s the word gender is presented as a threat to Christian values, according to certain groups. Campaigns are promoted and funded with a lot of money, networks of conservative intellectuals influence the state and the churches to ban the gender perspective. Currently, the gender perspective, or “gender ideology” for conservatives is one of the main reasons for polarization in churches.

Among fundamentalist groups, there are sectors of religious organizations that pose as if they were the only defenders of a solid universal

morality, which would be under threat because of the emancipatory values that have been expanded in churches as well. Despite some resistance, some churches ordain women and there are churches in which women hold central roles, such as presidents, bishops, and synod heads.

Among other issues, gender elaborations address issues such as sexuality, sexual rights, and reproductive rights, as well as the role assigned to women, dimensions that have also been created by religious ideals.

The power structures in religious traditions are strongly based on patriarchal conceptions. In a rapidly changing world, in which the very structure of patriarchy is under threat, fundamentalist movements are reactive to the achievements of women, who comprise most of the participants and maintain almost every religion. The modernization of the ways to control women's lives, thoughts, and subjectivities can be a survival strategy for a weakened religious patriarchy.

Religious institutions, being part of society are questioned and at times take on ideas that come from that same society. As we mentioned before, religions are also permeated with ambiguities. In almost every religion, there is a sort of council/board that justifies the exclusion of women from power and decision-making spaces. As we discussed in the previous chapter, religions are permeated with androcentric and patriarchal contexts of power.

On the other hand, in almost every religious denomination, women have historically appeared as relevant protagonists of the main religious events that constitute the rites and celebrations of faith traditions. Wi-

thin the different religions, there have been women's movements questioning the laws and norms that excluded them. However, according to the voices that echoed throughout the conversation rounds, these experiences were silenced and, in the rare occasions when their strength did not allow the total exclusion of the history of these women in the sacred texts, they were invisibilized or stigmatized, which continues to happen. In Brazil, the hermeneutic criticism that contributed to the freeing of women emerged in churches, organizations, training institutes, Theology schools, diaconal and pastoral movements. Feminist theology and its theologians reveal the bases of inequalities built and justified by patriarchal theological elaborations. Through their faith experiences, they can develop other reflections that contribute to women's empowerment. The role of small ecclesial communities mostly made up of women, is recognized for breaking with a vision of subordination in churches. Commitments of basis communities, which are present in different churches, claim for better living conditions for women and society in general. Throughout Brazil, many of these women played a key role in creating what is now the Brazilian Unified Health System (SUS, Sistema Único de Saúde).

As women are in the majority within religions, they are the ones who ensure the inter-religious dialogue. The communal insertion of women and their need to support each other makes them interact with different religious experiences. This makes them protagonists of dialogue, sorority, and pursuit of the common good. Since the early days of religions, women have organized themselves and lived their faith experience on the margins of patriarchy. As much as the patriarchal violence has

tried to eliminate the female expression of the sacred, it has not succeeded. The roots of the sacred feminine continue to exist and are still present in the circles of inclusion led by women.

Women from all religions are committed to the common good. They call for public policies for everyone. Black women face racist violence and denounce the presence of a structural racism that manifests itself as a religious racism that has attacked Candomblé (an Afro-Brazilian religion) leaders and burned down their terreiros (meeting houses).

Based on seminars with women of faith attendance, we found that most of the work performed by women within religious institutions is still run by merciful and assisting practices. Projects that recognize, encourage, and fight for equal rights and justice for women are very rare.

The statements made by the seminar participants confirm this reality:

Voice 1: “We live in a society that is not prepared to support women. It is such an unequal society, a society where women, whoever they are, are still ignored. In my sharing experience with indigenous and black women, I see that there is inequality and injustice at all levels. Many of them do not know about their rights. Many times even the church does not operate favorably for women, who are not taken into account within their cultural reality nor within society.”

Voice 2: “It is very important to have women’s presence in the culture.

As a religious person, I speak of a sexist church. We are missionaries and we work in frontier places, but they will always say that a priest, who celebrates the mass, holds much more relevance, and, many times, these are the same communities that say that the priest's presence is more important, even if the sisters are the ones who work from the ground up. And in the hierarchy, because so far women do nott have access to many other jobs, we are left as servants and we can't go any higher. Here lies a question for us as Catholic religious women, who seek to be recognized or to have our work recognized as well as the work of lay women, who are very important within the Church. How far will this problem of a church that does not care about the service or work of women continue?"

"The women's ministry is 30 years old. Each time we ask for a space in the Church, it never happens, only hugs and prayers from the members. We are always asking to be granted the right to speak in some spaces and we are never allowed to do so. For example, to be able to speak at the groom's courses about domestic violence so we can talk to those women who are participating in such courses. They are not there just to clean the altar and iron clothes. The only thing that still happens is participation in the prayers of the faithful members and Holy Week as well as the women's mass on International Women's Day."

Voice 3: "We live in a conservative patriarchal and sexist Catholic church and, in this space, the Prison Pastoral Care, regarding women's issues, seeks to provide support and help on issues concerning these women who are deprived of their freedom. Everyone who feels like a woman, without discrimination, without prejudice of race, skin color, or

religion. We are aware that most women in prison are black, poor, and illiterate. According to Brazil's National Prison Department (DEPEM), 37,200 women are currently in prison in Brazil. Almost half of these women have not been convicted, meaning that they are innocent and we do not know why they are there. Why does the State like so much to kill us, to imprison us, to make us invisible? Because of this disrespect to women's lives, the National Prison Pastoral has already denounced this issue of mistreatment and torture against imprisoned women at the Inter-American Commission on Human Rights. Also, our major project today is getting those individuals who feel like women, out of prison. Our major challenge continues to be the vulnerable and torturing conditions in which these women live. We at the Prison Pastoral Care usually say that we have a dream just like God's dream, which is a world without prisons, as it is stated in John 10, 10."

"In the Evangelical churches, in Protestantism, and as a black woman, I realize that there is no place for us in the Evangelical church. We black women are made invisible in a general way, that is, in society as a whole. Within the evangelical religious community, the situation gets more dangerous, first because I understand that there is structural racism in this community. It is noticeable within the evangelical community. And I only mention this place because it is where I am. So we have a white theology which means that the white man took possession of God's name and has made all this misery. The evangelical movement brings an ideology that we are all equal, when in fact this man, especially the white man continues to be there at the top of the socio-economic,

pyramid whilst enjoying the privilege of Christianity that is actually of African origin. When you read mainly the Old Testament, you are reading Africa, [...] the theological seminaries, in their epistemic racism also make Africa invisible in the Bible and then we have this issue of a white Eurocentric theology and this is on purpose so that the black ethnic-racial identity is not mentioned either across evangelical communities. We black women belonging to the evangelical church, I ask: where is our place? It is the place of subservience, we are cleaning the temples, we are the ones in charge of the kitchen, and many times, we are prevented from holding leadership positions, just as when we observe the conventions, the assemblies, and there we see that there are no black women holding positions. Sometimes there is a black man though."

"I am going to briefly address the importance of this ecumenical commitment with the inter-religious dialogue also to strengthen women, whether they are organized within religious communities or in popular movements or social movements.

I wanted to share that speech made by a black Christian woman So-

journer Truth[26] who had been enslaved in the United States in the 19th century, she said “ain’t I a woman? ”:

> “Very well children, where there is too much noise something is out of order.
>
> I think that with this mixture of blacks (negroes) from the South and women from the North, everyone talking about rights, the white man will fall into line very quickly.
>
> Those men over there are saying that women need help getting on carriages, and should be carried across ditches and that they deserve the best place wherever they are. No one has ever helped me get on carriages, or jump over mud puddles, and I have never been offered any better place! And ain’t I a woman? Look at me! Look at my arms! I have sowed and planted and gathered the harvest into the barns, and no man could have ever been ahead of me. And ain’t I a woman? I could work as hard and eat as much as any man - provided I had the opportunity - and endure the whipping too! And ain’t I a woman? I gave birth to 3 thirteen children and saw most of them sold into slavery, and when I cried out in my mother’s

26 Sojourner Truth was born a slave in New York, under the name Isabella Van Wagenen, in 1797. She was freed in 1826, under the Northwest Ordinance, which abolished slavery in the Northern Territories of the United States (north of the Ohio River). Slavery in the United States, however, would only be abolished nationally in 1865, after the bloody war between the Northern and Southern states, known as the War of Secession. Sojourner lived for a few years with a Quaker family, where she had some formal education. She became a Pentecostal preacher, an active abolitionist, and an advocate for women’s rights. In 1843 she changed her name to Sojourner Truth. At the time of the speech, she was already a notorious person and was at the age of 54. The best-known version of the speech was collected by abolitionist and white feminist Frances Gage and published in 1863. This is the version translated here from several online sources. (Information herein was taken from Geledés Black Women’s Institute website. - https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/)

pain, no one but Jesus heard me! And ain't I a woman?

And now they talk about this thing in their heads; what do they call it... [someone in the audience whispers, "intellect"). That's it darling. What does that have to do with the rights of women and black people? If my glass is no more than a quarter full, and yours is full, why would you prevent me from filling mine up?

Then that little man in black over there said that women cannot have the same rights as men because Christ was not a woman! Where did your Christ come from? Where did your Christ come from? From God and a woman! The man had nothing to do with it.

If the first woman God made was strong enough to turn the world upside down on her own, all these women together here should be able to fix it, put it right again. And now that they are demanding to do that, men had better let women do what they want.

Thank you for listening, and now old Sojourner has nothing else to say.[27]

"Listening to you and remembering that incarcerated women have many reasons to ask our society, our churches: and I am not a woman?

27 This speech was delivered at the Women's Rights Convention in Akron, Ohio, USA, in 1851. At a meeting of clergymen where women's rights were being discussed. Sojourner stood up to speak, after hearing from pastors present that women should not have the same rights as men, because they were fragile, intellectually weak, because Jesus was a man and not a woman, and because, finally, the first woman had been a sinner. (Source: Geledés Organization at https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/

Feminist women have to ask this question so many times: and I, ain't I a woman? And so many other impoverished, marginalized, and excluded black women who need to affirm that they are human beings, that they are women, and that certain ideals of femininity that were built to imprison us, need to be reconsidered. They need to be knocked down so that all of us women can be women in all our Fullness."

"Women are not shy, [...], women have been intimidated, and churches sometimes are places of intimidation for women. I want to salute each of you for not being intimidated. And also to inspire other women to stand up and affirm that they are women, therefore they are subjects of rights."

"This is how we find numerous proposals and projects led by women within the churches themselves and spaces of spiritualities. These projects aim to improve women's living conditions in the territories in which they operate."

"But it should be noted that even if these works exist, this does not mean that there is full participation of women in these areas. They participate in the churches' tasks, but not yet in decision-making spaces."

Chapter

6

CRITICAL ANALYSIS: DIACONIA: TESTIMONIAL FOR FAITH AND RIGHTS OR WELFARE WORK OF CHURCHES?

Chapter 6

When we speak of interreligious relations, of spiritual and cosmovision diversities, an intrinsic dimension to all of them is the vocation of service to all people. It has to do with sharing, mutual help.

But throughout history, we have lived with different interpretations and practices about this dimension, which in different traditions is called diakonia.

When it comes to women, we would like to approach this dimension from their experience in these different spaces.

What would the implications be of a diaconal dimension that focuses on women? How would sharing be made? What would not be a task with a diaconal dimension?

It is a fact that in all religious spaces, movements, or traditions that prioritize the rescue of spiritualities, women represent most of the participants, but this does not always mean decision-making power within these structures.

Women are the primary consumers of the religious ideals they attend. They are also the ones who support the activities in these spaces with their commitment and responsibilities. They lead the accomplishment of tasks, especially in churches. They actively take part in activities, which involve caring for the sick, the elderly, patronal parties, children, raising funds, cleaning the premises, cooking, etc. We can say that, without women's work, these spaces would hardly be sustainable.

We found a diversity of practices related to women in the organizations that participated in our seminars. We notice that in most spaces,

a religious vision that assigns women their traditional role still prevails. The speech and religious practices continue to strengthen them in their faith so that they continue to exercise their role: self-denial, sacrifice, caring for children, father, mother, people with disabilities, the elderly. They are the natural caregivers, the ones who must sacrifice themselves for the family, the ones responsible, and the first to be blamed if something goes wrong in this universe.

There are other examples where women are involved, but they are still unable to overcome the bond of women to traditional roles. Projects focused on entrepreneurship, with products that are especially handmade so that they can contribute financially to the household expenses, but without any kind of critical approach to the situation of women's inequality.

Besides not contributing to their autonomy, this perspective also leads them to a triple working day, since many of them work outside the house, and now they have to dedicate another working time to the spaces of faith or spirituality. This approach adds more economic and emotional responsibilities.

The question that arises is? Is decent[28] work being done towards women? Is it contributing to the promotion of opportunities and quality, in terms of freedom, equity, security, and human dignity?

We also found that there are some, perhaps few initiatives that pro-

28 In 1999, among other issues, the International Labour Organization (ILO) incorporated the concept of decent work as a prerequisite for overcoming poverty and reducing social inequalities. This means promoting opportunities for men and women to achieve productive and quality work under freedom, equity, security, and human dignity.

mote women's capacity building from a sustainability perspective, which encompasses not only the economic issue but also from a gender approach to the empowerment and autonomy of women. This perspective prepares them to work on their self-esteem, dignity, rights, and affective independence.

This reality of a diversity of practices that we find in women's work leads us to a discussion about the responsibility of these spaces towards women. One option is to continue being the reproducing spaces of a theological religious ideology that educates women to be passively subjected to violence, as if this were a natural condition of their roles, to be the sacrificed ones, the ones who forget about their own lives, the ones who refuse to live fully to be devoted to others, the subordinated ones in all spaces of society, the ones who do not have their rights recognized or respected. Alternatively, doors and windows may be opened to the glaring reality of women, allowing themselves to be addressed by studies, new practices, and new winds that affirm that the situation of poverty and subordination of women in society and churches is the result of a socially created gender inequality, and in fact, this can change.

We can see two approaches that uphold practices regarding work performed by women and their implications:

A first approach comprises the assistentialist practices, which are characterized by immediacy and lack of an organized proposal to discover the roots of the problem and tackle its causes. These are practices in which one's survival prevails. They do not develop individuals who are critical and capable of questioning the system that generates ine-

quality. Instead, they leave the masses uncritical and reliant on crumbs to survive. Assistentialism does not offer a way for people to get out of their miserable condition, because it generates momentary relief and it ensures that the system keeps generating more miserable individuals.

Generally, because of these assistentialist practices, many organizations or institutions guarantee their permanence in society, and this happens in two ways: they become the breeders of mentalities that sustain these systems of oppression that create the needy who, at the same time, constitute this faithful population that permanently needs their care and assistance. In general terms, they are aid and donation actions without a true commitment to transform this reality. Thus, practices that exclude all possibilities of critical analysis regarding their social reality.

In contrast, a service that has the diaconal dimension as its horizon is based on a different perspective.

The following approach to the meaning of diakonia seems interesting: "In the Christian context, the meaning of the word diakonia changed when Jesus identified himself as the one who came to serve and give his life to save many people[29]. Diakonia is no longer perceived as an act of submission (serving at a table fulfilling a task assigned by someone) but instead, it is perceived as an act of liberation (service that empowers and transforms exclusion places into communion spaces). [30]

29 Cf. Marcos 10.45.

30 CADERNO Justiça de gênero e diaconia transformadora: superando violências e preconceitos. São Leopoldo, RS: Fundação Luterana de Diaconia; Programa de Gênero e Religião das faculdades EST, 2016. p. 9.

The horizon of a practice that adopts the diaconal sense act of liberation becomes evident. This implies a duty, an action committed to the liberation and transformation of reality.

In this sense, it is still a must to reflect thoroughly about our human action, in all senses, especially in matters that have to do with women. For this reason, we need to dismantle the foundations that uphold the continuity of injustices and inequality. There can be no work today that has women at its center, without a deep commitment to the strengthening of their rights and their autonomy as a priority.

Diakonia without commitment to justice and women's rights does not exist. This is because the individual who still defends and builds structures that prevent a decent life for women, shall not sit at the table.

The diaconal sense has a prophetic character, that of calling out and announcing a new heaven and a new earth, and it is in the diversity of just social relations that we can fulfill the sense of serving, which creates conditions for a better humanity. From this point of view, working for women's rights and justice is an essential step for the strengthening of their dignity.

Commitment to liberation and transformation of social reality towards a better world, according to Paulo Freire's[31] ideology, implies assuming that we are plural beings and living in a plural reality. No one can be excluded from the table without breaking the diaconal sense.

It is important to establish a connection between the sense of diako-

31 FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

nia, culture and good-living principles. Emerging from the indigenous Kichwa cosmovision, it proposes a civilizational rupture to build truly solidary, sustainable, and democratic societies, “it suggests harmony with nature, reciprocity, relationality, complementarity, and solidarity amongst individuals and communities, and it opposes the concept of perpetual accumulation, with its return to use-values, the good living, an idea under construction free of prejudices paves the way towards the formulation of alternative views of life”[32].

32 ACOSTA, Alberto. Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Ed. Autonomia Literária; Ed. Elefante, 2016.

Capítulo

7

INTER-RELIGIOUS CIRCLE OF WOMEN FOR LAW AND JUSTICE

We celebrate our life and our work, rescuing symbols and traditions from our ancestors that contribute to the strengthening of women's lives.

We rescue the circle's meaning, as a mystical process that nourishes our life. Searching in the memory, in life stories around the circle, the meanings for our life; circle with women, which goes through sorority, the sacred feminine, being together, not to let go of anyone's hand.

The circle's rhythm and symbol, the unity in diversity, with a harmony full of enchantment and beauty. But that is often broken when destructive elements come in and disharmonize this wheel of life.

It is necessary to continue rescuing the circle's meanings in our lives, the circle that involves conquering rights and justice.

REFERENCES

ACOSTA, Alberto. Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Ed. Autonomia Literária; Ed. Elefante, 2016.

BIROLI, Flavia; QUINTELA, Débora Françolin. Mulheres e direitos humanos sob a ideologia da “defesa da família”. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). Governo Bolsonaro. Retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. posição 5175. E-book.

EVARISTO, Conceição. My Rosary In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FIORENZA, Elizabeth Schüssler. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. Revista Concilium, Rio de Janeiro, Vozes, n. 281, p. 3, 1999.

GALEANO, Eduardo. La naturaleza no es muda. Montevideo: Brecha, 2008.

STANTON, Elizabeth Cady. The Woman’s Bible Translation by Ruth Barros. Org. Bianca Daébs Seixas Almeida. São Leopoldo, RS: CEBI; Livraria Anglicana, 2019.

VISÍVEL e invisível: a vitimização das mulheres no Brasil. 3. ed. São Paulo: Fórum de Segurança Pública; Data Folha, 2021. Available at ht-

tps://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf,. Accessed on: July, 5 2021.

TRUTH, Sojourner. Eu não sou uma mulher? Available at Portal Geledés, https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/, accessed on Oct 05, 2021.

WWW.CONIC.ORG.BR